

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUC-SP  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

RENAN RACY

**‘Ainda que seja loucura, há nela certo método’: o inconsciente segundo Matte-Blanco**

Mestrado em Psicologia Clínica

**SÃO PAULO  
2024**

RENAN RACY

**‘Ainda que seja loucura, há nela certo método’: o inconsciente segundo Matte-Blanco**

Mestrado em Psicologia Clínica

Exame de Qualificação apresentado à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica sob a orientação do Prof. Dr. Renato Mezan.

Núcleo: Método Psicanalítico e Formações da Cultura

**São Paulo  
2024**

Banca Examinadora

.....  
.....  
.....

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001.

Aos meus pacientes, que possuem a  
generosidade de confiar a mim suas loucuras  
privadas e a coragem de encarar suas  
essências no espelho.

## Agradecimentos

Ao Prof.Dr. Renato Mezan, que com sua sagacidade e sensibilidade me acolheu e estimulou na escrita deste trabalho, aceitando minha aposta em um tema tão distinto. Por sua vasta obra na psicanálise, cujos livros me serviram como inspiração durante meus anos de graduação.

À Dra. Georgina Faneco Maniakas, pelas valiosas contribuições na banca de qualificação. Por ter tido paciência e firmeza, nos estágios, nas disciplinas e nas orientações da graduação. Por ter pego um adolescente recém saído do ensino médio e tê-lo transformado em um aspirante à pesquisador em psicanálise.

À Dra. Elisa Maria de Ulhôa Cintra, pelas precisas e instigantes contribuições na banca de qualificação. Pelas aulas nas quais sentia vivo seu interesse pela psicanálise, me contagiando com a vontade de saber mais.

Ao *Institute of Psychoanalysis*, de Londres, especialmente o Sr. Ewan O'Neill, por terem demonstrado interesse nesta pesquisa e disposição para colaborar com a mesma.<sup>1</sup>

Ao Sr. Ignacio Gerber, que tão gentilmente cedeu seu tempo e sua história para mim. Por ter tido a ousadia necessária para traçar uma trajetória tão singular no meio psicanalítico.

À Bruna Jandoso, por toda a parceria, amor e confiança em minhas capacidades, mesmo quando eu duvido delas. Eu já existia há muito tempo antes de conhecê-la, mas somente ao seu lado compreendi o que é viver. Obrigado por transformar tanto caos em beleza.

À minha mãe, Tânia Maria Vieira Racy, que sempre teve paciência para me ensinar as lições da vida. Por ter me passado o dom da poesia, fazendo com que o mundo seja sempre mais que apenas coisas. Ao meu pai, Jorge Chedid Racy, pela herança da paixão pelos números e por ter me criado de forma a sempre encarar a realidade, me fazendo ver que insatisfação e ambição são motivações. Todos os passos que dou na vida são possíveis pelo caminho que antes vocês traçaram.

À Adelia Caetano, pelo abacaxi e pelo quadro.

Ao Dr. Ronis Magdaleno Jr., por me ajudar a construir minha identidade como psicanalista, me lembrando sempre que as células cancerígenas são as mais vivas. Por aceitar, com não muita paciência, meus incessantes flertes institucionais. Infelizmente

---

<sup>1</sup> To the Institute of Psychoanalysis, London, especially Mr. Ewan O'Neill, for showing interest in this research and willingness to collaborate with it.

as plantações de arroz ainda falam mais alto.

Às profissionais do CAPSij de São Carlos, especialmente Alexandra Dall'Antonia por me fazer sentir confiança em mim mesmo; Marília Pessali, por me aceitar em todos os desafios que apareciam e pela parceria neles; Mariana Macedo, pelo carinho e por dividir os adolescentes da quarta-feira comigo. Se me sinto seguro todos os dias ao sentar no consultório, é por saber que carrego vocês comigo.

À minha avó, Badia Chedid Racy, pelo sangue nômade que me ensinou que o mistério do desconhecido é mais interessante que o conforto. Por me ensinar que dois ingredientes que se misturam criam algo novo, em um processo irreversível.

À Larissa Benedito, pelas incontáveis horas de conversas e companhia nas viagens à São Paulo, tornando as manhãs interessantes e toleráveis. Pela animação e disposição invejáveis. À Camila Rennhard Bandeira de Mello, por me lembrar que, se prestarmos atenção, podemos ver que basta uma rachadura no mais escaldante dos asfaltos para nascer uma flor, sua delicadeza e palavras me fizeram companhia em toda essa jornada. À ambas, muito obrigado.

Aos colegas do LELU, da PUC-SP, por serem pessoas tão apaixonadas e com trabalhos tão fascinantes. Por acolherem um estranho no ninho de vocês. Claro, pelo Rio de Janeiro.

Ao meu irmão, José Erbolato, pelo privilégio de existir nesta história ao mesmo tempo que você. Sempre foram nossas incontáveis conversas e trocas que me fizeram sentir pertencimento neste mundo. Por sua causa, nunca houve espaço para solidão.

À Irene Steger, por me receber, cuidar e me fazer sentir como um filho. Em meus pensamentos, sobre você, só consigo me lembrar da palavra "lar".

Ao Taisuke Akzac, por me ensinar que destino é uma força imparável, e que é nosso dever conquistar a força para alterá-lo conforme nosso desejo.<sup>2</sup>

Ao Felipe Nehmi, por me ajudar a me manter calmo e não me perder no personagem. Foi avisado de que esta encenação perduraria.

À Giuliana Valentim, por essa macabra amizade de tão longa data e pelo senso de humor, demasiadamente parecido com o meu. Aprendi que se conta nos dedos as pessoas que levamos para a vida, fico feliz que seja uma delas.

Ao Gustavo Fazion, por me encantar com seu afeto e com as bizarrices; à Giovana Valentim, pela doçura na hora certa e pelo sarcasmo, também na hora certa;

---

<sup>2</sup> 運命は止められない力であり、それを自分の望みに合わせて変えるための力を身につけることが私たちの義務であることを教えてくれてありがとう。

ao Gabriel Andrade, pelo ânimo para ir aos eventos que ninguém mais aceitaria e me permitir usá-lo de desculpa. Aos três, obviamente, pelo *gameplay*.

À você, que não lerá estas palavras, mas que prometi que estaria nelas. Em breve nos encontraremos. Por absolutamente tudo, obrigado.



*A Flor da Vida é um símbolo de geometria sagrada composto por múltiplos círculos sobrepostos, formando um padrão infinito. Encontrado em diversas culturas antigas, é considerado um reflexo da estrutura fundamental do universo. Seu design representa a interconexão de toda a vida e o ciclo da criação. Na antiguidade, o símbolo estava presente em templos egípcios, simbolizando a unidade e a interconexão, onde cada círculo representa como tudo está interligado por padrões que se interpolam e extrapolam.*

*“Chego, agora, ao centro inefável de meu relato; começa, aqui, meu desespero de escritor. Toda linguagem é um alfabeto de símbolos cujo exercício pressupõe um passado que os interlocutores compartilham; como transmitir aos outros o infinito Aleph que minha temerosa memória mal consegue abarcar? Os místicos, em transe análogo, multiplicam os emblemas: para significar a divindade, um persa fala de um pássaro que de alguma forma é todos os pássaros; Alanus de Insulis, de uma esfera cujo centro está em toda parte e a circunferência em nenhuma; Ezequiel, de um anjo de quatro faces que ao mesmo tempo se volta para o oriente e para o ocidente, para o norte e para o sul. (Não em vão rememoro essas inconcebíveis analogias; alguma relação têm com o Aleph.) Os deuses não me negariam, talvez, o achado de uma imagem equivalente, mas este informe ficaria contaminado de literatura, de falsidade. Além disso, o problema central é insolúvel: a enumeração, mesmo parcial, de um conjunto infinito”*

(Jorge Luis Borges, “O Aleph”)

RACY, R. **'Ainda que seja loucura, há nela certo método': O inconsciente segundo Matte-Blanco**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2024.

**Orientador:** Prof.Dr. Renato Mezan

## **RESUMO**

O inconsciente é uma das pedras angulares da teoria psicanalítica. Proposto por Freud, esse conceito foi estabelecido pela apreensão de que os dados perceptivos não são toda a realidade do indivíduo, existe uma realidade psíquica, formada pela imagem do mundo objetivo, mas que não é totalmente correspondente ao mesmo. O inconsciente estabelece que aquilo que é cognoscível é meramente um fragmento do sujeito, não sua totalidade. Dentro dos autores que desenvolveram o conceito de inconsciente, partindo da teoria de Freud, está Matte-Blanco. Inserido dentro de uma linha de psicanalistas que postulavam a compreensão de que o inconsciente possui uma lógica própria, o autor se utilizou da teoria freudiana, para desenvolver pressupostos originais. No entanto, sua teoria não recebeu atenção na América Latina. Este trabalho possui o objetivo de apresentar os conceitos principais deste autor e explorá-lo, trazendo à luz uma obra vasta e influente que está ignota. Para tal, é fundamental a compreensão do contexto histórico e do momento da teoria psicanalítica em que essa obra foi desenvolvida. Na clínica contemporânea nos deparamos com pacientes que desafiam o setting clássico e o fazer psicanalítico mais ortodoxo, os quais denominamos casos limite. O pressuposto principal deste trabalho é que a obra de Matte-Blanco possui uma apreensão da lógica do inconsciente que nos permite uma visão da clínica contemporânea inovadora, justamente por observar o inconsciente não como uma estrutura, nem um estado ou energia, mas como uma lógica de funcionamento. Caso o inconsciente fosse totalmente apreensível, seria consciente. Caso o inconsciente fosse totalmente inapreensível, caótico, o trabalho da análise seria impossível. Sendo assim, o inconsciente deve ser regido por uma lógica própria.

**Palavras-Chave:** Psicanálise; Matte-Blanco; Inconsciente; Lógica; Clínica contemporânea;

RACY, R. **'Though this be madness, yet there is method in 't': The unconscious as described by Matte-Blanco.** Dissertation (Master in Clinical Psychology) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2024.

Thesis director: Prof.Dr. Renato Mezan.

## **ABSTRACT**

The unconscious is one of the cornerstones of psychoanalytic theory. Proposed by Freud, this concept was established by the realization that perceptual data do not constitute the entire reality of the individual; there is a psychic reality formed by the image of the objective world, which does not completely correspond to it. The unconscious asserts that what is knowable is merely a fragment of the subject, not its entirety. Among the authors who developed the concept of the unconscious, building on Freud's theory, is Matte-Blanco. Part of a line of psychoanalysts who postulated that the unconscious possesses its own logic, the author utilized Freudian theory to develop original assumptions. However, his theory did not receive attention in Latin America. This work aims to present and explore the main concepts of this author's theory, bringing to light a vast and influential body of work that remains largely unknown. For this purpose, it is essential to understand the historical context and the state of psychoanalytic theory at the time this work was developed. In contemporary clinical practice, we encounter patients who challenge the classic setting and the more orthodox psychoanalytic approach, referred to as borderline cases. The main premise of this work is that Matte-Blanco's theory offers an understanding of the logic of the unconscious that provides an innovative view of contemporary clinical practice, precisely because it sees the unconscious not as a structure, state, or energy, but as a logic of functioning. If the unconscious were entirely apprehensible, it would be conscious. If the unconscious were entirely inapprehensible and chaotic, the work of analysis would be impossible. Therefore, the unconscious must be governed by its own logic.

Keywords: Psychoanalysis; Matte-Blanco; Unconscious; Logics; Contemporary Clinical Manifestations;

## **Lista de Ilustrações**

Figura 1: Relação realidade psíquica e realidade externa.

Figura 2: Esquema dos pólos perceptivo-motor.

Figura 3: Esquema dos pólos perceptivo-motor, com os traços mnêmicos.

Figura 4: Esquema final do aparelho psíquico na primeira tópica.

Figura 5: Relação realidade psíquica e realidade externa, com a soma da projeção.

Figura 6: Formação do objeto fetiche pela projeção.

Figura 7: Zona da transferência no complexo de conjuntos.

## SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO.....	15
2. INTRODUÇÃO .....	17
3. PSICANÁLISE, AINDA .....	21
4. O ALICERCE, FREUD .....	26
a. A Histeria e a Teoria do Trauma .....	26
c. A Compulsão à Repetição e a Neurose Traumática .....	31
d. O primeiro modelo de aparelho psíquico .....	33
e. O Consciente .....	34
f. O Inconsciente .....	34
g. Os Sonhos e a Censura .....	35
5. O EXTERNO E O INTERNO, FORMULAÇÃO DE UM IMPASSE.....	39
6. O FETICHE, UM CURTO CIRCUITO .....	42
7. IGNACIO, O MÉDICO.....	46
8. MATTE-BLANCO, O PSICANALISTA.....	49
a. O Princípio de Generalização .....	50
b. Assimetria .....	51
c. Simetria .....	53
d. O modelo estratificado.....	54
i. O Paradoxo dos Números Reais .....	54
ii. Entre Eu e o outro, 1 e 2 .....	55
iii. Entre o afeto e o pensamento .....	57
iv. Os cinco estratos – um modelo para fins didáticos .....	58
9. CASOS LIMITE .....	59
a. Dinâmica e transferência .....	59
b. Crise e potência criativa .....	61
10. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	74
REFERÊNCIAS.....	81
APÊNDICE .....	85
a. “Expressão na lógica simbólica das características do sistema lcs. ou a lógica do sistema lcs.” .....	85
b. “Entre Nuvens e Fundações: Do infinito do psicanalista, à singularidade do Sujeito – Entrevista com Ignacio Gerber” .....	98

## 1. APRESENTAÇÃO

Esta pesquisa teve como objetivo se debruçar sobre a teoria do inconsciente desenvolvida por Ignacio Matte-Blanco. Não só suas contribuições para o campo da psicanálise, mas também seu movimento como autor dentro do campo psicanalítico e sua relação com a teoria freudiana. O objetivo final foi a utilização dos conceitos principais de sua obra para o estudo de configurações clínicas contemporâneas.

Nascido na década de 90, faço parte da geração que cresceu nos seus primeiros anos de vida sem o acesso à tecnologia de ponta. Porém, ainda jovem, a difusão dos aparelhos celulares e da internet transformou o estilo de vida e a dinâmica das relações de forma abrupta e, inevitavelmente, irreversível. O desenvolvimento tecnológico é exponencial, de forma que algumas centenas de anos atrás se dependia de animais de cerco para o trabalho de lavoura e a locomoção; hoje nos deparamos com notícias de trens eletromagnéticos que “flutuam” nos trilhos a velocidades surreais, e as máquinas dominaram o campo do trabalho braçal.

Uma divagação histórica deveras interessante que apresento para introduzir o percurso que me trouxe ao desenvolvimento desta pesquisa, nada mais. Uma tarde ociosa, pesquisando artigos sobre psicanálise mundo afora, me deparo com um nome que antes nunca havia ouvido falar: “Ignacio Matte-Blanco”. Uma breve pincelada no que pude encontrar facilmente me fez, como qualquer psicanalista o faria, passar batido pelo autor que se utiliza de modelos matemáticos para explicar o mundo psíquico.

Alguns meses se passaram sem que eu voltasse ao assunto, porém em uma busca completamente não correlata, dessa vez sobre o movimento psicanalítico na Itália, novamente o nome aparece: “Ignacio Matte-Blanco”. O artigo que referenciava o autor não era, no entanto, sobre teoria psicanalítica ou psicopatologia, como se esperaria, era um artigo intitulado “Simetria em cálculo sequencial e a Bi-lógica de Matte-Blanco” (Battilotti, 2014). Resumidamente, o artigo propõe que a utilização do conceito de condensação do pensamento inconsciente, na especificidade proposta por Matte-Blanco, é o melhor modelo para a compreensão de cálculos diferenciais em física quântica, promovendo uma ampliação da capacidade computacional dos computadores modernos.

Se meu leitor entendeu poucas palavras do parágrafo anterior, não se assuste, me parece a experiência normal para um psicanalista, e me incluo nesta gama. O que tento argumentar aqui é o fato de que as características do inconsciente, em sua versão ampliada por Matte-Blanco, têm sido amplamente utilizadas em departamentos de matemática, física e computação, de universidades renomadas, para o avanço tecnológico (Selesnick & Owen, 2011; Tonti, 2014; Iurato, 2014; Maksim, 2020).

Agora o psicanalista em mim, temeroso das ciências naturais, já havia sido superado pelo pesquisador. Em diálogo com diversos colegas, professores, supervisor, analista, ou seja, pessoas em sua maioria mais experientes do que eu, praticamente nenhuma havia ouvido falar deste autor, com a exceção de um colega que encontrou, jogada às traças nos arquivos da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Campinas, uma edição da *Revista Psicoanálisis de la Asociación Psicoanalítica Colombiana* de número temático, datada do ano de 2016, cujo autor do tema era este.

De todas as dúvidas que surgiram, emanou uma única certeza: Ignacio Matte-Blanco foi, é e a ainda será um autor influente, estudado em diversos campos do saber, nos mais variados contextos culturais. Identificando um vazio histórico/teórico, anexo uma curiosidade incessante, a realização deste trabalho era inevitável. *Alea jacta est.*

Um esclarecimento deve ser dado sobre o tempo verbal utilizado na pesquisa quando falamos de fenômenos clínicos. Na língua portuguesa existe uma flexão verbal que denominamos *subjuntivo*. Esta flexão é utilizada para a construção de narrativas que expressam dúvida ou incerteza, possibilidades com fundamentos, porém nunca uma afirmação exata. Ora, optei pela utilização deste tempo verbal para atestar que não existem casos clínicos nesta pesquisa. Quando se escreve um caso clínico, o autor pode optar por uma via de esclarecimento com o paciente, o que sempre causa alguma modificação na transferência, ou optar por utilizar um amálgama de diversos indivíduos e construir um exemplo. Estou mais próximo do segundo do que do primeiro. Não se deve cometer o equívoco de imaginar que é uma escrita de ficção. É apenas uma incerteza com base em vivências prévias.

A utilização do *subjuntivo* no trabalho tem então duas funções: a primeira, garantir que haja uma generalização nos exemplos que levem ao pensamento clínico, facilitando para o leitor que ele mesmo possa articular a teoria construída aqui com sua prática clínica; a segunda, a não utilização de material direto que acarretaria em

transformar isto em uma exposição clínica. Para o leitor curioso, isso será suficiente para nutrir sua imaginação. Para o leitor que é psicanalista, assim como eu, isso será suficiente para sua elaboração psíquica.

A presente pesquisa possui vinculação com o projeto guarda-chuva do Prof. Dr. Renato Mezan intitulado “O Método Psicanalítico na Clínica *Stricto Sensu*”. O Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC-SP tem assumido os compromissos para desenvolvimento sustentável propostos pela ONU, voltando-se para a Agenda 2030 e os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Este trabalho possui como objetivo analisar e resgatar conceitos teóricos que possam de alguma forma contribuir de maneira a produzir diretivas de manejo e desenvolvimentos de técnicas terapêuticas segundo as diferentes linhagens teóricas da psicanálise articuladas com as clínicas correspondentes.

## 2. INTRODUÇÃO

Na clínica contemporânea nos deparamos, cada vez mais, com os pacientes *borderline*<sup>3</sup>, pacientes que nos apresentam como característica marcante um “prejuízo” na função de representação. Esse prejuízo nos caracteriza indivíduos com comprometimento nas funções secundárias, um empobrecimento do Eu, uma realidade psíquica embrionária. Cito Tanis (2017, p. 22):

As situações atuais de excesso, fragmentação e paradoxos vinculares, entre outras da chamada condição pós-moderna, guardam correlação com a predominância do ato-sintoma e não favorecem a capacidade de simbolização e a função onírica (...) Nesse contexto, ficaria cada vez mais difícil - como nos mostram as configurações não neuróticas: *borderline*, bulimia e anorexias, adições, patologias do vazio, etc. - construir um ideal de ego e um projeto identificatório.

Foi por meio do trabalho com a clínica da adolescência que me veio à luz a grande quantidade de manifestações deste tipo. Essa intensa manifestação clínica despertou interesse e curiosidade, ao mesmo tempo que um verdadeiro desconforto para trabalhar com uma gama de pacientes onde o *setting* clássico e a técnica ortodoxa não parecem funcionar de forma satisfatória (Green, 2017). Esse prejuízo

---

<sup>3</sup> Na literatura encontramos diversas maneiras de nomeá-los: Pacientes limite, casos limite, *borderline*, estado limite, limítrofe, não neurótico. Sendo assim, utilizarei apenas o termo “*casos limite*” a fim de facilitar o diálogo com o leitor.

na capacidade de simbolização compromete a possibilidade de elaboração pela linguagem, as metáforas saem da cena e permitem a ascensão dos paradoxos, habitat natural do inconsciente.

Em meu trabalho com esses pacientes sempre me saltou os olhos e gerou turbulência a dificuldade dialógica do processo, dificuldade essa que em muitos momentos parecia resistência à análise, mas que, como a experiência veio demonstrar, se mostrava como prejuízo desse recurso psíquico. Assim desperta uma curiosidade que a literatura parece não abarcar, qual a lógica do funcionamento do inconsciente nesses pacientes? Seria a diferença entre consciente e inconsciente uma estrutura, ou um ato psíquico em particular? (Ferenczi, 1920/2011).

Ora, sem dúvidas diversos autores já trabalharam com essa questão. As obras de Sándor Ferenczi, D.W. Winnicott e André Green estão repletas de técnicas e teorias que nos embasam para a compreensão do irrepresentável e dos casos limite, trabalhos que se estabelecem na transferência e na contratransferência, interpretações de *acting out*, procuras pelos traumas pré-verbais, etc (Levine; Reed; Scarfone, 2019). Em todo esse caldeirão metapsicológico, na inovação de conceitos, na exploração de novos horizontes, corre-se o risco de perder de vista a base de todo esse edifício. Para compreender esses desenvolvimentos contemporâneos existe uma necessidade fundamental de retomar a estrela da manhã da psicanálise: o inconsciente e sua lógica.

Por esse motivo recorro à Matte-Blanco, autor que manteve sua raiz em Freud e que foi capaz de desenvolver uma teoria própria deste tópico, está inserido em uma linha de autores cujo objetivo era compreender como é o reino do inconsciente: seu funcionamento, sua lógica, sua função. Sua teoria foi inovadora a ponto de despertar o interesse de outros grandes nomes da psicanálise como, por exemplo, Jacques Lacan que afirma que Matte-Blanco foi o responsável pela introdução e compreensão do campo da matemática na psicanálise (Lacan, 1964). Autor esse no qual fica evidente, a partir de seu Seminário Livro XI<sup>4</sup>, a implicação da teoria de Matte-Blanco.

O motivo de se utilizar da matemática é simples: “no fundo, ambos infinito e inconsciente são tentativas humanas, independentes umas das outras, de

---

<sup>4</sup> Chamo a atenção para o fato de que esta citação foi suprimida nas obras de Jacques-Alain Miller, de forma que, é extremamente raro encontrar um psicanalista de orientação lacaniana que conheça Matte-Blanco.

compreender algo que é indivisível e, conseqüentemente, impensável (Matte-Blanco, 1988, p. 69). Caso a psicanálise encontrasse correspondência na matemática, uma das ciências mais básicas da organização humana, encontraria validação e acesso universais. Vale lembrar também que, a matemática, fruto de um processo do pensamento, é tão válida para a compreensão do ser humano quanto qualquer outra produção cultura, afinal, é também um subproduto da civilização.

Além dos italianos e franceses, Matte-Blanco encontrou um grande correspondente na Inglaterra, Wilfred Bion. Ambos autores se conheceram tardiamente, e, apesar de ambos trabalharem com a matemática, partiam de pressupostos epistemológicos diferentes. Por esse motivo podemos dizer que as teorias de Matte-Blanco e Bion são paralelas, porém não absolutamente convergentes. De forma que seria um equívoco considerar Matte-Blanco um pós-bioniano. Essa afirmação seria o equivalente a dizer que Santos Dumont é um “pós – irmãos Wright”.

De qualquer forma, ambos se conheciam e reconheciam a validade de suas teorias, uma amizade e respeito eram cultivados por ambas as partes. Cultivado de tal maneira que a filha de Bion, Parthenope Bion Tálamo, dedicou parte de sua tese de doutoramento, publicada como *“Metapsicologia y Metamatemática”* a estabelecer alguns pontos de concordância e divergência entre as teorias de ambos autores. Segundo a mesma autora, a opinião de Bion sobre Matte-Blanco era a de que ele reconhecia, na obra desse autor, o melhor ponto de partida para a compreensão de suas próprias ideias (Tálamo, 1999).

Sendo assim, acredito que a recuperação da obra de Matte-Blanco pode ser fortuita por sua capacidade de compreensão dos fenômenos vigentes na clínica contemporânea e, conseqüentemente, expansão do método psicanalítico. Além disso, como os próprios grandes autores da psicanálise reconhecem, o estudo da obra de Matte-Blanco pode proporcionar uma base de compreensão para a obra de outros autores que mantém sua influência intacta até os dias atuais. O fato de não existir um estudo aprofundado da obra de Matte-Blanco em língua portuguesa revela uma lacuna de compreensão da evolução da metapsicologia psicanalítica.

Levando em consideração a complexidade desse autor e o aprofundamento que o mesmo realiza na obra freudiana, se faz imprescindível uma retomada desta

para que a base da metapsicologia do inconsciente seja bem estabelecida antes de se construir o alicerce em seu topo. É sempre mais simples encontrar seu caminho refazendo seus passos.

A partir da leitura das obras principais de Ignacio Matte-Blanco (Matte-Blanco, 1975; 1988), este estudo buscou apresentar este autor e esquematizar sua teoria, de modo que o leitor que nunca teve contato com as ideias de Matte-Blanco, possa apreender as especificidades do arcabouço teórico desenvolvido por ele.

Como o próprio Matte-Blanco afirma, a influência de algumas vertentes da psicanálise, especialmente a *ego psychology* e seu desenvolvimento nos EUA, acabaram tornando a psicanálise, de certa forma, “menos psicanalítica”, tratando o conteúdo inconsciente da mesma forma que trata o conteúdo consciente (Matte-Blanco, 1975). Ao final da leitura se espera que o leitor tenha tido oportunidade de um pequeno vislumbre sobre Ignacio Matte-Blanco e sua teoria. Ainda mais importante, se espera que leitor tenha tido oportunidade de utilizar estes conceitos para compreender outros teóricos da psicanálise e para pensar sua própria atuação clínica.

O estudo tem como proposta uma metodologia teórico-bibliográfica da obra do autor principal a ser estudado, Ignacio Matte-Blanco, e sua teoria do inconsciente. Para se realizar uma pesquisa em psicanálise é inevitável que o autor tenha seu desejo investido em seu objeto de estudo, portanto o fazer psicanalítico e a pesquisa são praticamente indistinguíveis. Em acordo com isso, pesquisa em ciência refere-se à tentativa de obter conhecimento novo e apresentá-lo com uma nova perspectiva (Mezan, 2006), com o objetivo de aprofundar a teoria e desenvolver a técnica.

O desenvolvimento transcorre em quatro momentos: 1) Uma introdução das inquietações da clínica contemporânea que justificam a pesquisa; 2) Uma retomada de alguns conceitos da obra freudiana necessários para a compreensão da obra de Matte-Blanco; 3) Uma apresentação de Ignacio Matte-Blanco e suas principais ideias; 4) A leitura do fenômeno clínico designado como “casos limite”, com as ferramentas da teoria de Matte-Blanco. Esta divisão estaria, portanto, representando dois eixos de pesquisa distintos e complementares, um eixo de pesquisa metapsicológico e um eixo de pesquisa sobre um autor e um momento da psicanálise (Mezan, 2002).

Uma pesquisa, em psicanálise, nunca estará completamente isenta da implicação do próprio pesquisador em seu objeto de estudo, por este motivo me permito

valer de eventos subjetivos e relatos pessoais para articular alguns conceitos de Matte-Blanco.

### 3. PSICANÁLISE, AINDA

*“Eu morri como mineral e me tornei planta;  
Eu morri como planta e me levantei como animal;  
Eu morri como animal e me tornei Humano;”  
(Jalal al-Din “Rumi”, “A Alma Ascendente”)*

Um dos princípios básicos da psicanálise é a compreensão de que o mundo objetivo, que nos rodeia a todo tempo, é parte da realidade que nos compõe, completo somente quando somado ao mundo interno. Ainda que a fronteira entre esses mundos seja porosa, a psicanálise desde suas origens, propõe que a realidade interna é, ao mesmo tempo, o que nos torna humanos e o que nos condena. Impossível não recordarmos o mito da célebre frase de Freud a Jung, quando foram à Nova Iorque para disseminar a psicanálise: “Eles não sabem que lhes trago a peste”<sup>5</sup>. Assim, o homem já não é senhor de si, já não é habitante natural do mundo objetivo, já não é somente um animal. Nessa afirmação o pai da psicanálise também deixa evidente sua ressalva de que o Eu é, inevitavelmente, subjugado ao inconsciente.

Uma frase que Freud confidenciou a seu colega Fliess, na carta 69: “Já não acredito mais em minha histérica” (Freud, 1897/1996), denota o momento em que percebeu, pela primeira vez, que os eventos são secundários, que a fantasia do evento é maior e mais importante para o afeto no sujeito do que o evento em si. Esse termo, fantasia, já nos designa a construção psíquica de algo, uma construção que o aparelho psíquico desenvolve a fim de conter a excitação promulgada pelo dado perceptivo. Assim, Freud afirma que “não acredita” mais em sua histérica, pois compreende que, o que por elas lhe era relatado não necessariamente era real em nosso mundo objetivo, partilhado, porém, era absolutamente insuspeito na realidade psíquica desses pacientes.

---

<sup>5</sup> A frase é um mito pois o relato que há dela não passa de uma comunicação de Lacan durante um de seus seminários (Lacan, J. [1988]. *O seminário. Livro 3. As psicoses Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar*). Nos resta apenas especulação sobre sua veracidade.

Assim, “representação” (Freud, 1895a/2013) seria a capacidade do aparelho psíquico de introjetar<sup>6</sup> um dado perceptivo em sua realidade interna, um reflexo transmutado do mundo objetivo. É por esse motivo que, para o psicanalista, não se trata exclusivamente dos eventos objetivos da vida do indivíduo, mas sim do relato que o mesmo faz desses eventos. Existe algo além do observável. A maior loucura do ser humano talvez seja precisamente a possibilidade de que uma coisa pode ser representada por outra coisa (Mannoni, 1973; Fédida, 1996; Rayner, 1995), nossa capacidade de metáfora, a ferramenta que nos faz, mais do que animais, humanos. Por isso dizemos que o aparelho psíquico não é um aparelho de síntese, mas sim de análise, de categorização, de expansão de perspectivas e de transformar literalidade em metáfora.

É pelo discurso do paciente que ouvimos a construção dessa realidade psíquica, suas representações, e compreendemos, na construção desse mundo, quem são os operários, quais as ferramentas e, eventualmente, quais aqueles que estão desviando de sua função nessa obra. O indivíduo é, simultaneamente construtor e construção, nos capacitando com seu discurso para sermos, de fato, analistas. Tudo corre bem neste processo, que Bertha Pappenheim carinhosamente (ou talvez satiricamente) chamou de *talking cure*<sup>7</sup>. Quando o indivíduo é capaz de se expressar pela linguagem e permitir pela via da elaboração, o desmanche dos nós de seu desenvolvimento psíquico, processo que visa reviver os complexos e traumas do infantil e encontrar outros destinos menos fixados, de repetição, para o afeto. Alcançar a constituição do Eu, permitindo ao indivíduo coexistir com outros e com a cultura de maneira semi-harmônica. Digo semi-harmônica pois, no fim das contas, “o trabalho da psicanálise é transformar o sofrimento neurótico em infelicidade comum” (Freud, 1895b/1995), não é um trabalho de readaptação social, muito menos de eliminação de conflitos, mas sim de formação de conflitos “melhores”.

Como Roudinesco (2000) expõe em seu livro “Por que a Psicanálise?”, a psicanálise é resultado de um avanço do humano sobre a barbárie. Se faz necessária para contrapor e manter a profundidade além daquilo que a ciência psicológica

---

<sup>6</sup> O conceito de introjeção foi elaborado por Sándor Ferenczi (1873-1933) em resposta ao termo *projeção*. O conceito denota processo no qual o indivíduo coloca “para dentro” de sua psique características do objeto. Em seu texto de 1915 [“Pulsões e Destinos das Pulsões”], Freud utiliza o termo deixando claro que o aceita e valida dentro da teoria psicanalítica. A introjeção seria definida como o processo característico dos neuróticos, enquanto a projeção seria o fenômeno dos paranóicos (LANDA, 1998).

<sup>7</sup> Tradução livre: Cura pela fala.

positivista pressupõe fazer. Em seu tempo como neurologista, Freud teve que lidar com modelos de tratamento precários e nascentes. O nascimento da psicanálise se deve a uma falta que o autor sentiu na compreensão dos fenômenos clínicos que imperavam nos pacientes, sobretudo as histéricas, e pela falta de uma terapêutica adequada. É importante lembrarmos que, antes dos métodos hipnóticos e, subsequentemente, da psicanálise, as histéricas eram tratadas com rezas, exorcismos, etc. A psicanálise surgiu para dar voz às histéricas.

A presunção do sanitarismo e do tratamento positivista das mazelas psíquicas almeja o impossível: um reducionismo da complexidade e pluridimensionalidade do sujeito a uma única faceta orgânica e laboratorialmente manipulável. O que se faz, então, com aquilo que não é de ordem química? As pulsões, a sexualidade, o desejo, o inconsciente? De fato existe uma função e uma grande participação da intervenção química no alívio sintomático do sujeito, mas, como bem sabemos, alívio sintomático não é ressignificação.

Retomo aqui a obra “O Mito da Doença Mental” de Thomas Szasz (Szasz, 1961), onde o autor considera a ideia de que a designação de uma “doença mental” é um modelo ilustrativo, didático e impreciso, dado o fato de que o termo “doença” designa uma disfunção anatômica ou fisiológica do complexo orgânico. Como se sabe, o psíquico não é nem anatômico, nem fisiológico, muito menos orgânico, por mais que encontre sua morada no corpo. Assim, a pressão de normatização pode ser encarada como um atentado contra o sujeito, como diz Byung-Chul Han (2012) em “A Sociedade da Transparência”, tudo que foge a transparência, ou seja, tudo que causa desvio, tudo que não é massificado, é prontamente atacado, considerado transgressivo e passível de ser normatizado para readequação. À bailarina que não se enquadra no discurso estético, só lhe resta se mutilar; ao toxicômano que não se enquadra na fala do bem sucedido e do alto rendimento, só lhe resta tornar-se o antagonista social; ao sujeito que não encontra seu *locus* social, só lhe resta o próprio corpo.

A normatização não promulga efeito de transformação, muito menos de “cura”, é, novamente, alívio sintomático: sobre o corpo recai o que não foi dito. O alívio sintomático, quando não desenvolvido em paralelo com uma terapêutica, promulga a cristalização do diagnóstico. O sintoma denuncia a angústia do sujeito. Independente da escola que o analista segue, o que é importante é a relação entre humanos que

se estabelece. Muito raramente os pacientes estão preocupados com nossa abordagem teórica. Querem, antes de mais nada, que ouçamos sua solidão e a dor que seus sintomas denunciam.

Muito antes da Psicanálise, já havia na construção do saber do homem a noção de inconsciente (Ellenberger, 1981). A Psicanálise, no entanto, foi a primeira ciência que propôs sua aplicação como uma terapêutica do sujeito, uma terapêutica que promulgava a libertação do humano. O método de psicoterapia proposto promove a “cura”, pois permite que o afeto escoie pela fala, sendo corrigido associativamente e retornando a consciência, por isso o método de associação livre com o paciente é mais eficaz do que o método da sugestão, pois permite que o paciente participe ativamente da construção do significado e da vivência do afeto junto do analista, não sendo somente um alívio temporário causado pela remoção do sintoma por meio da sugestão, como era realizado na época de Freud e ainda é por diversas abordagens terapêuticas contemporâneas, que pregam por um tratamento mais rápido.

A construção do DSM (*Diagnostic and Statistical Manual for Mental Disorders*) considerava, em sua primeira edição, os fatores inconscientes e culturais do indivíduo para sua orientação diagnóstica. Como é observável nas mais recentes edições, tais caracterizações foram perdendo lugar de maneira a praticamente afastar a subjetividade e o contexto social dos fatores que acometem o indivíduo, verdadeira fetichização das diferenças, onde tudo aquilo que foge dos “51%” é considerado transtorno, anômalo, desviante.

Na quinta edição do DSM encontramos a seguinte caracterização do transtorno de personalidade borderline: “A característica essencial do transtorno da personalidade borderline é um padrão difuso de instabilidade das relações interpessoais, autoimagem e afetos e de impulsividade acentuada que surge no começo da vida adulta e está presente em vários contextos (DSM-V, 2014, p. 754).

O texto principal é muito mais extenso e com um grau razoavelmente mais elevado de detalhamento. No entanto, este pequeno trecho é suficiente para levantar o questionamento: Para o psicanalista comum, qual valor deste tipo de caracterização? Praticamente nenhum. Sentado no consultório, em uma sala onde se encontram dois humanos e toda a volatilidade que isso implica, a estatística e a caracterização generalista são guias teóricos daqueles que pouca coisa nos revelam

na hora da prática.

Aqui seria fácil para o leitor se lembrar da magnífica obra de Machado de Assis (1979), “O Alienista”. Obra que leva a refletir, de maneira trágica (com o toque cômico que toda tragédia carrega) sobre o fato de que se tudo aquilo que é desviante me parece transtorno e passível de exclusão, nada sobra. Podemos pensar as terapêuticas positivistas e a terapia exclusivamente medicamentosa como, justamente, o trancafiar do indivíduo em si mesmo, até que nada lhe reste: “Assim é que cada louco furioso era trancado em uma alcova na própria casa, e não curado, mas descurado até que a morte o vinha desfraldar do benefício da vida.” (Assis, 1979, p. 3). Na época de Freud o indivíduo era trancafiado nas instituições, hoje as camisas de força tomam a forma de cartelas de comprimidos contabilizadas na dose adequada para silenciar a subjetividade.

Assim a psicanálise deu voz ao fenômeno do inconsciente como uma manifestação do sujeito, um sinal de que aquilo que pensamos e o modo como agimos é meramente uma parcela do Ser e não sua totalidade. Atrás do palco, longe dos holofotes e das ovações (ou vaias), existe muito mais do que o que se apresenta.

Os avanços promulgados dentro do campo da psicanálise pelos pós-freudianos abriu o escopo do tratamento de pacientes, abarcando aqueles que antes eram considerados inalisáveis. A análise dos psicóticos, que Freud considerava objetos de estudo interessantes, mas cujo tratamento seria impossível, visão que perdurou até meados de 1940, possibilitou, ao contrário do que Freud pressupunha, um desenvolvimento teórico e técnico sem precedentes na teoria psicanalítica.

Eu tenho um paciente que sofre de esquizofrenia a quem me referi como “o homem de gelo” e que me contou recentemente: ‘Sabe, em minha antiga filosofia (ele se referia à seu delírio) tudo era lógico, mas frio e sem sentimentos. Eu pensava, naquela época, que havia uma lógica aristotélica perfeita, pois tudo era pura lógica sem interferência de nenhum tipo de emoções’. [...] O processo psicanalítico atuou para ele como uma forma de humanização que foi capaz de transformar o homem de ‘gelo’ em homem ‘humano’ (Resnik, 2016, p. xviii).

O fazer psicanalítico se desenvolveu com a intenção de deixar de trabalhar apenas o animal e trabalhar o humano.

Por esta razão, por mais que este trabalho possua a intenção de apresentar a modalidade de pensamento de um autor específico, nos vale a ressalva de que, independente da escola que o psicanalista segue, o mais importante dentro de um

tratamento psicanalítico é a relação desenvolvida entre o paciente e o analista. Muito raramente os pacientes estão preocupados com nossa abordagem teórica. Querem, antes de mais nada, que ouçamos sua solidão e a dor que seu sintoma denuncia. Como todo saber psicanalítico, todo e qualquer aprendizado aqui disponível deve ser lido, incorporado e esquecido. Uma fonte de auxílio de compreensão dos fenômenos da clínica não deve ser tomada como manual de instruções.

#### **4. O ALICERCE, FREUD**

Se faz imprescindível uma retomada da teoria freudiana para que a base da metapsicologia do inconsciente seja bem estabelecida antes de se construir algo novo em seu topo. É sempre mais simples encontrar seu caminho refazendo seus passos.

O desenvolvimento da noção de inconsciente passou por várias etapas. Uma das pedras angulares da teoria psicanalítica, sofreu modificações na passagem da primeira para a segunda teoria tópica do aparelho psíquico freudiano, cada uma com a potências e entraves próprios. Quando Freud amplia sua noção de aparelho psíquico da primeira tópica, topológica, para a segunda tópica, estrutural, saímos de um funcionamento no modelo “inconsciente - pré-consciente - consciente” para a expansão das instâncias psíquicas (id, eu e supereu) e a dinâmica pulsional, onde assumimos que existe uma relação de conflitos e interlocução constante entre as instâncias.

A primeira tópica, muito afixada em um paradigma da física clássica e da fisiologia, traz à luz algumas características e processos que Freud irá manter durante toda sua obra (como a repressão, a formação de conflito, o sintoma, etc.). Sendo assim, o estudo desse momento visa a ciência da origem desses termos e do funcionamento do inconsciente para Freud.

##### **a. A Histeria e a Teoria do Trauma**

A obra de Freud convida seus leitores a uma postura flexível e passível de mudanças incessantes. Ao considerarmos o fato de que a teoria psicanalítica é desenvolvida de forma simbiótica com a observação clínica, me parece inevitável

aceitarmos que nada do que é desenvolvido nesse campo pode ser considerado imutável.

As manifestações clínicas e o movimento da cultura denotam uma projeção daquilo que de fato ocorre na vida psíquica dos indivíduos, sendo assim, podemos pensar, de maneira metafórica, que os sintomas seriam os holofotes do funcionamento psíquico e o analista assiste um teatro de sombras, sem nunca ter a possibilidade de observar de fato seu objeto de estudo. Os holofotes mudam, o formato e movimento das sombras também, porém o objeto é constante, e a esse dá-se o nome de “Inconsciente”.

## **b. O Trauma como Excesso**

Por meio de seus estudos com a histeria, Freud começou a desenvolver seu modelo de aparelho psíquico. A observação desses casos o levou a crer que existem mecanismos de defesa utilizados para manter a tensão do aparelho sempre em equilíbrio, mecanismos que visam manter a economia constante. O evento é caracterizado como traumático por ser um excedente de energia, ou seja, ser quantitativamente energeticamente superior à capacidade de “processamento” do aparelho<sup>8</sup>.

Aqui Freud irá definir o trauma como um acontecimento em dois tempos: 1) A cena primária (caracterizada pela sedução), onde o evento traumático acontece e, rapidamente, é recalçado; 2) A cena secundária, que evoca a lembrança da primeira cena e causa um afluxo de energia excedente que rompe as barreiras do Eu (Laplanche & Pontalis, 1970).

Podemos considerar que é na segunda cena que se agrega o valor de traumático ao evento, pois, em primeira instância, o evento não adquire representação por falta de afeto, o investimento não é desenvolvido por uma falta de representação. O alcance da puberdade e a inserção do indivíduo na vida sexual possibilita a compreensão do episódio traumático e o desenvolvimento da fantasia em torno do mesmo, assim temos a frase característica desse período da obra freudiana, onde o mesmo afirma que as histéricas sofrem, acima de tudo, de reminiscências

---

<sup>8</sup> Não estamos falando, necessariamente, de um evento único. Uma sucessão de eventos menores podem ocorrer, promulgando uma situação traumática pela constância e sucessiva “fragilização” do indivíduo.

(Breuer & Freud, 1893-1895/2016).

Essa afirmativa fica evidente quando pensamos no caso Katharina (Breuer & Freud, 1893- 1895/2016), caso que não foi de fato acompanhado por Freud (que só se encontrou com a paciente uma vez, brevemente), mas que foi capaz de elucidar seu pressuposto do modelo inicial do trauma.

Penso ser justo expor um breve panorama do caso. Katharina, é sobrinha da dona de uma estalagem onde Freud se hospeda de férias. Ela afirma que já foi a alguns médicos e que nenhum pode ajudá-la. Seus sintomas são: falta de ar repentina e sensação de sufocamento que vem como uma pressão nos olhos, a cabeça fica pesada e faz um zunido insuportável, fica tonta e o peito comprimido, tem a plena sensação de morte. Freud conclui que é um ataque histérico com angústia e questiona o que ela vê durante os ataques, a paciente afirma que sempre vê um rosto pavoroso que a fita assustadoramente. Então infere que a jovem deve ter visto uma cena, há dois anos (época em que começaram os sintomas) que ela preferiria não ter visto. A jovem concorda e diz que viu o tio com a prima, Franziska, na cama. Ela conta a situação à tia, que se separa do tio, e agora se sente culpada pela separação.

Pede então que ela se lembre do que passou no ataque, mas ela não consegue, assim ele conclui que “o afeto cria por si mesmo o estado hipnóide, cujos produtos ficam então fora do tráfego associativo com o Eu-consciência”.

Após a cena, ficou doente durante dias, vomitando incessantemente. É questionada sobre o que sentia e dizia não saber, então Freud a pede para continuar o relato e contar o que lhe ocorresse, aqui aplicou de forma ativa o processo de associação livre, falarei sobre esse procedimento adiante.

A paciente seguiu narrando sobre Franziska e, de forma repentina, o assunto se verteu para ocasiões que ocorreram anos antes, em que o tio de Katharina tentou seduzi-la, se deitando na cama com ela. Sua resposta foi inocente e sem reconhecimento de que aquilo era um ataque sexual, isso se tornou claro para ela muito depois.

Narra outro episódio desses com o tio, e que sempre sentia falta de ar e pressão nos olhos durante esses eventos, mas não tão intensos quanto quando viu o tio e Franziska na cama. Imediatamente após essa série de associações ela começa

a relatar de quando começou a se dar conta de algo entre o tio e Franziska. Afirma que, à época, não suspeitou de nada, eis aí um exemplo do irrepresentável, a elaboração de que algo existia entre o tio e a prima.

De fato Katharina se deu conta da relação do tio com a prima quando avistou a primeira cena, a cena dos dois na cama, assim se inicia o sintoma, como uma tentativa de manter o equilíbrio econômico da excitação do aparelho. O sintoma escoa o excesso para que a homeostase se mantenha, aquilo que não é posto em palavra vem como sintoma. Não repugnava a visão dos dois, mas a lembrança que aquela visão lhe despertara, a lembrança da investida do tio onde “sentiu seu corpo”.

A paciente conclui que a cabeça pavorosa que vê é a do tio, que ficou furioso e a culpava de contar para sua tia e causar a separação do casal. A cabeça era seu rosto em fúria que a ameaçava constantemente. Os vômitos passaram assim que a paciente comunicou a tia sobre a situação; o ataque de angústia permaneceu.

As duas cenas de investida do tio são momentos traumáticos e a cena da descoberta do casal é o momento auxiliar. Nas primeiras cenas foi criado um conteúdo de consciência que foi excluído da atividade pensante do Eu, ou seja, feito inconsciente. A cena auxiliar força o retorno desse conteúdo, o sintoma aparece de modo a impedir esse retorno de se unir associativamente à consciência.

A diferença desse caso de sedução para outros é que não é a vontade do Eu que reprime o conteúdo, é a falta de experiência da sexualidade que não permite uma representação, ou seja, uma apreensão daquilo que se passou. Sendo assim, as impressões do tempo pré-sexual adquiriram, nesse caso, força traumática quando a paciente tomou ciência de seus significados na aquisição de compreensão da vida sexual (Breuer & Freud, 1893-1895/2016).

A conversão histérica ocorre após um intervalo de tempo, não imediatamente, período que Charcot chamava de “tempo da elaboração psíquica”. Em nota adicionada em 1924, Freud chama a atenção para o fato de que Katharina era, na verdade, filha da estaleira e não sobrinha. Sendo assim, os ataques eram oriundos de seu pai. A histeria teria essa base: as ideias antitéticas, uma relação conflitiva que exige uma formação de compromisso, que será o sintoma.

Nesse caso, podemos argumentar o ponto de que o causador do recalque aqui

é a falta de significado, por um aparelho psíquico ainda incapaz de desenvolvê-lo. A concepção de um aparelho psíquico com mecanismos de defesa nos remontará, justamente, ao outro modelo de trauma.

Portanto, nessa primeira concepção Freud nos apresenta o trauma como um excedente. Um montante acima da capacidade de processamento do aparelho, um afluxo de energia que causa o surgimento do sintoma como ponto de escoamento. A ideia de escoamento, ou melhor, de descarga, nos chama a atenção para o pressuposto de Freud de que existe um outro lugar, uma outra coisa, um outro, genericamente falando, que é alheio aquele que observamos, uma instância onde fica retida a energia e que não conseguimos acessar na vida cotidiana: um inconsciente. O que nos denuncia a existência do inconsciente é o sintoma.

O esquecimento não patogênico das lembranças se dá quando há uma descarga emocional ou quando outras vivências e ideias contradizem o afeto. No caso dos histéricos a lembrança que desencadeou os sintomas está muitas vezes oculta para os pacientes, eles não se recordam, e quando o fazem por hipnose o afeto vem à tona com toda força, o que demonstra que os traumas não foram ab-reagidos (não realizaram descarga emocional).

Os motivos pelos quais as reações emocionais não ocorrem durante/após o trauma são: (a) natureza/conteúdo do trauma exclui essa possibilidade, e.g. algo que é reprimido por ser conflitante, impossibilidade pelo contexto social; (b) estado psíquico do momento exclui essa possibilidade, e.g. pessoa paralisada ou sonolenta. Esses motivos podem acontecer ao mesmo tempo e neles não há reação emocional, assim como não há elaboração associativa.

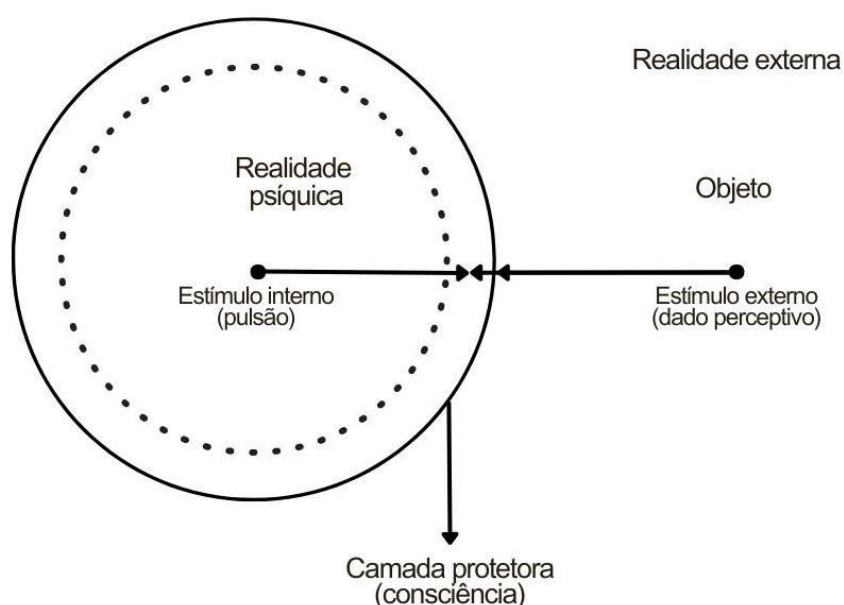
Para Freud, o que ocorre na vida psíquica dos histéricos é uma cisão da consciência, uma tendência a essa dissociação que favorece o aparecimento de estados anormais de consciência, os estados hipnóides, que caracterizam essa neurose". Ou seja, os estados hipnóides são condição para a histeria de modo que a hipnose não é uma histeria artificial, mas um ponto comum no qual os conteúdos que estão separados da consciência podem alcançar graus distintos de organização psíquica. Na histeria por predisposição a pessoa está sujeita a esses estados hipnóides.

### c. A Compulsão à Repetição e a Neurose Traumática

É por esse caminho que Freud estuda a compulsão à repetição. Se pensarmos os processos primários do indivíduo como processos mais “primitivos”, menos complexos, compreendemos que a ação motora é de caráter mais simplório do que os processos psíquicos, processos secundários, lembrando que a aparição desse não inibe totalmente o anterior. A compulsão à repetição é, portanto, uma tentativa de elaboração que aprisiona o indivíduo em rituais incessantes onde o sofrimento é sempre presente.

É assim que surge a possibilidade do estudo da neurose traumática. Freud teve sua atenção voltada para os casos em que parecia ocorrer uma fixação em determinado evento. Para explicar esse novo modelo de trauma, propôs a existência de uma camada protetora localizada na superfície do aparelho psíquico que forneceria a filtragem de estímulos demasiadamente intensos. Essa camada seria extremamente funcional contra os estímulos exteriores, porém não contra os interiores, ou seja, os pulsionais. A ela damos o nome consciência.

Figura 1



Fonte: elaboração do autor, 2024.

Aos dados perceptivos que são recebidos pelo corpo do sujeito damos o nome de estímulos externos. Aqui estamos referenciando todas as sensações corpóreas dos cinco sentidos (olfato, tato, paladar, visão e audição). É compreensível quando dizemos que a percepção (corpo) serve para descobrir o objeto e o mundo externo; o pensamento serve para processar a ausência, ou seja, processar relações (Matte-Blanco, 1988, p. 82) A consciência filtra parte destes dados e, de encontro com a pulsão do sujeito (estímulo interno), estabelece um vínculo com o objeto, seu fundamento principal é justamente posicionar o indivíduo com relação ao objeto (Rayner, 1995, p. 24). O vínculo entre ambos, se torna o pano de fundo para a realidade psíquica, parte desta relação é consciente (a parte filtrada) e parte dela é inconsciente (aquilo que se encontra com a pulsão).

Todo evento traumático, em sua natureza, é da ordem sexual (Soler, 2021). Para o leitor que, assim como eu, é psicanalista, esta afirmação basta. De qualquer forma, uma ressalva deve ser levantada: o sexual, para o psicanalista, é a causa do vínculo entre dois, indivíduo e objeto. De fato se trata de relações sexuais físicas, mas não só. Com esta afirmação designamos qualquer investimento libidinal. Um trauma é uma disparidade neste investimento. Um atleta chegaria ao consultório dizendo que costumava pular de pára-quedas regularmente. Certo dia teria realizado a atividade de forma costumeira, no entanto, ao atravessar uma nuvem mais densa do que o usual, se distraiu e se percebeu em uma situação na qual estava mais próximo do solo do que deveria. O mecanismo automático do pára-quedas foi ativado, salvando sua vida. Deste dia em diante, assumiu uma vida sedentária, anestesiado com a experiência, passaria a viver como algo que poderia designar um morto-vivo.

Qual o traumático aqui? Neste caso, não seria a experiência de quase morte, mas sim a falha de seu corpo em reagir à situação, sua incapacidade de tomar uma atitude frente ao perigo, é a falha, é percepção de que o falo, tomado como garantido, não era tão preciso assim. Se torna então o morto (corpo) - vivo (psiquismo). Aqui se instauraria uma cisão, e o indivíduo adotaria uma vida sedentária, desinvestindo de seu corpo (o agente traumatizante). Percebam que ainda estamos falando de uma relação sexual (psique-corpo). Em seguida, reinvestiria o corpo com agressões, degradando-o com um estilo de vida que sempre desprezou, falhando com ele da mesma forma que ele falhou.

#### **d. O primeiro modelo de aparelho psíquico**

Neste modelo, a evolução típica de uma grave histeria é a seguinte: (a) ocorre a formação de conteúdo ideativo em estados hipnóides; (b) esse conteúdo controla a inervação corporal; (c) gera sintomas duradouros e ataques; (d) o conteúdo desaparece. Se a pessoa reencontra o conteúdo ideativo (“pela excitação de uma zona histerógena ou por uma nova vivência” semelhante) ocorrem os ataques histéricos que geram estados hipnóides. Os ataques podem não influir/influenciar a parte normal da vida da pessoa ou, pode haver um equilíbrio instável, no qual um esgotamento seria fator desencadeante para um ataque, por exemplo. Os sintomas histéricos são afetos e restos de excitações que atuam sobre o sistema nervoso como traumas.

Os resíduos do trauma não subsistem quando são eliminados por ab-reação ou por “trabalho do pensamento”, ou seja, por elaboração psíquica. No cenário da formação do sintoma, se tomamos como exemplo as histéricas, temos que as conversões histéricas não são capazes de escoar totalmente o montante de excitação, sendo assim, ocorre uma transformação incompleta e parte desse afeto que acompanha o trauma permanece na consciência como componente do ânimo – Isso ocorre com todos os mecanismos, inclusive a sublimação, mecanismo que Freud defendia ser o melhor possível, porém ainda insuficiente.

Conseqüentemente, os quadros dos sintomas psíquicos da histeria apresentam modificações de humor (angústia, depressão melancólica, etc.), fobias, abulias (inibição da vontade) que parecem não correlatos com o trauma, mas que funcionam como via de escoamento do afeto.

Em sua primeira tópica, estamos trabalhando com a concepção de três modelos de formação de sintomas: 1) Objetivação de uma ideia contrastante; 2) Mera conversão da excitação psíquica em motora e 3) Deliberada ação da doente no paroxismo histérico, mecanismo de proteção por realização alucinatória.

A primeira tópica realiza a divisão do aparelho psíquico em duas instâncias: inconsciente e consciente. Entre essas duas instâncias existe uma “barreira de contato”, o pré-consciente, que atua como filtro entre os conteúdos do inconsciente para o consciente. Não diríamos que o pré-consciente é uma instância *per se*, mas

sim um canal de comunicação.

Esse primeiro modelo psicanalítico proporciona já um grande afastamento da psicologia do desenvolvimento. A divisão estabelecida em duas instâncias considera algo que até então é inédito, a concepção de que a vida mental do indivíduo não é uma unidade integral. As ideias que são levantadas com a primeira tópica pressupõe a possibilidade de indicar, dentro da topologia da psique, no interior de qual sistema o processo psíquico ocorre (Freud, 1915).

#### **e. O Consciente**

O consciente é responsável por todo aquele conteúdo que é expressável na palavra, pelas memórias de fácil acesso (que estão no pré-consciente e são, por esforço mental, acessíveis ao consciente), ou seja, o consciente é aquilo do trabalho psíquico que o indivíduo consegue executar de forma ativa. Podemos compreender que o consciente é o responsável pelas funções da vida cotidiana. Corresponde, no entanto, a menor parcela da vida psíquica do indivíduo.

Ao contrário do que a pressuposição comum diria, o ato psíquico alcança a consciência após passar pelo inconsciente. No caminho entre as instâncias, o ato psíquico é submetido a um exame, a um processo de censura, para ser “aceita” ou não sua passagem ao consciente, em caso negativo, é reprimido, e em caso positivo, passa ao consciente, o que não significa uma tomada de consciência, mas sim estar no pré-consciente, disponível para ser tornado consciente (Freud, 1915). Poderíamos dizer que aqui correspondem os processos de aprendizagem e os processos psíquicos em geral, que não despertam relações conflitivas no indivíduo.

#### **f. O Inconsciente**

O inconsciente, mais complexo, é constituído em grande parte como um reservatório de memórias reprimidas. No entanto, bem aceitamos quando Freud caracteriza o inconsciente como algo além disso, algo que ele referencia em primeiro momento com uma citação de Nietzsche em 1900 (FREUD, 1900), afirmando que no inconsciente há em ação uma herança primitiva da humanidade, em seguida em 1915:

Aprendemos, com a psicanálise, que a essência do processo de repressão não consiste em eliminar, anular a ideia que representa o instinto, mas em impedir que ela se torne consciente. Dizemos então que se acha em estado

de “inconsciente”, e podemos oferecer boas provas de que também inconscientemente ela pode produzir efeitos, inclusive aqueles que afinal atingem a consciência. Tudo que é reprimido tem de permanecer inconsciente, mas constatamos logo de início que o reprimido não cobre tudo que é inconsciente. O inconsciente tem o âmbito maior; o reprimido é uma parte do inconsciente. (FREUD, 1915, p. 100)

A mistura da herança arcaica, que nos moldes contemporâneos chamamos “cultura” com as memórias reprimidas do indivíduo, esta seria a formação do inconsciente para Freud.

Assim se constitui esse baú de memórias, que devem ser mantidas fora do acesso do indivíduo para não eliciarem relações de afeto conflituosas. Nessa dinâmica nasce o sintoma, como uma comunicação do inconsciente para o consciente, transformado pela barreira da censura. O sintoma realiza uma descarga motora no indivíduo que aparece descarregada do afeto, ou seja, sem nexos com o traço mnemônico correspondente ao afeto. Por meio da associação livre e da eliminação da censura, o trabalho psicanalítico permite a associação da memória com o afeto, ocasionando o alívio do sintoma. O que vale ressaltar neste ponto é que o inconsciente, mais do que o arcabouço das memórias, é detentor do nexo associativo das lembranças entre si, e as lembranças e o afeto ocasionado por elas, o que justifica que de nada nos vale revelar ao paciente o nexo associativo, o paciente deve encontrar esse nexo por si, trazendo a tona o afeto investido no mesmo. Caso o tempo do paciente seja rompido, ocorre o fenômeno da dupla inscrição, uma inscrição inconsciente e o mesmo dado inscrito no consciente, porém sem a descarga do afeto, uma racionalização que não acarreta em passagem de fato, do inconsciente para o consciente.

Concluimos que as ideias são investimentos de traços mnemônicos, os afetos e os sentimentos são processos de descarga que, na consciência, são compreendidos como sensações. Esse mecanismo todo está completamente embasado na biologia, a semelhança fica evidente quando nos lembramos do modelo arco reflexo de reações musculares.

#### **g. Os Sonhos e a Censura**

A obra “A Interpretação dos Sonhos” (Freud, 1900/2019), considerada o *magnum opus* de Freud, e considerada por muitos autores o texto inaugural da psicanálise, nos traz o esquema visual da primeira tópica e algumas considerações importantes a serem feitas. O sonho é um ato psíquico com o objetivo da realização

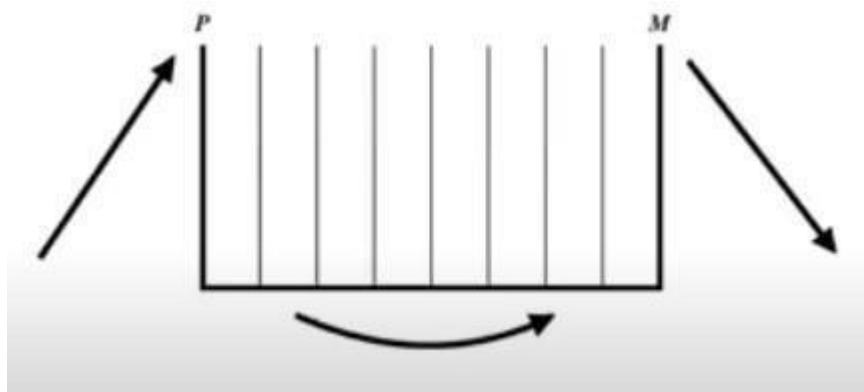
do desejo, da descarga psíquica. Quando nos indagamos sobre os sonhos que possuímos, não é de fácil compreensão seu significado, precisamente por serem comunicações oriundas do inconsciente, alteradas pelo processo de censura do sonhar. Se tomamos de partida o ponto que discutimos anteriormente, de que o inconsciente é o arcabouço das fantasias sexuais reprimidas, que são julgadas necessárias permanecerem inconscientes por seu caráter conflitivo, compreendemos que o sonho, para alcançar sua pretensão de realização alucinatória, deve transfigurar o material psíquico com características que sejam mais racionais e inteligíveis (Freud, 1900/2019), de tal forma que:

A 'consideração pela representabilidade' é responsável pela desaparecimento das relações lógicas entre os pensamentos latentes, e sua substituição por elementos formais, como a simultaneidade ou a sucessão de imagens. O resultado mais notável deste mecanismo é a supressão da contradição no sonho: pensamentos que em nossa vida desperta seriam considerados como impossíveis aparecem no sonho lado a lado, sem que isso perturbe o inconsciente, porque nele também os desejos contraditórios convivem harmoniosamente. (MEZAN, 2006, p. 82)

Para realizar tal processo de condensação e transfiguração, o sonho se vale dos dados perceptivos que estão no presente do indivíduo. O processo de regressão traz a comunicação do inconsciente e usa a informação da percepção para passar sua mensagem, por esse motivo, sonha-se com fantasias infantis e desejos arcaicos, porém com figuras e acontecimentos do cotidiano. Este é o fundamento principal para o desenvolvimento posterior que Freud realizará do conceito de transferência, a possibilidade de trazer, para uma representação atual, desejos infantis. No sonho, a figura do objeto é incorporada de tal forma que uma mesma topografia sensorial, no sonho, possui diversas representações. A transferência ocorre no momento imediatamente anterior ao surgimento da ideia conflitiva, de modo a tentar impedir que essa ideia passe ao consciente.

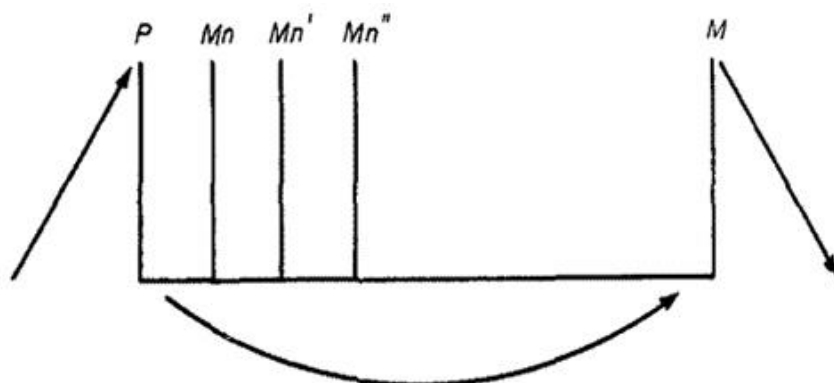
Poderíamos, simplificadamente, dizer que a equação ocorre de tal forma: um estímulo (submetido ao exame – pode ser interno ou externo) - traço mnemônico (reprimido ou pré-consciente) – sensações (descarga motora). Dando a devida atenção ao fator temporal, compreendemos então o esquema que Freud nos apresenta:

Figura 2



Esquema dos pólos perceptivo-motor (Freud, 1900/2019, p.651)

Figura 3



Esquema dos pólos perceptivo-motor, com os traços mnêmicos (Freud, 1900/2019, p.652)

Nesse modelo, encontramos que o estímulo é transportado do pólo perceptivo para o polo motor. Mais uma vez, um sistema arco reflexo. Ao longo do seguimento temporal, no entanto, existem formações de traços mnêmicos que se desenvolvem. Neste modelo, compreendemos também o processo de criação de memórias.

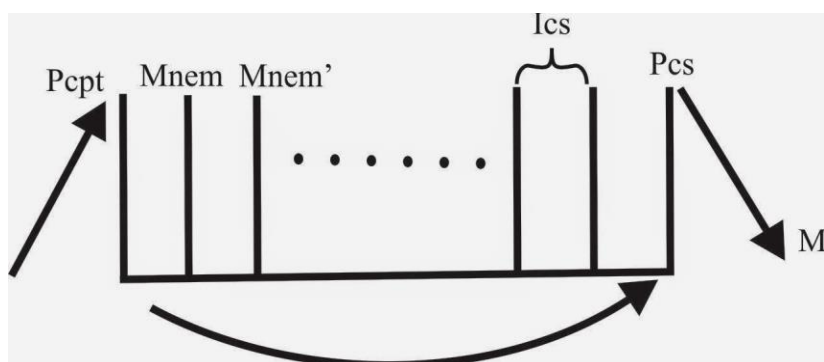
O que nos chama a atenção na segunda figura não é somente a concepção de que os traços mnêmicos se desenvolvem entre a percepção e a descarga motora, mas também o fato de que eles são virtualmente infinitos. A relação entre os dados mnêmicos é estabelecida pela cadeia associativa das percepções. Este é o fundamento principal para o trabalho de análise, a compreensão de que não existe memória no sistema perceptivo, a associação deve ser estabelecida pelo indivíduo a fim de criar novas significações, as memórias são, em origem, sempre inconscientes, espaços potenciais. Quanto maior a cadeia de dados mnemônicos, maior a resistência a ser rompida pela excitação. A nova cadeia associativa deve tentar

eliminar parte da resistência, facilitando a passagem do ato psíquico.

O sonho se apresenta a nós como a testemunha da existência de duas instâncias psíquicas, um censor e um censurado. Essa demonstração fica evidente e nos faz compreender o mecanismo da repressão, justamente pelo qual se dará a construção do inconsciente.

A repressão originária, fundadora do inconsciente, diz respeito aos desejos sexuais infantis que devem ser recalçados, como dissemos anteriormente. O mecanismo de repressão, em momento secundário, realizará o “exame” de quais conteúdos devem ser classificados em categoria similar ao da repressão originária, ou seja, categoria dos conteúdos que geram afetos conflituosos.

Figura 4



Esquema final do aparelho psíquico na primeira tópica (Freud, 1900/2019, p.653)

Na figura anterior temos a apresentação final do aparelho psíquico na primeira tópica, onde se tenta demonstrar que o inconsciente está próximo do pré-consciente (sendo esse o sistema responsável pelas ações voluntárias). O que diferencia o inconsciente do pré-consciente, neste modelo, é a suposição de que os investimentos libidinais são móveis, o que significa que as energias podem facilmente se deslocar de uma representação para outra, refletindo a natureza dinâmica e não-linear do inconsciente. No pré-consciente, os investimentos são mais estáveis, o que facilita a passagem dos conteúdos para a consciência. Por esse motivo, o sonho se forma no inconsciente, mas se liga a pensamentos oníricos do pré-consciente para assumir sua apresentação típica, mais tolerável aos processos conscientes. Dizemos então que o inconsciente fornece o desejo do sonho para a formação do mesmo, enquanto o pré-consciente fornece as características pelas quais o sonho se apresenta.

Se aceitamos a premissa de que o desejo do sonho é fornecido pelo inconsciente, devemos aceitar que, no âmago do inconsciente, o que habita é a experiência de satisfação plena, conseqüentemente, a função do sonho é semelhante à função do sintoma:

A primeira consequência desta equiparação entre o sonho e o sintoma foi a nítida separação entre o conteúdo manifesto do sonho e os pensamentos latentes produzidos pela atividade da associação. O conteúdo manifesto é o relato do sonho, tal qual o indivíduo o formula após ter despertado. Sendo este normalmente longo, o passo inicial consiste em decompor o relato em seus elementos, e solicitar para cada um deles as associações pertinentes; o sonho é assim tratado como um aglomerado de formações psíquicas, cujos intervalos são preenchidos pelos pensamentos latentes. (Mezan, 2006, p. 76)

Essa concepção pressupõe que o inconsciente funciona como um sítio arqueológico, onde seria possível escavar até encontrar a totalidade de seu conteúdo, chegando ao cerne da experiência de satisfação que, neste momento, Freud acreditava ser a resolução do complexo de Édipo. Porém, ainda nesse tempo, Freud já reconhecia que esse trabalho de escavação é constante, *ad infinitum*.

O sonho é esta instância de pura fantasia que se liga à dados perceptivos, parcialmente. A parte que se liga aos dados, chamamos de conteúdo manifesto, é o sonho que, por via associativa, conseguimos rememorar. A equação nos estabelece que fantasia é o contrário de memória.

Nos utilizando da construção de Matte-Blanco, ficará elucidado que o inconsciente, em sua essência, não possui investimentos libidinais, pois as características deste sistema não permitem a criação do vínculo sujeito-objeto. Para a formação de representações ocorrer, é necessário que haja assimetria, uma separação entre pensamento e afeto. Neste centro, apenas há pura experiência emocional, que por meio de desdobramentos assimétricos ligados ao conteúdo do pré-consciente, possibilita a formação do sonho, conseqüentemente, de representações. Este ponto ficará mais claro ao final do capítulo 7.

## **5. O EXTERNO E O INTERNO, FORMULAÇÃO DE UM IMPASSE**

A psicanálise estuda a psicopatologia para que haja uma compreensão e um desenvolvimento do saber sobre o funcionamento da vida psíquica ordinária. A psicopatologia é um excesso ou falta de processos, não uma variação em anomalia, mas sim um ponto de observação mais evidente daquilo que encontramos no

cotidiano de forma menos acentuada. Por este motivo, toda e qualquer psicopatologia é uma demonstração exagerada do funcionamento psíquico comum.

Os mecanismos de defesa do psiquismo atuam como um sistema de compensação de falta ou de excesso. Por este motivo, a topografia do sintoma nos direciona a causa do sofrimento e o prognóstico da análise. Se estamos diante de uma situação de falta, ou seja, um *excesso de falta*, possivelmente vamos nos deparar com um enquadre psicótico, por ficar o aparelho responsável por suprir esta ausência. As alucinações e os delírios, por exemplo, entram na cena para preencher vazios do sujeito, criando um curto circuito entre fantasia e realidade. Se estamos diante de um *excesso de presença*, o psiquismo atua subtraindo os investimentos do indivíduo, recusando o controle de uma figura percebida como autoritária, etc. Nestes casos poderíamos nos deparar com pacientes depressivos.

Obviamente a apresentação do sintoma não é uma saída que soluciona, é somente um “remendo” na ferida, que impede a sobrecarga do psiquismo. O processo de rememoração permite a elaboração do paciente, que será capaz de investir a lembrança com o afeto adequado e “digeri-la” (Freud, 1914/2010). Em suma, a formação do sintoma é, antes de mais nada, uma negação e um repúdio à realidade, tentando “negociar” com a mesma de forma que seja possível, para o indivíduo, vivenciá-la de forma não traumática (Mannoni, 1973).

Tomando esta prerrogativa, nos deparamos com um impasse: se a camada é funcional contra os estímulos externos, o que fazer com os estímulos internos? Esta questão fundamenta um dos alicerces do mecanismo de vínculo com o mundo objetivo. O termo “mundo objetivo” se refere à diferenciação que Winnicott propõe quando segmenta a realidade em um processo duplo de “mundo subjetivamente concebido” e “mundo objetivamente percebido” (Winnicott, 1975). Nesta acepção, o autor coloca em pauta a diferença entre os dados perceptivos e a fantasia do sujeito.

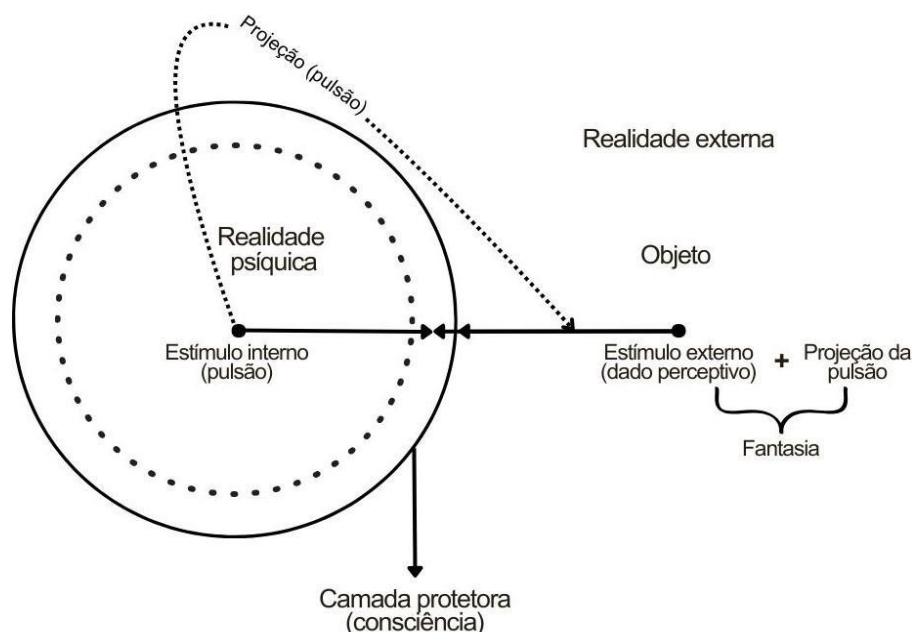
Um exercício de rememoração basta para compreendermos isso: imaginar o barulho da panela de pressão e o aroma do almoço quase pronto alguns minutos antes de sua mãe lhe chamar; o perfume cítrico daquele rapaz que não era possível esquecer; o aroma do café recém passado em uma manhã calma e sonolenta. São estes alguns dos infinitos exemplos que serviriam para compreender a dinâmica exposta aqui. Em todos eles, o aroma e o som são dados perceptivos que facilmente

conseguimos lembrar, estes dados são precisamente o que a consciência filtrou. No entanto, o afeto que os exemplos suscitam são subjetivos, pertencentes a lógica inconsciente, de forma que o afeto de cada um ao ler estas palavras será diferente.

Um café, para uma ou outra pessoa, nunca será o mesmo café. O objeto, para um ou outro sujeito, nunca é exatamente o objeto, mas sim a relação do sujeito com este objeto. O número de combinações é infinito.

A resolução do impasse ocorre pelo aparelho tratando as pulsões como se fossem estímulos externos (Figura 5), projetando-as para fora para que, assim, a camada protetora seja capaz de filtrá-las. Se de fato ocorrer o “rompimento” desse escudo protetor e o psiquismo for inundando pelas excitações não processadas, o trauma acontece, e se instala um mecanismo ritualístico de tentativa de apreensão do significado, o sintoma (Tostes & Winograd, 2019).

Figura 5



Fonte: elaboração do autor, 2024.

Podemos considerar que:

Repetir é procurar ganhar o controle da situação, e também preparar o indivíduo para resistir melhor a traumas futuros, dotando-o na capacidade de desenvolver angústia e desta forma estar prevenido quando eles ocorrerem (Mezan, 2006, p. 256).

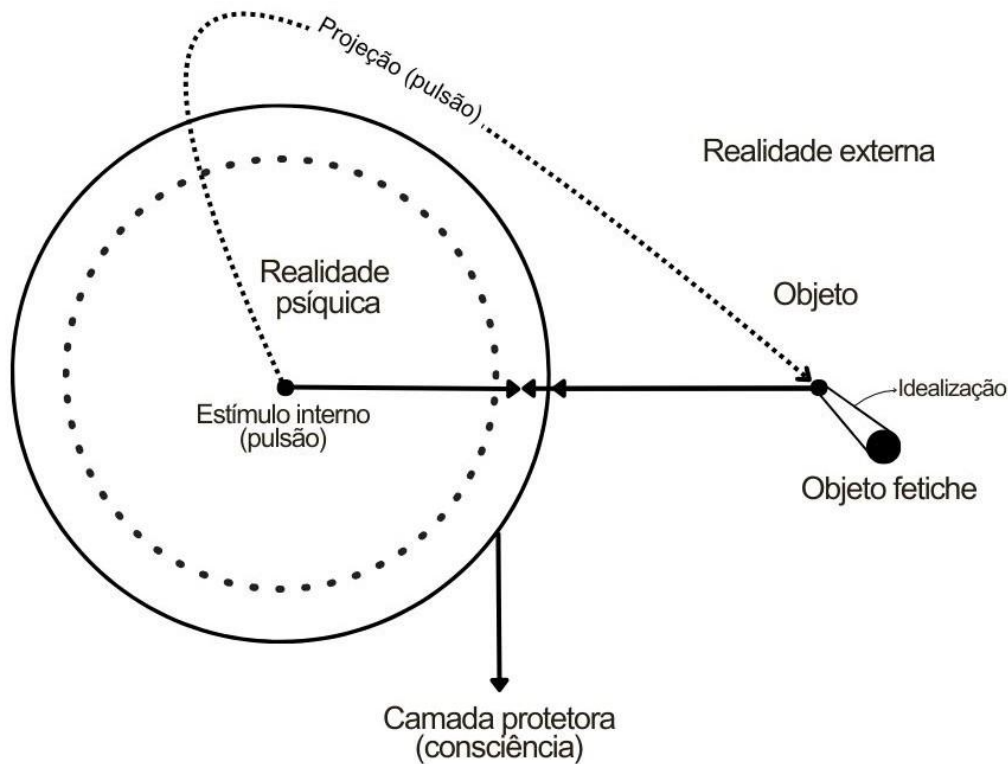
Esse desenvolvimento teórico é associado à segunda tópica, onde somamos a influência das pulsões. A primeira tópica proposta por Freud, por possuir uma ênfase no caráter motor da descarga, não fornece arcabouço teórico suficiente para a compreensão das diversas manifestações sintomáticas encontradas na clínica, mas merece ser relida a partir do segundo modelo tópico e pulsional para análise de fenômenos de apresentação direta tais com as crises de angústia e fenômenos psicossomáticos em geral, ou atuações presentes na clínica contemporânea.

A diferença proposta na Figura 5 se refere ao mecanismo da projeção, indicando que este atua como tentativa de utilizar a camada protetora para filtrar a dinâmica pulsional do próprio indivíduo. Nota-se que a projeção não influi sobre o objeto, mas sim sobre a relação entre sujeito-objeto. A pulsão “contamina” os estímulos de forma que a consciência trate dos mesmos. Uma sutileza na voz pode ser compreendida como paixão; uma veemência no pedido como violência; uma demora na resposta como descaso; etc.. O amálgama dos dados perceptivos contaminados pela projeção caracteriza a fantasia do sujeito, que passa a ver a realidade com base em sua interpretação e não na realidade em si. Com a projeção o indivíduo vivencia uma realidade que lhe apresenta algo que ele sempre soube, mas nunca saberá, me explico, alguma experiência emocional (afeto), que ele nunca foi capaz de saber (racionalização intelectual).

## **6. O FETICHE, UM CURTO CIRCUITO**

O fetiche ocorre como uma situação na qual a memória da experiência é apagada, porém seu afeto se cristaliza, criando uma relação indelével (Mannoni, 1973). Uma busca constante pelo objeto inalcançável, ou melhor, pela idealização do objeto. Neste ponto valeria dizer que o fetiche (buscar) é o contrário da alucinação (criar). Ao contrário de uma psicotização onde o indivíduo supre o excesso da falta, o fetiche elenca um objeto idealizado que será guardião de uma capacidade fantasiada de satisfação.

Figura 6



Fonte: Elaboração do autor, 2024.

A representação do objeto sempre tem uma dimensão menor do que o objeto em si, pois a projeção do indivíduo a enquadra e enaltece com aspectos da fantasia que não lhe são de fato atributos. É como uma pintura de um vaso que, para o observador, parece estar em três dimensões, no entanto, não passa de uma pintura, cuja profundidade real não vai mais longe do que a tela. Esta dimensão “extra” do objeto é a projeção criando uma falsa sensação de “profundidade” na transferência (Matte-Blanco, 1988, p.87).

Agora, neste outro modelo, a projeção do indivíduo recai sobre o objeto e, mais do que afetar sua relação com o objeto, afeta a identidade do próprio, atravessando-o com uma idealização. Assim o indivíduo é levado a “tomar erradamente um vínculo ideal por um real” (Freud, 2013, p. 82). A instalação do fetiche é um curto circuito entre o pensar e o afeto. Sendo a alucinação um afeto transformado em percepção, sem o mecanismo do pensamento fazendo sua digestão, o fetiche é a percepção transformada em afeto, sem o pensamento definindo seu contorno.

É um trauma vivido sem linguagem, sentido pelo *infans*<sup>9</sup>, sem um aparato

<sup>9</sup> Explicar o infantil em psicanálise.

simbólico que o nomeie, que cristaliza este curto circuito com o objeto (fantasia+projeção+percepção). Anunciar para o paciente o *insight*, contar para ele ao invés de levá-lo a perceber, este é um erro que traz ao pensamento racional, sem eliminar o curto circuito, sem a vivência do afeto. A ciência demonstra constantemente a baixa probabilidade da existência de uma divindade para os religiosos, mesmo assim, não são convencidos do contrário.

Por outro lado, fenômenos de difícil explicação são constantemente elencados pelos religiosos, no entanto, os cientistas não são convencidos da existência das divindades. Ambos raciocinam e dialogam, mas lhes falta a experiência afetiva necessária para se fazer crer na experiência do outro. Em última instância, é de fácil compreensão a suposição de que o afeto investido na racionalização a torna mais plausível ou não.

Sigo com dois exemplos que simplificam nossa elaboração. Entre os anos de 1901 e 1911, o escritor romancista polonês Jerzy Żuławski desenvolveu seu *magnum opus* intitulado “*Trylogia Księżycowa*”<sup>10</sup>. Na ficção, o autor desenvolve uma trama onde astronautas são enviados para um planeta habitado por duas espécies: uma humana e outra animal. Os humanos do planeta consideram os astronautas deuses, a raça animal os considera falsos profetas. Em certo momento, os humanos requisitam que um dos astronautas, aquele que é tido como o profeta, os ajudem na guerra contra os animais. Após uma catástrofe e incontáveis perdas de ambos os lados, um dos humanos diz ao astronauta o que seria uma das frases mais impactantes desta obra: “houveram muitos relatos de que o senhor fez tudo que era humanamente possível para nos ajudar, porém nada mais”. Aqui decidem que o astronauta deve ser executado, pois a imagem da divindade só é manchada pela imagem do astronauta que não corrobora as expectativas que se tem para um deus<sup>11</sup>.

Penso que meu exemplo agrada o literário e o teólogo. Agora, para o psicanalista, uma abstração. Poderia um paciente chegar à análise com queixas de vício em pornografia, dificuldade em realizar seus projetos de vida e uma facilidade para se encontrar em relacionamentos nos quais a pessoa com quem está, por mais que lhe seja prejudicial, ainda o cativa. Claro, até a convivência demonstrar que, no âmago, são

---

<sup>10</sup> Tradução livre: A trilogia lunar.

<sup>11</sup> É inevitável, para o cristão ou não, compreender a analogia feita com a história da Bíblia narrada pelo cristianismo, adicionada de um tom extra de ficção científica.

apenas pessoas que ele consideraria desinteressantes. Em determinado momento, o paciente falaria que cessou completamente com seu comportamento de se masturbar com a pornografia, pois sentia que, após a masturbação, a sensação era ínfima e passageira. Enquanto que assistir a pornografia, isto sim lhe criava excitação. De forma similar, a ideia de alcançar seus projetos de vida seriam muito mais satisfatórios do que alcançá-los de fato.

Com relação aos parceiros, todo mistério carrega em si um tanto de sedução que, após desfeito, o que resta? Como seria possível para qualquer parceiro corresponder a expectativa de mistério eterno, isto é uma tarefa para deuses e ídolos. Inevitavelmente, sacrificaria a masturbação, para deixar intocada a imagem de satisfação que a pornografia promete; sacrificaria seus projetos de vida, para deixar intocada a satisfação que o meio social promete; sacrificaria seus relacionamentos, do mesmo modo que se sacrificam profetas que prometem e não cumprem. Em última instância, o atravessamento da idealização é se torna mais importante que o objeto, e o indivíduo gravita toda construção psíquica em torno de sustentar esta dinâmica.

O fetiche se torna uma crença que se conserva sem o conhecimento do sujeito, se sustentando em seu afeto. É uma religião própria do sujeito, exigindo renúncias do mundo externo, assim como toda religião o faz. Se Deus fica em silêncio diante do desprazer e do sofrimento, a experiência é assustadora. No entanto, se Deus aparecesse diante dos olhos de quem sofre, seria isso menos assustador? Só podemos conjecturar, obviamente. A questão que se aplica com o fetiche é manter a suspensão da satisfação, em detrimento de alcançá-la, assim a ilusão de seu alcance é sempre presente, criando o conforto semelhante à placa de “saída de emergência” do cinema: se algo der errado, posso recorrer àquilo.

Se o fetiche possui esta função de sustentação da existência, como pensar sua origem?

[...] Freud revelou a origem do fetiche: ele representa a última coisa percebida antes do choque da descoberta anatômica, descoberta cuja lembrança é arrastada num esquecimento que Freud compara à anestesia traumática (Mannoni, 1983, p. 32).

Dois pontos discutidos anteriormente direcionam nosso pensamento. Primeiro, se o fetiche se instala antes da linguagem, devemos concluir que está vinculado às funções simétricas da vida psíquica, mesmo que o sujeito já possua linguagem, o evento

traumático que não encontra correspondência na mesma é o que se impõe, uma sobrecarga está presente e o curto-circuito entre afeto e pensamento está estabelecido. Isso é precisamente o que consideramos como trauma pré-verbal. Segundo, se aceitamos que a premissa anterior é verdadeira, só nos resta dizer que este elemento traumático se apresentará no único meio representacional pré-verbal do sujeito, seu corpo, alocado nas camadas mais complexas do inconsciente, onde a lógica simétrica reina e os conceitos de identidade e identificação são os mesmos.

Esta “última coisa percebida antes” (poderíamos dizer, antes da assimetria do pensamento) se caracteriza como uma rachadura não no espelho, mas no próprio indivíduo, é uma ferida narcísica onde nada existe que não Narciso. Por mais que haja uma divisão entre Eu e objeto, a cicatriz desta ferida de quando nada além do Eu existia é herdada pelo mundo externo. A memória é arrastada em esquecimento, porém o afeto perdura, atemporal, por isso “as origens da comoção são inacessíveis pela memória” (Ferenczi, 1934/2011, p.130) O contato com esta ferida inunda o psiquismo em ausência, instaurando um quadro de caráter depressivo narcísico

## 7. IGNACIO, O MÉDICO

Dentre os autores que iniciaram seus estudos pelos pacientes psicóticos destaco Ignacio Matte-Blanco, renomado psiquiatra e psicanalista chileno. A obra de Matte-Blanco foi inovadora por expandir e aprofundar as características do inconsciente de modo a se manter fiel à descrição proposta por Freud, ao mesmo tempo que propõe um campo de expansão. Observando os psicóticos o autor elucidou, também, aspectos da lógica do inconsciente na neurose. Seria possível, com sua teoria, algum aprendizado sobre a clínica contemporânea? Especificamente nos casos limite, que a psiquiatria denomina como *borderline*? Esta é uma das perguntas que desejo compreender<sup>12</sup>.

Quando pesquisamos Matte-Blanco nos bancos de dados de publicações

---

<sup>12</sup> Me faço valer de uma autocrítica neste questionamento. Até que ponto vale a separação que estabelecemos, para a discussão de um conceito como o inconsciente? Me sinto na mesma posição que Takeo Doi se encontrava quando escreveu sua obra “A Anatomia da Dependência” (DOI, 1971), onde o autor se detém em estudar profundamente a psique japonesa, para tentar encontrar suas características específicas. Ao final de sua obra, depois de uma profunda descrição e comparação com a psiquiatria e a teoria psicanalítica de sua época, conclui que, tentando aprender sobre os japoneses, acabou aprendendo sobre o ser humano. Se este for o resultado final de minha pesquisa, só posso considerá-la fortuita.

científicas, fica evidente que a influência deste autor escoou para as áreas mais diversas, o que parece justificar a recuperação de sua obra na psicanálise. Quando Matte-Blanco (1975) escreveu sua *magnum opus* “O Inconsciente como Conjuntos Infinitos: Um Ensaio sobre a Bi-lógica”, teve a perspicácia de escrever capítulos de conceitos matemáticos para psicanalistas e capítulos de elaborações psicanalíticas para matemáticos e filósofos. Não me atreveria a cometer o erro de ignorar a possibilidade de que outros leitores, não psicanalistas ou recém iniciados na psicanálise, possam vir a consultar esta pesquisa. Por este motivo, uma das proposições principais deste trabalho é o de tornar a leitura de um autor tão complexo como Matte-Blanco, mais acessível para o estudante curioso de sua obra.

Nascido em 1908 em Santiago do Chile, Matte-Blanco foi educado até o final de seu ensino superior neste país. Médico psiquiatra formado pela Universidade Católica de Santiago do Chile, em 1930 Matte- Blanco se tornou professor assistente de bioquímica e, em seguida, professor efetivo de fisiologia na mesma universidade. Ainda no Chile, iniciou sua análise com Fernando Allende Navarro. Em 1933 se mudou para Londres, onde recebeu o título de “pesquisador adjunto” de fisiologia da University College London e se especializou em neuropsiquiatria no Maudsley Hospital. Realizou sua formação psicanalítica no *Institute of Psychoanalysis* de Londres, vinculado à *British Psychoanalytic Society* e a *International Psychoanalytical Association*, formação na qual teve oportunidade de realizar supervisão clínica com grandes nomes como Anna Freud e James Strachey. Em 1938 concluiu sua formação em psicanálise, se tornando membro efetivo desta instituição.

Em 1940 se mudou para os Estados Unidos da América, onde atuou em diversos hospitais até se efetivar como professor de psiquiatria na Duke University of North Carolina, onde residiu pelos próximos 3 anos. Nos anos em que residiu neste país, frequentou os seminários de Richard Courant, proeminente matemático do século XX, com quem trabalhou em pesquisas teóricas. Foi por encorajamento de Courant que Matte-Blanco publicou seus primeiros trabalhos estabelecendo relações entre a psicanálise e a teoria dos conjuntos.

Em 1943, regressou ao Chile. Um dos psicanalistas pioneiros na América Latina, foi cofundador da Sociedade Chilena de Psicanálise (vinculada à *International Psychoanalytical Association*) nesse mesmo ano. Já em 1949 se tornou professor de psiquiatria e diretor da clínica de psiquiatria da Universidade Chilena de Santiago,

cargos que sustentou até sua ida definitiva para a Itália em 1966.

Sua mudança para a Itália ocorreu em meio a um cenário político que causava grande desconforto em Matte-Blanco. De um lado, uma fenda abissal entre a psicanálise na universidade e o ofício psicanalítico privado, fato esse que ele acreditava contribuir para a restrição do acesso ao fazer psicanalítico e seu estudo. Não só, os altíssimos custos de uma análise pessoal acarretavam que a técnica psicanalítica se tornasse elitizada e produtora de exclusão, tornando a formação de novos analistas praticamente impossível. Ao mesmo tempo, a década de 60 no Chile representou a última década anterior ao golpe de estado que derrubou o governo democrático de Salvador Allende, instaurando a ditadura militar liderada por Augusto Pinochet.

Um crítico da privatização da psicanálise e do sistema de saúde público, Matte-Blanco não seria bem recebido em sua própria pátria durante essa época. Neste período a psicanálise, como em todas as ditaduras, se enrijeceu em suas teorias e instituições, criando barreiras entre a comunidade e os psicanalistas. Um método de proteção, evidentemente, porém um prejuízo cujos efeitos reverberam até atualmente. Um dos efeitos desta inquisição seria o apagamento do legado de Matte-Blanco em seu próprio país e na América do Sul em geral. É comum ouvir a frase “já ouvi falar deste autor”, e nada mais.

Fato esse que corroborou com sua estadia permanente na Itália, onde assumiu o cargo de professor de psicopatologia na Universidade Católica do Sagrado Coração e analista didata da Sociedade Psicanalítica Italiana, permanecendo nestas posições até seu falecimento, em 1986.

No entanto, a psicanálise italiana se desenvolveu tendo como pressuposto básico a metapsicologia desenvolvida por Matte-Blanco, como Franco Borgogno e Alberto Luchetti deixam evidente em seu excepcional compêndio de psicanálise italiana, “*Reading Italian Psychoanalysis*” (Borgogno & Luchetti, 2016), Matte-Blanco foi responsável por abrir uma área de possibilidades de pesquisa psicanalítica, abertura essa que influenciou todo o movimento psicanalítico desse país, incluindo seus autores mais reconhecidos como Antonino Ferro, Giuseppe Civitaresse, Jacqueline Amati-Mehler, etc.

## 8. MATTE-BLANCO, O PSICANALISTA

O inconsciente é a coluna vertebral de toda a teoria psicanalítica. Aquilo que caracteriza o humano, mais do que a consciência, porém que funciona segundo uma lógica de outra ordem. Matte- Blanco afirma que o inconsciente deve possuir uma lógica própria, diferente da lógica científica, cognoscível, caso contrário o inconsciente seria absolutamente desvelado à consciência e não existiria o trabalho por trás do palco. Ao mesmo tempo, afirmar que o inconsciente é puro caos seria errôneo, pois isso seria o mesmo que afirmar que a psicanálise não gera resultado algum, que nada do inconsciente é apreensível. Sendo assim, por uma via lógica: se conseguimos obter alguma apreensão do inconsciente/realizar algum trabalho psicanalítico, então deve existir uma lógica que rege o inconsciente.

Como alguém se torna um autor? Matte-Blanco percorreu o caminho da psicanálise durante longo período, como vimos anteriormente. Porém, é importante identificar o momento em que o mesmo deixou de ser “Ignacio, um médico psicanalista” e se tornou “Matte-Blanco, o psicanalista”. Quando pensamos nos grandes autores, como Klein, Winnicott, Lacan, Bion, etc., identificamos em sua trajetória um ponto que destoa do caminho comum, algo que lhes garante um conceito identitário próprio, uma ruptura de inovação que os inscreve como expoentes<sup>13</sup>.

Sua inovação principal é construída ao redor da compreensão de que o domínio caótico, que Freud nos apresentou como o inconsciente, é regido por regras próprias (Carvalho, 2010). Estas regras próprias, em detrimento do pensamento aristotélico, são regidas pelo que ele chamou de *lógica simétrica*. No entanto, isso não é afirmar que a lógica aristotélica está equivocada, é meramente dizer que esta lógica corresponde ao pensamento consciente, enquanto a lógica simétrica corresponde ao inconsciente. O ser humano existe em uma lógica dupla, uma Bi-lógica: um Ser simétrico e um Ser assimétrico. Se utilizamos verbos para discriminar o estado das coisas nessas lógicas, o exemplo fica mais claro: simetria = ser; assimetria = saber.

De certa forma, o que o autor propõe é que o inconsciente é simétrico, enquanto a consciência é assimétrica. Em última instância, utilizando um vocabulário psicanalítico mais comum, em princípio não existe relação de objeto, pois o Eu e o

---

<sup>13</sup> O “Anexo II” deste trabalho é uma entrevista, com Ignacio Gerber, psicanalista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, com quem tive a oportunidade de dialogar sobre as inovações e a diferença de Matte-Blanco para os outros autores de sua época. Convido o leitor a ler a entrevista antes de seguir com o texto.

outro são uma unidade indivisível. Somente quando em uma relação assimétrica, ou seja, em uma relação de diferença, se identifica a individualidade entre ambos. Esta afirmação conclui que no reino do inconsciente existe um amálgama indiferenciado, dividido em subconjuntos infinitos, ao contrário das representações da consciência. O objeto da psicanálise é a relação entre esses dois modos de ser, é a Bi-lógica.

Antes de avançar nas implicações que este modelo acarreta, é necessário compreender três conceitos básicos: O princípio de generalização, a lógica simétrica e a lógica assimétrica. Estes conceitos são articulados por Matte-Blanco com a teoria psicanalítica freudiana, como apresento a seguir.

Ao final deste capítulo o leitor estará munido das ferramentas necessárias para realizar sua leitura do “Apêndice I”, uma tradução, de autoria do artigo “Expressão em lógica simbólica das características do sistema Inconsciente, ou a lógica do sistema Inconsciente”. Este artigo, aqui exposto pela primeira vez integralmente em língua portuguesa, é o ponto onde Matte-Blanco deixa de ser um psicanalista e se torna um autor da psicanálise.

O artigo foi traduzido pelo autor e tem a intenção de se manter o mais fiel possível (dentro do que qualquer tradução consegue ser) do artigo original de Matte-Blanco. Apresentado pela primeira vez no “Primeiro Congresso Latino Americano de Psicanálise” em Buenos Aires, Argentina, ano 1956; publicado pela primeira vez no *International Journal of Psychoanalysis* em agosto de 1959, no volume 40, parte I. A versão traduzida aqui é a mesma publicada em seu livro (Matte-Blanco, 1975), pois esta é uma versão expandida do artigo inicial, contendo mais exemplos e explicações mais amadurecidas de sua própria teoria quando comparadas às formulações de Matte-Blanco em 1956. A fim de comparação, consulte também a edição traduzida para o espanhol de María Victoria Niño V., publicada na *Revista Psicoanálisis de la Asociación Psicoanalítica Colombiana*, em Bogotá, Colômbia, volume XXVIII, número 2, ano 2016. Porém, esta versão utiliza o artigo original de 1956, sendo assim, sua consulta foi limitada. Dadas as devidas referências e o devido crédito à Matte-Blanco, o leitor terá compreendido que a originalidade aqui é da tradução deste artigo, não de sua confecção.

#### **a. O Princípio de Generalização**

O princípio de generalização postula que o inconsciente tem a capacidade de agrupar dois elementos quaisquer como parte de um conjunto ou classe. Em outras palavras, quando dois elementos compartilham uma característica comum, eles são agrupados no mesmo conjunto. Isso é semelhante ao que a lógica chama de *função proposicional*.

Há uma tendência universal, entre os homens, de conceber todos os seres como eles próprios e de transferir para todo objeto as qualidades que conhecem familiarmente e de que estão intimamente cômicos. (Freud, 1913/2013, p. 75)

Este princípio, antes de mais nada, é o responsável pela capacidade da transferência. Basta imaginarmos a dificuldade evolutiva que se apresentaria se não fossemos capazes de estabelecer vínculos de relação entre dois objetos, ou seja, se fosse necessário descobrir um novo significado a cada nova relação.

Vamos nos deter em um exemplo um pouco mais tangível: Um indivíduo lida com uma figura paterna dominadora em sua infância, como consequência, no inconsciente fica inscrita a função proposicional “dominador”. Em seu emprego, seu chefe também é uma figura dominadora com a qual ele tem que lidar. Logo, no inconsciente, o chefe e o pai, ambos caracterizados pela função proposicional “dominador”, são colocados no mesmo subconjunto.

Este processo de categorização pode continuar, criando conjuntos cada vez mais genéricos, abrangendo uma ampla gama de experiências que se interpolam. O princípio de generalização está associado aos processos de fetichismo, processos de compulsão à repetição, processos identificatórios, etc.

Em suma, o princípio estabelece que entidades com características particulares são conglomeradas em conjuntos cada vez mais genéricos, eliminando sua identidade individual. O conjunto genérico poderá, então, ser denominado de acordo com a função proposicional. Retomando o exemplo: Função Proposicional [Dominator] {Pai, Chefe,...}.

## **b. Assimetria**

O que é saber sobre algo se não sabê-lo em um conjunto limitante? Elencar uma categoria nada mais é que dar nome à uma característica específica de um fenômeno. Sendo assim, o “saber” é determinar em um conjunto fechado a identidade daquilo que

se sabe, eliminando toda e qualquer possibilidade de outra apreensão de significado. Consequentemente, “saber” algo nos coloca uma barreira quase intransponível ao conhecimento total do objeto/fenômeno. O paralelo com o diagnóstico é evidente.

Me explico: vejo, à minha frente enquanto escrevo, uma folha de papel. Sei que é uma folha de papel, dada minha experiência prévia. Uma criança, menos contaminada pelo desgaste da idade, poderia pegar esta simples folha e transformá-la em um avião de papel. Para a criança, o avião de papel não é apenas um símbolo, *é um avião*. A fantasia, menos anestesiada pela memória e pela percepção, possui maior influência na construção da realidade. A folha não é um utensílio tão simples e determinado, é um portal do imaginário; para o clínico, a cena é ainda mais corriqueira: o paciente entraria no consultório e exclamaria que tem um transtorno alimentar. O paciente não *está* diagnosticado, ele *é* o diagnóstico.

Neste contexto conseguimos compreender facilmente como o diagnóstico pode ser um violento eliminador de potência, reduzindo a identidade do ser à uma categoria nosográfica, amaldiçoando-o à viver em um modelo profético, onde o que eu tenho de ruim é pelo diagnóstico e, o que eu tenho de bom, é também, pelo diagnóstico. Com o diagnóstico o paciente “sabe” quem ele é, e por isso deixa de buscar quem poderia ser.

Em uma relação de assimetria, o individual é mantido e as identidades são respeitadas, mesmo dentro do subconjunto. O chefe, por mais que seja dominador, é o chefe. A assimetria é o oposto da generalização. É um processo do desenvolvimento que surge com a tendência de “entremear objetos ‘diferentes-de-mim’ dentro do padrão pessoal (Winnicott, 1971/1975, p. 13).

Existe um processo racional envolvido que discrimina os elementos do conjunto, por mais que estejam associados em um mesmo subconjunto, não se aglutinam. As relações não são reversíveis, o que chamamos de *princípio da não contradição* é respeitado. Uma simples frase é capaz de demonstrar: Roberta é filha de Maria, logo Maria é mãe de Roberta.

Nenhuma pessoa em plenas faculdades mentais acharia válido dizer que se Roberta é filha de Maria, logo Maria é filha de Roberta. Novamente, uma relação assimétrica é uma relação unidirecional

O exemplo mais emblemático é sobre a diferenciação sexual. Se, a princípio, somos todos bissexuais (Freud, 1905/2016), é a assimetria anatômica que nega essa afirmação. O estímulo do corpo (anatomia), interpretado pelo pensamento, conduz à uma racionalização de um gênero que, a priori, não existe. É essa falta do falo que se impõe como um excesso de falta. Como dito anteriormente, um excesso de falta elicia uma psicotização, que neste caso, racionaliza um gênero específico. Em sua, corresponde ao mesmo processo de uma criação identitária. No entanto, o afeto em si, simétrico e inconsciente, perdura bissexual, caso contrário seria impossível ser estabelecida uma relação de identificação entre indivíduos de gêneros opostos.

### **c. Simetria**

Em uma relação simétrica pode-se dizer que a relação é a mesma que sua inversão. Isso significa que elementos no mesmo conjunto são tratados como equivalentes, independentemente de sua ordem/características. Esta é a lógica que impera no inconsciente. Um exemplo clássico:

$$x = y$$

$$y = x$$

As implicações desta simples afirmação, para a teoria psicanalítica, são surpreendentes.

Utilizando a ilustração de uma relação mãe-bebê, compreende-se que, para o bebê, o seio é parte da mãe. Se aplicarmos nossa conclusão anterior, o inverso de “o seio é parte da mãe” seria “a mãe é parte do seio”. Para alguém que já teve contato com a teoria kleiniana, pensar em “seio bom/seio mau”, deixa evidente as implicações da lógica simétrica. Para aqueles que não são familiarizados com o kleinismo, irei me deter nos exemplos anteriores.

Em uma relação simétrica, se Roberta é filha de Maria, Maria é filha de Roberta. Para nosso pensamento consciente esta afirmação é, no mínimo, cômica. Mas a clínica dos pacientes psicóticos nos deixa evidente como este tipo de funcionamento se dá na prática. Em outro exemplo, se meu pai é dominador e meu chefe é dominador, logo meu pai é meu chefe.

Agora não nos faltariam atos falhos para compreender as implicações disso.

Quando para Freud o ato falho é algo que “vaza” do inconsciente, dentro da bi-lógica proposta por Matte-Blanco o ato falho é uma demonstração de uma relação simétrica entre dois elementos que estão no mesmo conjunto. Em uma notícia mais positiva, ser chamado pelo nome da ex esposa seria apenas um sinal de que você está dividindo o subconjunto “esposa” com ela. Um bom sinal de que você está sendo colocada neste conjunto; um mau sinal de que a ex esposa ainda está nele.

#### **d. O modelo estratificado**

O ser humano, para processar todos os dados perceptivos, recorreria a esse duplo modelo de organização do conhecimento<sup>14</sup>, assimétrico - simétrico (consciente – inconsciente). Isso não significa dizer que são estados do psiquismo, são modos de funcionamento. O psiquismo seria esta sequência infinita de estratos, em uma extremidade o polo simétrico, no outro o polo assimétrico, constituindo a *estrutura bi-lógica*. As psicopatologias se encontram na desequilibrada distribuição da informação nestes pólos.

#### **i. O Paradoxo dos Números Reais**

Para entender este paradoxo de um movimento infinito entre eu e o outro, basta um exercício matemático simples. Entender o paradoxo do infinito entre 1 e 2 é um desafio fascinante na matemática. Este paradoxo está relacionado à natureza dos números reais. Vamos explorar esse conceito com uma explicação mais detalhada.

Os números reais formam uma linha contínua que se estende infinitamente em ambas as direções. Esta linha contém todos os números possíveis, incluindo números inteiros, números racionais (frações) e números irracionais (como  $\pi$  ou  $\sqrt{2}$ ). Agora, vamos considerar o intervalo entre 1 e 2 na reta real. Parece ser um intervalo pequeno e finito, certo? No entanto, o que torna esse intervalo fascinante é que ele contém uma quantidade infinita de números, e essa densidade infinita é o que cria o paradoxo.

---

<sup>14</sup> O termo “conhecimento” aqui não corresponde à intelectualização, mas sim a apresentação qualquer de um estímulo, seja ele meramente dado perceptivo ou de fato um saber (Mondrzak, 2004). Este ponto ficará mais claro na seção sobre emoções.

Para compreender a densidade infinita entre 1 e 2, basta imaginar uma sequência infinita de números decimais. Por exemplo,

[1.1], [1.01], [1.001], [1.0001]...

Cada um desses números está dentro do intervalo entre 1 e 2, mas há infinitos deles. Podemos criar ainda mais números adicionando dígitos após o decimal: 1.11, 1.101, 1.1001, e assim por diante. Novamente, infinitos números que estão dentro do intervalo. Podemos continuar essa progressão infinitamente, sempre adicionando zeros e uns após o decimal. Mesmo que esses números pareçam estar se aproximando de 2, eles nunca realmente atingem 2, porque há sempre mais dígitos para adicionar.

O paradoxo do infinito entre 1 e 2 mostra que, embora saibamos que  $1 + 1$  é igual a 2, entre 1 e 2 existe uma quantidade infinita de números que, de certa forma, nunca alcança 2. É um exemplo impressionante da complexidade dos números reais e da natureza infinita da matemática.

## **ii. Entre Eu e o outro, 1 e 2**

Para Matte-Blanco, o bebê nasceria o mais próximo do funcionamento simétrico puro possível, novamente concordando com o fato de que, no início da vida, não existe relação de objeto. Para existir o outro é necessário o pensamento assimétrico, estrato esse ainda ínfimo no recém nascido. Ao longo do desenvolvimento, o bebê desenvolveria estratos cada vez mais assimétricos, possibilitando, em última instância, uma capacidade de raciocínio aristotélico, de pensamento assimétrico. De forma muito semelhante ao que Lacan (estágio do espelho) propõe, é a relação com outro ser humano que possibilita ao bebê definir aquilo que não é ele, ajudando-o a compreender, inevitavelmente, sua própria identidade.

Porém, curiosamente próximo à conclusão de Lacan, Matte-Blanco acredita que este movimento sempre deixará algo faltando, aquilo que Lacan chamou de alienação pela figura do outro no espelho, aqui se transforma em uma inevitável aproximação/afastamento de si com base no outro, uma tendência infinita ao 2, que se afasta sempre mais do 1, mas que nunca o alcança completamente. Um modelo matemático do paradoxo de Zenão. A conclusão é de que o que é inconsciente nunca de fato se torna absolutamente consciente, apenas fragmentos. Este “fracasso”

inevitável ocorre pois, no pensamento assimétrico, é necessária a utilização de um recurso que possa racionalizá-lo, no caso, a linguagem. Porém, sendo a linguagem<sup>15</sup> uma construção do próprio pensamento assimétrico, ela somente pode tangenciar os fenômenos simétricos, nunca revelá-los em sua totalidade.

O sofrimento, para Matte-Blanco, estaria localizado no processo de assimetria, no processo do pensamento, sobre a diferença entre eu e o outro. Ao mesmo tempo, uma percepção de que não sou todo eu, nem todo o outro.

[...] Para Ferenczi, {que se mantém no quadro da metapsicologia freudiana}, a catástrofe da confusão de línguas entre a criança e os adultos (a linguagem da ternura e a linguagem erótica), entre o analista e o paciente, e todos os problemas técnicos (de manejo da transferência) necessários para o tratamento psicanalítico; para Bowlby, a catástrofe da privação materna; para Mahler, a catástrofe da não separação da situação de amálgama inicial com a mãe (o autismo e a simbiose), que não torna, pois, possível o processo de individuação; e para Lacan, a catástrofe da constituição simbólica do sujeito alienado de si mesmo, catástrofe da fase do espelho (com a impossibilidade de entrada do significante primário, o nome do pai), que acaba por manter o indivíduo no seu mundo real ou imaginário. (Fulgêncio, 2022, p. 130)

Se nos fosse requerido localizar o conceito de sofrimento para ele, diríamos que está entre Ferenczi, Lacan e Bowlby. Não parece coincidência que, como dito anteriormente, Lacan demonstrou seu respeito acerca da obra de Matte-Blanco. É válido o comentário de que John Bowlby (1907-1990) e Matte-Blanco nutriram uma amizade de anos, que ficou registrada em um acervo de cartas que ambos trocaram ao longo de suas vidas. Estas cartas, infelizmente, se perderam nas areias do tempo<sup>16</sup>.

É o conflito inerente à crise da quebra simétrica que o psiquismo tenta evitar com a instauração da transferência. Ao invés de aceitar a crise, o sujeito se coloca sempre no tempo do futuro, em direção ao “2” que nunca chega: quando eu tiver dinheiro, serei feliz; quando eu conquistar aquela mulher, estarei completo; se eu me casasse com alguém como você, minha mãe teria orgulho. Incontáveis topografias que ouvimos dentro do consultório e que poderíamos traduzir pela mesma função proposicional: se

---

<sup>15</sup> Uma advertência aqui é válida, não se deve confundir linguagem com fala. O termo designa qualquer tentativa de expressão, seja a fala propriamente, gestos, a arte, etc..

<sup>16</sup> À César o que é de César, não foram de fato as areias do tempo que fizeram a correspondência se perder. Quando do falecimento de Matte-Blanco, alguns itens de sua biblioteca pessoal foram doados a *British Psychoanalytical Society Library*, vinculada ao *Institute of Psychoanalysis* de Londres. No ano de 2022, uma falha na infraestrutura do sistema de escoamento causou uma inundação na biblioteca, o que acarretou em danos ao acervo da mesma. As cartas, mais do que pelas areias do tempo, foram, como diz o ditado popular, “por água abaixo”. Todas estas informações foram coletadas por email com o Sr. Ewan O’Neil, a quem agradeço novamente.

eu tivesse o falo, teria poder sobre o objeto. Uma transferência que prende o sujeito em uma jornada *ad aeternum* que ilude com falsos desdobramentos identitários mas que, na verdade, revelam justamente o contrário, um curto-circuito que reduz o infinito a zero. As várias faces de uma mesma moeda que geram a ilusão de novas perspectivas, mas que apenas a topografia é alterada, não o significado. É a armadilha do falso caminhar que prende o indivíduo em uma situação ritualística que ameaça a perda daquilo que o paciente sabe que não tem.

### iii. Entre o afeto e o pensamento

Se de um lado extremo, no pensamento assimétrico mais tardio, encontra-se o raciocínio e o pensar, o que encontra-se do outro lado, desde as origens, os afetos. A experiência simétrica, no modelo da bi-lógica, é precisamente a vivência do afeto puro, para qual o indivíduo ainda não possui diferenciação. O recém nascido, não munido da linguagem, pode chorar em desespero pelas sensações corpóreas que o invadem, por exemplo. Os afetos, antes de mais nada, são também um modelo de classificação para os estímulos.

Porém, possuem uma particularidade que os complexifica: sua infinitude e, conseqüentemente, seu teor impensável (Carvalho, 2010). A lógica simétrica, por ser independente do princípio da não contradição, permite uma infinita cadeia de associações, eliminando a possibilidade do pensamento ser construído. Uma pessoa pode chorar de medo, de angústia, de alegria, de tristeza, de dor, ao dar risadas. Um exemplo banal, é claro, mas é uma demonstração elucidativa de como um estímulo afetivo pode significar múltiplas associações. Este fenômeno, na clínica, é observável em nossos pacientes que constantemente nos dizem não saber dar nome para suas emoções, sensações tão desconexas e confusas que a linguagem (pensamento assimétrico) não é capaz de estabelecer uma descrição.

De forma muito semelhante ao modelo apresentado por Freud em “A Interpretação dos Sonhos”, o aparelho psíquico construído aqui está constantemente ocupado na tarefa de dar conta dos estímulos. O pensamento assimétrico e os afetos não devem ser interpretados como concorrentes, ou pior, como uma evolução mais civilizada do outro<sup>17</sup>, mas sim complementares, uma dinâmica que mantém o equilíbrio

---

<sup>17</sup> Um dos pressupostos básicos da *ego psychology*, escola da qual Matte-Blanco discorda veemente, de que o ego seria o id domesticado.

entre “Ser, sentir e pensar” (Matte-Blanco, 1988), além disso, conviver em sociedade. A frustração com o chefe pode ser escoada com alguns termos de baixo calão. Alguns gritos com o ex marido, por confundir o nome da esposa, podem ser suficientes para que ela se alivie. A descarga afetiva ocorre pela elaboração, assim como no modelo freudiano. Um afeto, ressignificado pelo processo do pensamento, é liberado. Em termos de Matte-Blanco, o que temos aqui é um envolvimento de um estrato simétrico (afeto) com uma camada de estrato assimétrico (pensamento lógico-racional). Em semelhança com o desenvolvimento bioniano, a teoria apresentada aqui é uma teoria da experiência emocional e do desenvolvimento da capacidade de pensar.

#### **iv. Os cinco estratos – um modelo para fins didáticos**

Já está evidente que os estratos mentais são infinitos. Contudo, Matte-Blanco os categoriza em cinco grupos onde as mudanças de funcionamento são notáveis (Matte-Blanco, 1988). Ou seja, por mais que os estratos sejam infinitos, podemos estabelecer algum grau de previsão sobre eles, afinal, “ainda que seja loucura, há nela certo método”.

Primeiro estrato – consciência e objetos bem delimitados: não há evidência de simetria nem afeto. É o nível de objetos bem delineados, sem confusão, deslocamento ou condensação. As situações são vistas como matemáticas e lógicas: ou isso ou aquilo.

Segundo estrato – emoções mais ou menos conscientes: os elementos ficam um pouco mais difusos, mas ainda não há muito afeto. Pode haver uma reação leve diante de uma situação injusta, mas sem grande impacto emocional. A linguagem é capaz de nomear e impera mais o saber do que o ser.

No terceiro estrato, mais “profundo” – impera a lógica simétrica: o afeto pode ser intenso e caracterizado por ela. Uma situação aparentemente pequena pode desencadear uma reação catastrófica, com sentimentos de rejeição profunda e ameaça à vida. As pessoas ao redor são temidas e odiadas indiferentemente, pois são vistas como intercambiáveis devido à ênfase na classe (por exemplo, nossa função proposicional [Dominador]) em vez do indivíduo. É neste segmento que o funcionamento dos pacientes limite estaria sendo executado. Um funcionamento em que qualquer afeto, amor ou ódio, por sua indiferenciação, por sua simetria, são

percebidos como ameaças.

No quarto estrato – formação de classes mais amplas: onde há maior generalização, os afetos começam a ser agrupados e, de certa forma, se anulam mutuamente. Isso diminui a experiência de afeto, mas não a sensação de ameaça. Além disso, a noção de tempo e espaço começa a se dissipar, impedindo processos como pulsões ou projeções. É aqui que estaria enquadrado o funcionamento esquizofrênico.

O autor sugere que o estado de máxima simetria, o quinto estrato, é onde a estrutura psíquica atinge um nível de simetria absoluta, o equivalente ao sentimento oceânico. Seria a experiência que os místicos relatam de Unicidade com o todo: para um cristão, o encontro com Deus; para um budista, alcançar o nirvana; para um muçulmano, sentir a presença de Allah em todas as coisas. Para nós, psicanalistas, a experiência primária, pré-verbal, de estar em estado fusional com a mãe. Basicamente, um ponto da existência onde eu-outro não existe, conseqüentemente, sem conflitos.

O modelo dos cinco estratos é de particular interesse para o clínico. É comum ouvirmos de nossos pacientes frases como “Tá, mas o que eu faço com isso?/ Isso eu sei, mas e daí?”. Com estas afirmações não poderíamos exigir sinal mais claro de um paciente cuja “espessura” entre inconsciente e consciente ainda não lhe permitiu acessar um processo de junção de suas modalidades de ser, ou seja, ainda não lhe permitiu o funcionamento pleno em bi-lógica, unindo intelectualização e afeto. Isto é particularmente característico nos pacientes limite, onde observamos uma desconexão clara entre suas ações e seu desejo. Para estes pacientes, com dificuldades em desdobrar suas representações de forma assimétrica, as mesmas ainda se apresentam como uma realidade, ou seja, um dado da ordem somática. Um paciente anoréxico que recusa o alimento está, antes de mais nada, recusando a incorporação de um outro por aquele alimento.

Em nossa prática, a devida atenção deve ser dada para este tipo de comentário, pois nos revela um descompasso do tempo da análise com o tempo do paciente.

## **9. CASOS LIMITE**

### **a. Dinâmica e transferência**

Agora estamos munidos das duas bases essenciais para a construção aqui

proposta. De um lado, uma breve retomada da teoria freudiana, que nos permite compreender uma faceta do funcionamento psíquico. De outro, uma breve exposição da teoria de Matte-Blanco, apresentando seus conceitos principais e o fundamento de seu pensamento. Além disso, uma crítica ao positivismo e ao diagnóstico médico. Com este tripé, passamos então à uma tentativa de compreensão destes indivíduos.

Ao contrário de entender estes casos como uma psicopatologia estável entre neurose e psicose, compreendo a questão como uma problemática metapsicológica que nos leva a balancear o papel do analista e do analisando (André, 2014). Para além da ideia de uma estrutura, penso esses estados como uma lógica que se instala na relação, uma modalidade da dialética transferencial. Ou seja, o que está em voga aqui não é uma estrutura, mas o equilíbrio da bi-lógica do psiquismo do indivíduo e a maneira como este desequilíbrio afeta suas relações com o objeto.

O ponto principal no qual a literatura entra em comum acordo é o de serem estes indivíduos aqueles acometidos por traumas pré-verbais (André, 1999; Aulagnier, 2009; Cintra, 2013; Tanis, 2017.), logo concluímos que o trauma é sentido pelo *infans*, que registra no somático o afeto traumático mas que não está armado de uma linguagem capaz de gerar significado para o mesmo. O curto circuito aqui é também entre o saber e o sentir, as modalidades simétrica e assimétrica não dialogam com tanta fluidez, gerando um sentimento de vazio e solidão, onde a identificação com o objeto é escassa. Seria correto dizer que algo além do pulsional se impõe? Retomarei esta questão adiante.

Qual seria a dinâmica de um funcionamento adequado? Ora, a vida é uma sucessão de sofrer e metaforizar (Fédida, 1978/2005; Pontalis, 1977/2005). Ao contrário do que a topologia da frase nos apresenta, esta afirmação não deve ser tomada de forma pessimista. Sofrer a perda (sempre um processo fálico) e metaforizar a ausência em uma constante presença disponível para uso quando necessária. Ali, onde aparentemente não há nada, a metáfora entra como imposição de presença; ali, onde existe excesso, a metáfora entra como imposição de ausência. A capacidade de representar o traumático garante a transformação e a tomada de uma nova perspectiva, o desdobramento de um significado, a proliferação de novas categorias infinitas. Em última instância, é nossa capacidade de adoecimento e retomada da homeostase psíquica.

Em determinado momento poderia ter ocorrido que eu entrasse de férias e, quando ocorresse meu retorno, determinado paciente não retornaria e nem me avisaria. Cerca de seis meses depois eu receberia uma mensagem dele, dizendo que havia se esquecido de me avisar mas que pensava não ser necessário retomar a análise, pelo menos por enquanto. Nesta situação, teria isso sido de fato um esquecimento? Se o paciente já havia me esquecido, qual o motivo de se lembrar depois de tanto tempo? O analista nunca de fato é esquecido pelo paciente, mas sim integrado. Quando me enviasse essa mensagem, estaria se comunicando com a minha pessoa, o autor; quando me “esquece” por tantos meses, estaria se comunicando com minha função, o analista.

O inconsciente não é servo das burocracias e das boas maneiras. Poderia eu exigir algo mais de uma análise, além do prognóstico de ser esquecido? Não poderia sugerir que ele retomasse, caso contrário instauraria o fetiche. Ele exigiria de mim que fracasse, que falhe e que, sendo humano (falho), o autorize a ser também. Ser esquecido pelo paciente é ser integrado pelo mesmo, é converter-se em estrutura psíquica, constituinte de subjetividade. É reconhecê-lo na função proposicional “analista”, autorizando-o a ser analista de si mesmo e, fortuitamente, independente da análise.

#### **b. Crise e potência criativa**

*“Quem é você? – Perguntou a Lagarta. Não era uma maneira encorajadora de iniciar uma conversa. Alice retrucou, bastante tímida: ‘Eu – não sei muito bem, Senhora, no presente momento – pelo menos eu sei quem eu era quando levantei esta manhã, mas acho que já mudei muitas vezes desde então’.*

*(Lewis Carrol, “Alice no País das Maravilhas”)*

A fala preenche a falta do sexual (Soler, 2021), é por este motivo que a “cura pela fala”, com os casos limite, é tão prejudicada, pois o sexual está em excesso, dirimindo o espaço da fala. Todo vínculo é excessivo e, conseqüentemente, violento.

Em um funcionamento “normal”, o aparelho é responsável por estabelecer relações entre categorias e, conseqüentemente, por estabelecer diferenças entre os elementos de cada categoria. Afinal, reunir e categorizar elementos com base em similaridades entre realidade e fantasia é uma raiz natural do funcionamento psíquico

(Winnicott, 1973/1975, p. 13).

Em outras palavras, é responsável por perceber e elaborar a presença e a ausência do objeto (FREUD, 1917/2010). Isso ocorre pela soma do trabalho do luto com o trabalho do sonho (pela capacidade de representação), criando o funcionamento satisfatório do psiquismo onde “o trabalho do negativo traça a fronteira entre um irrepresentável que, por seu excesso é traumático, e o âmbito do figurável e representável” (Cintra, 2013).

Porém, se ocorre uma falha em alguma dessas operações, se estabelece um curto circuito, esta fronteira não é estabelecida e um amálgama caótico se forma:

Conforme o mundo ilusório se expande, a capacidade de contenção de espaço mental do paciente se torna crítica e tende a *breakout* ou *breakthrough*<sup>18</sup>. Quando isso acontece, projeções massivas e violentas de uma realidade sentida como ‘vazio interior’, de acordo com os pacientes, aparecem brutalmente. Na totalidade deste vazio, os habitantes do espaço interno se tornam objetos persecutórios e são expulsos para longe no cosmos, conseqüentemente, para além do tempo (Resnik, 2016, p. 12).

Ou seja, uma área de vivência absolutamente simétrica, onde a linguagem não é mais acessível e onde a presença física do objeto é intolerável. Esta situação, que poderia ser dita como crise, é tanto um potencial de criação quanto de morte existencial (Laing, 1960).

O trabalho do luto, sem o sonho, não permite a capacidade de abstração do negativo, mergulhando o psiquismo em uma dinâmica melancólica cuja falta de representação cria uma identificação com o vazio, inominável e impreenchível, pois o luto possui a função de transformar e integrar o objeto ao eu, sua falha elimina a presença do objeto. O estado melancólico é caracterizado pela impossibilidade de inscrever o afeto na temporalidade, ou seja, é uma manutenção da simetria onde “depois” é sentido como “antes” e vice-versa. Preso nesse limbo onde não há tempo pois há todos os tempos, o indivíduo vê seu afeto incapaz de passar por assimetria, vazado em forma de temporalidade indefinida (passado/presente/futuro) (Rayner, 1995, p. 41).

Por outro lado, o sonho, sem o trabalho do luto, mergulha na positividade excessiva, se apresentando inclusive em formas sensoriais que se impõem ao corpo do

---

<sup>18</sup> Os termos aqui possuem os sentidos de “*breakout*” como uma ruptura violenta e não construtiva, algo da ordem da atuação do paciente em suas repetições, e “*breakthrough*” como uma ruptura em direção a um potencial positivo, uma construção que quebra o ciclo do fetiche.

indivíduo (eg. alucinações, adoecimentos psicossomáticos, etc.), ao mesmo tempo massacrando a capacidade de pensar (delírios).

O paciente limite tangencia a neurose e a psicose, uma balança entre a falta constante do objeto e a presença massacrante do mesmo. O sentimento de que possuem capacidades destrutivas impera. Dado que a separação entre realidade e fantasia está ofuscada pela dissolução dos estratos entre pensamento simétrico e assimétrico, todo e qualquer ato de resistência da identidade do indivíduo é sentido como violência, rebeldia ou comportamento antisocial. Para o paciente limite, já crente em sua capacidade destrutiva, a corroboração de seus pares e da medicina positivista cristaliza essa sensação de que sua presença e tentativa de sobrevivência são destruidoras, de que sua existência ameaça a existência do outro.

Se os objetos se tornam fontes persecutórias, a conclusão para a qual a experiência nos direciona é a de que aquilo que se soma ao jogo pulsional, se impondo antes mesmo deste, é a falha dos objetos primários. Este duplo fator irá desencadear o que chamamos aqui de dinâmica transferencial dos casos limite. A mãe de uma paciente poderia vir ao analista e revelar que tinha o hábito de amamentar sua filha em excesso, pois assim ela ficaria em silêncio por mais tempo, garantindo que a mãe tivesse a possibilidade de realizar seus projetos sem ser incomodada<sup>19</sup>.

Para um bebê, ser alimentado excessivamente é traumático. O choro e a recusa do seio que alimenta é ignorada e o ato de amor que deveria ter a função de manutenção da vida se torna uma ameaça de afogamento no excesso. Como poderíamos exigir de um recém nascido a metáfora deste processo? Este bebê viria a crescer e desenvolver uma relação persecutória com o alimento (objetivo e metafórico), uma dificuldade massacrante em se identificar com o objeto e seu conforto, para se livrar do afogamento, seria alcançado apenas por meio de uma identificação com o

---

<sup>19</sup> Na abertura de uma exposição, Howard Levine contou uma piada que elucida bem este ponto (a piada foi contada a ele por um colega, mas o leitor será paciente com minha falha memória, pois não há registro de maiores informações): Recém nascido, o filho de um casal nunca chorava. Preocupados, levaram a criança ao neurologista, muitos exames depois, não foi constatado nenhum prejuízo nervoso na criança; foram encaminhados ao fonoaudiólogo, onde após várias sessões, nada que justificasse o silêncio foi descoberto; encaminhados ao psiquiatra, suas faculdades mentais foram descobertas intactas; por fim, ao psicanalista, que não encontrava nenhum prejuízo entre a realidade e a percepção da criança. Certo dia, durante o café da manhã, a criança grita: “Mas mãe, estas torradas estão queimadas e o cereal está murcho!”. Os pais, tão acostumados com o silêncio, ao invés de felicidade disseram em espanto: “mas este tempo todo, você falava? Por quê não disse nada até então?”. Calma, a criança diz: “ora, não havia nada de errado até então”. Possivelmente esta é a melhor definição de um sintoma que um psicanalista poderia encontrar.

vazio. O excesso de presença fetichiza, deixa o indivíduo adicto, nunca separando o objeto de sua função, impedindo-a de se tornar um anexo do aparelho mental, interiorizado<sup>20</sup>.

Nesta dinâmica transferencial, a exigência do paciente será que o analista assuma esta dupla função que ele mesmo não é capaz de assumir: sofrer (com ele) e representar. A tarefa é, antes de mais nada, auxiliar o paciente em sua capacidade de pensar e figurar a falta. Uma falta caracterizada por uma ausência excessiva ou uma presença excessiva.

A psicose, por exemplo, seria uma interdição do pensar, uma incapacidade de geometrizar os significados, tornando as categorias homogêneas e a identidade do paciente se perdendo neste mar de mesmo. Já “o paciente borderline, procura objetos capazes de responder às necessidades mais básicas de constituição psíquica” (Cintra, 2013). Sem as necessidades básicas, a relação entre pulsão e objeto se corrompe, construindo uma dinâmica onde o que existe é totalmente mau e o que não existe é totalmente bom. O que corrompe o objeto é a projeção que insere forçadamente o objeto em uma categoria que o indivíduo se enquadra. Em termos mais genéricos, é a projeção da destrutividade do indivíduo no objeto externo que torna a realidade tão ameaçadora.

Adicionando algumas características do neurótico:

Em todas elas [neuroses], o decisivo na formação dos sintomas é a realidade do pensar, não a do viver. Os neuróticos vivem num mundo especial, em que, como expressei em outro lugar, apenas a ‘moeda neurótica’ tem vigência, isto é, apenas o que é pensado intensamente e imaginado como afeto funciona para eles, a concordância disso com a realidade exterior é secundário. [...] Não se compreenderia a consciência de culpa dos neuróticos, caso se pretendesse relacioná-la a ‘malfeitos reais’. Como dito anteriormente, essa culpa é, em grande parte das vezes, decorrente do intenso desejo de morte que vigora no inconsciente do neurótico em relação a outros objetos<sup>21</sup> (Freud, 2013, p.82).

Eis então a fórmula do caso limite, entre a realidade totalmente má e a idealização do que é bom, adicionada de um sentimento de culpa decorrente desta destrutividade com relação ao objeto, encontramos nossos pacientes, com sua função do pensar interdita (Aulagnier, 2009), uma espécie de “mutismo seletivo”, reféns de

---

<sup>20</sup> Ver figura 7.

<sup>21</sup> Desejo que se apresenta em decorrência do caráter ambivalente do afeto investido. Não só, possivelmente see desejo de morte com relação ao objeto vigora em sinergia com o narcisismo do indivíduo, quanto maior o narcisismo dentro de uma estrutura neurótica, maior o sentimento de culpa do indivíduo.

uma angústia sem nome. A lógica se estabelece: o objeto, parte de uma realidade externa inalcançável é, naturalmente, totalmente bom. Se eu tenho desejos de destrutividade direcionados ao objeto, e ele é totalmente bom, eu só posso ser totalmente mau. Um caminho que leva à destruição da própria existência (identitária ou somática).

Não é raro ouvir de nossos colegas analistas como é angustiante trabalhar com estes pacientes, não é raro também nos encontrarmos nesta posição. Na análise destes casos não há contorno, eles invadem nossos sonhos, invadem nossa vida psíquica, invadem nossos consultórios exigindo um espaço que sentem não possuir em nenhum outro âmbito de suas realidades. À quem a função representacional é falida, a angústia de separação é absolutamente aniquiladora, tanto quanto a presença constante. A relação sempre pende entre o demasiado próximo e invasivo e o demasiado distante e inacessível.

A nós cabe apenas aceitar e sofrer suas dores para que, a posteriori, possa existir uma metáfora. Como resgatar alguém que se afoga? Poderíamos jogar uma boia na água, talvez até fornecer instruções de como se deve nadar. No entanto, para aquele que está em desespero (emoção), instruções (racionalização) não muitas vezes corroboram resultados. Seria no mínimo absurdo um salva-vidas querer realizar seu trabalho sem nunca entrar no mar; igualmente absurdo um cirurgião que não quer manchar suas luvas de sangue; alguém que trabalha com afetos, deve estar disponível a ser afetado. A diferença primordial entre o processo analítico ocorre pela sensibilidade nos afetos que estes pacientes implicam na análise.

O estado de simetria, por não prescindir da racionalidade consciente, é semelhante a um transe no qual o indivíduo está experienciando o infantil (*infans*). Como uma criança, está insensível à racionalidade, é infrutífero o diálogo em uma situação de crise. No entanto, a sensibilidade à benevolência, como a desempenhada pela função materna, é absoluta (Ferenczi, 1932/2011, p. 115).

Mergulhar na loucura privada do paciente, diria André Green; se posicionar sem memória e sem desejo, instruiu Wilfred Bion; se permitir, momentaneamente, vivenciar a função proposicional que o paciente nos categoriza, elaborava Matte-Blanco. Na prática, o que isso significa? O paciente coloca o analista na mesma categoria que o objeto primário, a fim de reviver a cena traumática em um ambiente acolhedor. O intuito

é “repetir o próprio traumatismo em condições mais favoráveis, levá-lo, *pela primeira vez*, à percepção e à descarga motora” (Ferenczi, 1934/2011, p. 130).

O sem sentido é parte essencial do mal-estar, e é preciso dizer que os psicanalistas o vivem. Na verdade, muitos sujeitos vêm à análise não porque têm sintomas precisos, mas porque, com frequência, têm a sensação esmagadora da vacuidade de sua existência e do sem-sentido de sua vida. [...] A época dos traumatismos é, ao mesmo tempo, a era da solidão e do anonimato (Soler, 2021, p. 37-38).

O processo psicanalítico com pacientes que possuem suas identidades fragilizadas demanda do analista uma aproximação respeitosa e sensível, uma demonstração de humanidade, ou seja, não uma comunicação de que o analista tem o sentido da vida, mas de que, ambos se deparando com esta falta, podem caminhar em direção a encontrá-la juntos.

A angústia do sujeito no mal-estar contemporâneo é a propaganda de um falso-*self* e a conseqüente infundável jornada atrás do mesmo; uma constante necessidade de consumo que promove a promessa de uma construção identitária mas que, por se encontrarem em um conjunto no qual o sujeito não consegue se inserir, acabam por criar apenas um vazio identitário e uma falta de conexão. Diferente de um vazio potencial, é o vazio que drena, como um buraco negro do qual nenhuma criação emana. Esta experiência do vazio é inominável pois é uma experiência simétrica, do afeto, puramente inconsciente, onde o pensamento racional não existe.

O aparelho psíquico tem sua origem com a função de dar conta daquilo que não está lá, criando paralelos categóricos com os dados perceptivos. Ironicamente, os órgãos sensoriais são constituídos para a apreciação da presença do estímulo. A ausência é uma tarefa essencialmente do inconsciente, cuja consciência consegue apenas tangenciar. Nossa linguagem, instrumento simbólico de diálogo assimétrico, não consegue descrever os afetos da forma que de fato o são, apenas suas categorias: A dificuldade de apreensão da “coisa em si” ou da “realidade última” conduz à dificuldade em pensá-la, até mesmo nomeá-la” (Lino Silva, 1999). Nossas descrições de afetos são sempre nebulosas e imprecisas (Matte-Blanco, 1988, p. 91).

A ruptura, quando ocorre, não é só do processo analítico, mas uma violência dita no campo transferencial e no espaço potencial da própria identidade do paciente. Por este motivo, todo trabalho com estes pacientes é sempre, em alguma medida, um trabalho de reparação (Resnik, 2016). A única verdadeira violência é a indiferença.

Amor e ódio são possibilidades de vínculo, de um movimento em direção ao processo criativo.

Este “objeto absolutamente necessário é mais que um cuidador: ele é o conjunto de funções absolutamente necessárias para a recepção de um recém-nascido” (Cintra, 2013), ele é, antes de mais nada, um objeto capaz de impor seu desejo de forma não violenta e acatar a pulsão do bebê de forma não excessivamente reativa. É a soma das capacidades de conter e sonhar, sofrer e metaforizar, agregar o corporal e o psíquico fornecendo uma experiência simétrica e um cuidado assimétrico:

Uma mãe superprotetora é sempre excessivamente sedutora e traumatizante, não importa quais sejam suas intenções, pois é incapaz de exercer uma função de continência, anti traumática. Por outro lado, com um objeto assim ameaçador e do qual o indivíduo deve se proteger, a função estimulante também não pode ser internalizada, pois seria excessivamente perturbadora; assim o indivíduo não consegue manter-se vivo e ativo sem um aporte contínuo de estimulação externa e de preferência auto produzida artificialmente: práticas de masturbação, droga adicção, promiscuidade. Do outro lado disso, uma depressão narcísica está sempre à espreita (Cintra, 2013).

O tempo e o espaço, antes de propriedades físicas, são medidas de afeto: se a resposta é rápida demais, posso fazer o que quiser e serei amado; se a resposta é lenta demais, independentemente do que fizer, não serei acolhido, assim, só o que é bom é o que não existe. Agora, se o objeto tolera parte de minhas falhas, se não se afasta de forma inacessível, se não me aniquila com sua presença aterradora, se não é lento nem rompe com o meu tempo, sei que posso falhar e ser amado. A continuação da vida psíquica depende da descoberta da temporalidade. É apenas através de uma assimetria que se cria a noção de espaço/tempo, permitindo a existência de um outro e, conseqüentemente, o desenvolvimento da capacidade de comunicação (Fédida, 2005).

Um objeto primário que não consiga conter sua ansiedade irá, inevitavelmente, contaminar o bebê de forma a tornar a realidade deste fatalmente objetiva, um adulto sem metáfora. Nestes casos, onde o mundo das representações falhamente emergiu, e os processos de pensamento estão paralisados, separações e intrusões são intoleráveis. É como se um adulto proporcionasse à criança um evento traumatogênico, por falta de recurso psíquico. À criança só restaria a alternativa de clivar seu ego, instalando uma ruptura entre *aquilo que sou e aquilo que penso ser*.

Me explico: uma criança cuja saúde seria demasiadamente frágil poderia se ver na necessidade de realizar diversos procedimentos cirúrgicos no início de sua vida, a fim de preservar a mesma. Para o adulto que lê essas palavras, isso parece razoável,

para a criança que ainda é alheia à determinação mortal de todo ser, um procedimento cirúrgico invasivo, com a promessa de benefícios a longo prazo, é sem sentido e violento. Sua mãe, sendo suas responsável, tomaria a decisão de que as cirurgias seriam feitas. Já a criança, nova demais para ter recursos de pensamento para concluir algo, aceitaria em silêncio. Anos depois, começando os pensamentos a ficarem mais claros em sua mente, seria inundado por pensamentos de morte com relação à sua mãe. Pensamentos esses que ele não consideraria como seus, como se estivessem vindo de *outro lugar*<sup>22</sup>. Se, na altura em que ainda era criança, possuísse a linguagem e a articulação (reconhecimento do limite eu-outro) necessárias para expressar para a mãe algo como “faça a cirurgia em você, se é tão necessária assim/ fique você nessa cama de hospital e me deixe ir embora”, sua agressividade poderia ter sido digerida por ambos e um processo de reparação teria sido feito.

É o amor e o ódio pela mãe, ainda em um único afeto<sup>23</sup>, que caracterizam este sentimento com relação à quem protege mas que também impõe situações traumatogênicas. Agora, invadido pela ideia de que existe uma violência que beneficia e que eu, por ser criança, não compreendo, o indivíduo se vê na necessidade de abandonar sua identidade para assumir a identidade daquele que entende, “imitando ansiosamente o adulto, esquece-se por assim dizer de si mesmo” (Ferenczi, 1932/2011, p. 121). A transferência se instala e faz do sintoma do objeto (mãe - a ansiedade de perder o objeto de amor [filho]), o sintoma de sustentação do próprio indivíduo (filho - ansiedade de perder o objeto de amor [mãe]). Preso, agora, entre duas possibilidades: ser o destruidor do objeto, “assassinar” a mãe e manter sua identidade; ser destruído pelo objeto, “ser assassinado” pela mãe, e assumir a identidade dela. A configuração do paciente limite se instala, se afastando do objeto, para tentar manter sua identidade, passando a imagem de um anti social disruptivo, como veremos adiante.

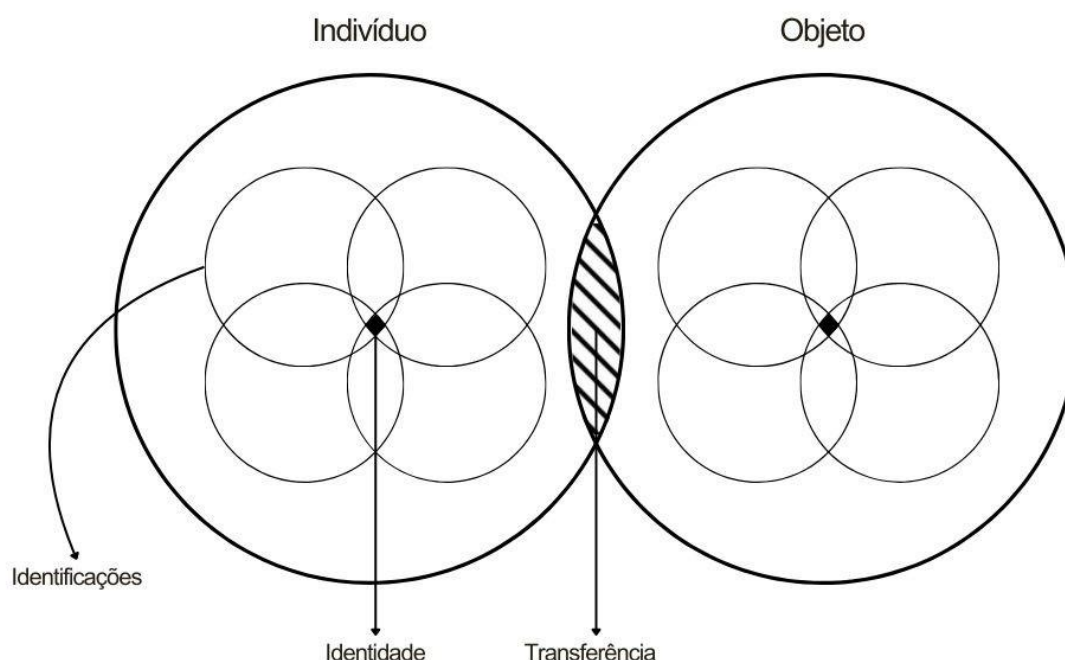
---

<sup>22</sup> O que é “um outro lugar” que não outro tempo? Distância nada mais é do que dois intervalos de tempo diferentes no qual existe um movimento. É a criança, simétrica (do inconsciente), o *infans*, que utilizaria os recursos psíquicos do indivíduo adulto para expressar a violência que sentiu com relação à mãe, violência que, no tempo cronológico, não tem mais correspondência na realidade objetiva. O inconsciente, atemporal, não se detém em fatos. Como consequência, esses pensamentos clivados são vistos como estranhos, e não poderíamos dizer que não o são, afinal pertencem à uma pessoa que já não é mais a mesma. Ao indivíduo resta a desconexão entre pensamento e afeto, pois ambos estão em temporalidades diferentes. Esta falta de causa é, primariamente, a eliciadora do sentimento de culpa.

<sup>23</sup> Não caracterizado como ambivalência, pois no âmbito da simetria, só existe um. Amor e ódio só são caracterizados de tal forma após um processo racional assimétrico de separação das identidades, um processo da linguagem e do reconhecimento das diferenças entre ambos. No inconsciente tudo é excitação ou ausência da mesma. Logo, uma excitação exagerada pode ser amor, assim como pode ser ódio, a definição só será estabelecida após o confronto com a resposta do objeto. No caso descrito anteriormente, a excitação se espelha em duas faces: amor pela mãe que cuida (tentando me curar das mazelas orgânicas); ódio pela mãe que cuida (tentando me curar das mazelas orgânicas, com procedimentos que me invadem).

Em detrimento do que ocorreu na cena primária, o analista deve atuar de forma que o objeto se sinta parte da mesma categoria, desdobrando um novo conjunto onde pode existir uma relação de identificação e um desdobramento da identidade do paciente, que proporcionam uma sensação de continuidade e uma inscrição temporal. Os rituais repetitivos (masturbatórios, adictivos, etc.) possuem a função de uma falsa movimentação em direção ao desdobramento, que “protege” o indivíduo de mergulhar na depressão narcísica.

Figura 7



Fonte: elaboração do autor, 2024.

Antes de mais nada é necessário que o paciente sinta que ele é o analista e que o analista é ele. Para que ocorra a simetria dos afetos, apenas um existe:

Cheguei pouco a pouco à convicção de que os pacientes percebem com muita sutileza os desejos, as tendências, os humores, as simpatias e antipatias do analista, mesmo quando este está inteiramente inconsciente disso. [...] em vez de contradizer o analista, de acusá-lo de fracasso ou de cometer erros, os pacientes *identificam-se* com ele. (FERENCZI, 1932/2011, p. 113)

Isso ocorre pois a comunicação, na situação analítica, é afetiva, logo, simétrica,

pré-verbal. Para que se estabeleça esta comunicação simétrica, uma relação de identificação do paciente é pressuposta. A transferência do paciente com o analista ocorre e a identificação se estabelece pois a presença do analista ameaça o confronto com a ideia conflitiva. Logo, o paciente transfere para evitar o conflito. Evidentemente, todo desagrado ao analista ou ameaça à relação coloca a iminência do fim desta barreira protetiva, a posição de submissão<sup>24</sup> é adotada a fim de preservá-los (analista e paciente), deste confronto.

Com o decorrer da análise, gradualmente, o paciente reconhece a existência do objeto e, conseqüentemente, interioriza o objeto como função. No entanto, atenção deve ser dada para não quebrarmos a relação simétrica atravessando-a com uma assimetria para a qual o paciente ainda não está pronto, é precisamente esta a falha que o objeto primário apresentou. Toda quebra simétrica ocasiona crise, de maior ou menor intensidade, a depender do tempo do indivíduo.

O tempo e o espaço são signos de humanidade, sendo que essa mesma é inaugurada pelo colapso, em sentido winnicottiano. A *iminência* do colapso do objeto primário possibilita a existência de um outro não ideal, um outro humano que serve de modelo para a criação da própria subjetividade do sujeito. É esta inscrição na temporalidade que nos torna todos membros de um subconjunto categórico em comum.

Pois bem, é a falha do analista, em tempo e intensidade corretas, que demonstra em ato, que o paciente ainda pode ser amado, mesmo com suas próprias falhas (Balint, 1968/2014). Nestes casos, onde impera o irrepresentável, é necessário antes construir a memória traumática, em um ambiente seguro, para a posteriori se esquecer dela. O analista encarna o objeto detentor do trauma, um objeto que deve se permitir ser esquecido. O percurso é o de transformar a fantasia (“não sei o que aconteceu, o que me ocorreu?”) em memória (“não acredito que isso aconteceu”), para então desinvesti-la (“isso aconteceu comigo, mas não sou eu, minha vida não se resume a isso”). A análise é o futuro do pretérito, ou seja, é a construção de um passado de tal forma que

---

<sup>24</sup> Esta posição de submissão é a manutenção de uma identificação excessiva que consome o potencial de identidade do indivíduo. Se colocando como uma barreira, limita o encontro com o desconhecido. Se o analista se permite falhar, encontra a possibilidade de se demonstrar ser humano, obtendo do paciente sua confiança, em detrimento de admiração. A falsa pretensão de que não cometemos erros com nossos analisandos é o caminho perfeito para o estabelecimento de uma relação onde o sujeito sente que o objeto não corresponde seu afeto, ou seja, uma relação onde a indiferença reina e, ao contrário de amor ou ódio, este solo infértil aprisiona o indivíduo neste estado de idolatria do analista, que agora se tornou objeto fetiche, mantenedor do sintoma. Estes movimentos são observáveis nas análises infundáveis onde o paciente se aterroriza com a ideia de perder o analista. E, sejamos honestos, muitas vezes o analista também.

possa ser apenas isso, passado, não mais presente (Herrmann, 2008).

É esse objeto que pode ser esquecido que instaura a capacidade de metáfora no psiquismo. Conseqüentemente, este objeto não precisa ser substituído por outro que exerça sua função, pois mesmo diante de sua ausência, a presença representacional é suficiente para mantê-la. Poderíamos dizer que o objeto permite o desdobramento de conjuntos, permitindo que o indivíduo esteja no mesmo conjunto do objeto, ao mesmo tempo em que está em outros conjuntos. Assim, perder o objeto não é aniquilação, pois em parte o Eu é o objeto, mas não em totalidade. Em última instância, o indivíduo deve se tornar detentor da função de metaforizar, se tornar seu próprio poeta (Fédida, 1996). O trauma, por excesso ou falta, ocorre por apresentação de uma figura onipotente e consumidora, ou ausente e muda. Assim, para não cair na armadilha de assumir alguma dessas posições, como o fez o objeto primário, deve-se procurar assumir a posição humana, por vezes presente, por vezes ausente; que possui falhas, que faz acertos. Uma figura, esquecível, mas acessível quando necessário.

Esquecer não é amar, nem odiar. Esquecer é incorporar de forma que a presença seja constante, mesmo quando da ausência do objeto. A construção da representação é estabelecida de tal forma que o objeto em si não precisa dar sinais sensoriais de sua existência para que o investimento se mantenha.

O exemplo mais comum a ser utilizado neste caso é o de nossos próprios órgãos. Raramente focamos nossos pensamentos em pontos tão alheios de nossos corpos como os rins ou a vesícula. No entanto, basta um cálculo renal ou um processo inflamatório que, garantidamente, pouca de nossa atenção sobrar para qualquer outra questão.

Para um paciente anoréxico, por exemplo, a utilidade dos dias da semana em que tem sessões de análise é tanta quanto nos dias em que não frequenta as sessões. É esta necessidade de perceber que o objeto, não estando ali momentaneamente, retornará em breve.

O analista só se torna suficientemente bom quando é capaz de atuar de forma diferente daquela do objeto primário quando colocado à prova que o mesmo foi. Uma pessoa se sentaria à minha frente no consultório e diria que todos os dias, antes de nossas sessões, passa alguns minutos regurgitando no banheiro. Se, ao invés de demonstrar minha preocupação com sua tentativa de me agradar (entrando na sala já

esvaziada do objeto persecutório), eu me assustasse e dissesse que agora ela deve permanecer sempre acompanhada antes de nossas sessões, não estaria também colocando-a na mesma posição infantilizada que o objeto primário a colocou? Uma posição excessivamente castrada? Ou pior, se a pedisse que procurasse outro profissional, auxílio farmacológico<sup>25</sup>, ou qualquer outro posicionamento que demonstrasse a ela que sua destrutividade de fato foi capaz de aniquilar nossa relação e minha confiança nela, estaria assinando sua carta de “perigosa demais para a sociedade”.

Não é raro com estes pacientes o descompasso da análise, citado anteriormente, o caminhar é gradual e o analista é constantemente testado em sua paciência para auxiliar o paciente a desenvolver um vínculo estável e não violento. De nada nos adianta um processo de racionalização que não perpassa a vivência do afeto: “agora eu sei, mas o que eu faço com isso?”. Esta é a típica frase de denúncia do paciente ter encontrado, fora de seu tempo, a vivência traumática. No entanto, sem a devida comunicação entre o Ser e o pensar, entre o raciocínio assimétrico e a sensação simétrica, o paciente ainda não está apto a viver no *mise en cène* o trauma. Nos casos limite, essa ruptura precoce corrobora o delírio de destrutividade de suas ações.

Afinal, se estamos em uma relação simétrica onde indivíduo-objeto é uma construção inseparável, estamos afirmando que ainda não existe uma capacidade de divisão categórica assimétrica, como dito anteriormente, uma situação na qual identificação/identidade se confundem. Por este motivo, realizar esta divisão precocemente coloca em pauta a consolidação da identidade do indivíduo, resultando, possivelmente, em um aniquilamento.

As considerações anteriores podem parecer complexas, confusas talvez, mas o leitor detém em si todo o repertório para compreendê-las, e lhe dou a prova disso. Se utilizamos as afirmações anteriores para compreender o funcionamento de um pacto suicida; de um grupo militar; de qualquer grupo extremista religioso, fica claro que o indivíduo, quando mergulhado em uma relação simétrica com o objeto, constrói sua identidade com base em uma identificação que o dilui na categoria. É o princípio de generalização, tomando uma característica como verdade absoluta e eliminando todo

---

<sup>25</sup>Obviamente existem casos em que o auxílio farmacológico é indispensável. O que está em questão aqui não é a capacidade ou não do analista de resolução de um quadro complexo, mas sim o *timing* das intervenções. Este tipo de sugestão possui seu espaço. Apenas não pode ocorrer de forma a atestar a projeção do paciente.

potencial de identidade do indivíduo. O objeto, o líder, como diria Freud (Freud, 1921/2011), não manda e nós executamos, pois não existe o líder e nós, existe apenas Um. A ordem do líder não é diferente de um estímulo elétrico que o cérebro manda para movimentar nossos braços. Para o líder não ser derrubado, deve corresponder a expectativa simétrica, sempre até o limite onde emoção e racionalização se confrontam: se ultrapassá-las, se destacando de forma individualizada, será deposto, e a massa, extinguida.

Retomando nossa elaboração anterior, o analista deve assumir essa posição do detentor de algum saber, do “líder”. Porém, não pode ser seduzido a ficar nela, nem recusar a mesma antes do paciente estar preparado. O analista deve abdicar de sua posição voluntariamente, assim que o paciente estiver apto a sobreviver, assim que o paciente possuir identidade própria. Uma recusa nesta abdicção irá torná-lo, inevitavelmente, em objeto fetiche. A falha que o analista proporciona é de outro caráter, não como a dos objetos primários, em sentido de falha constitucional, mas uma falha de caráter *humano*, de forma que o indivíduo sinta que pode, ele também, ser humano, não o detentor divino do falo que nunca falha.

A transferência, característica dos neuróticos, é vista como parte de um quadro mórbido ao lado da ‘imitação’ e do ‘contágio psíquico’; isto é, da capacidade do ‘enfermo’ de se apropriar das características e dos sintomas de outra pessoa (Landa, 1998, p. 25)

Sendo o sujeito seu sintoma, e a transferência uma apropriação do sintoma do outro, quando mal administrada esta passa a ser o assassinato da identidade do próprio sujeito que a utiliza como fonte de manutenção de suas resistências. O ganho é manter intacta a ideia conflitiva.

É neste aspecto que a possibilidade de tratamentos destes casos ocorre *na* transferência, não *por meio* da transferência. A aproximação não é feita pelas interpretações realizadas de forma tradicional, dizendo ao paciente o que nos ocorre e o direcionando ao *insight*. A interpretação é adicionada ao posicionamento do analista, à sua atitude e comportamento frente a necessidade do paciente (Zaltzman, 1994). Se o paciente possui prejuízo em sua capacidade representacional e, conseqüentemente, nos processos de pensamento, nossa comunicação deve ser um diálogo entre as imposições afetivas que ocorrem dentro do *setting*. Para então, e somente então, o analista ser capaz de auxiliar a racionalização. A comunicação simétrica é mais fiel ao inconsciente do que qualquer interpretação assimétrica poderia ser, pois nela sempre

fica implícito que existe um significado incompleto, uma falta que convida o paciente e o analista a caminharem juntos em direção à sua compreensão.

A transferência aqui só poderá seguir uma de duas direções: dissolução e construção de duas identidades (indivíduo e objeto), ou a fetichização do objeto e, conseqüentemente, barreira da construção da identidade do indivíduo. O manejo necessário é garantir ao indivíduo a desilusão com o objeto. Ao mesmo é atribuído esta característica de suposto saber, de detenção do falo, que na verdade é fruto da projeção do indivíduo, não uma característica do objeto de fato. Na clínica, o paciente deve aceitar, e o analista deve se permitir, perder este atributo projetado (ou seja, perder aquilo que o paciente não tem e acreditava que o analista tinha). Do lado do analista, é não ser o detentor da cura, não se tornar aquele que prende o paciente em uma análise de décadas, acreditando estar garantindo algum tipo de desdobramento quando, na verdade, se torna cúmplice do curto circuito, nunca permitindo a autonomia do mesmo.

O indivíduo, para Ser, necessita sofrer a ideia conflitiva, abandonando a transferência e o sintoma do outro, para somente então incorporar seu próprio sintoma. Quando sustentamos nossa presença de forma indefinida, mesmo que com a melhor das intenções, nada ocorre além de uma manutenção do sintoma. De forma simples, pensemos o “*paradoxo do produto de limpeza*”: durante uma aula de ensino médio um antigo professor de química perguntou a classe qual seria o odor de algo limpo. Alguns responderam cítrico, outros responderam amadeirado. Eu respondi que seria o odor de lavanda. Assim a observação mais simples de todas causou uma revolução, este é o cheiro do produto de limpeza, não da limpeza em si. Algo limpo não possui odor. A presença do objeto, quando se impõe, mesmo que possua sutilezas de agrado, ainda demonstra fonte de contaminação.

## **10. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A construção da primeira tópica desemboca no que caracterizamos como o desenvolvimento da metapsicologia, ou seja, a descrição de processos psíquicos a partir dos pontos de vista dinâmicos, topológicos e econômicos (Freud, 1915/2015), retomaremos esse ponto a seguir. Utilizo a teoria do trauma e o quadro clínico da histeria de conversão para descrever a construção do aparelho psíquico, pois nesses dois modelos acredito residir uma compreensão de mais fácil apreensão do que nos modelos da neurose fóbica e da neurose obsessiva.

A neurose fóbica designa um caminho de maior complexidade na formação dos traços mnemônicos, enquanto a neurose obsessiva possui um foco maior no contra investimento do sistema consciente, fazendo uso da repressão como formação reativa. As histéricas de conversão nos apresentam a base que Freud utilizou para a construção do aparelho psíquico, enquanto a teoria do trauma nos elucidam sobre o fluxo da energia, do investimento da libido. Podemos dizer dinâmico, por se tratar da observação dos caminhos que o investimento libidinal percorre. Esses caminhos percorrem as regiões topográficas, pelas instâncias psíquicas, do inconsciente – consciente (passando pelo pré-consciente) e determinam a qualidade do evento psíquico. A quantidade de excitação do evento, a intensidade do afeto, representa para nós o caráter econômico da metapsicologia.

Não se deve cair na falsa apreensão de que a passagem do inconsciente para o consciente acarreta um novo registro do evento psíquico, pelo contrário, quando isso ocorre damos o nome de dupla inscrição, movimento que não possui capacidade alguma de trazer à tona o reprimido. Devemos recorrer aqui à hipótese funcional, que nos traz a concepção de que a passagem entre os sistemas ocorre por uma mudança de estado do investimento. Esse é um desenvolvimento posterior, que designamos a passagem do inconsciente como uma tópica, para um inconsciente dinâmico funcional, desenvolvimento que o autor realiza em 1915, mais próximo do desenvolvimento da segunda tópica com a introdução da pulsão de morte, em 1920.

O inconsciente, como originário da repressão primária, guarda os desejos infantis conflitivos oriundos do desenvolvimento sexual. Nessa perspectiva, dizemos que o inconsciente é formado pela repressão do complexo de Édipo, necessária para que o indivíduo consiga manter sua relação com as figuras paternas e se inscrever no âmbito das relações triangulares. Em segundo momento, a repressão ocorre em favor de manter afastadas outras ideias conflitivas que possam acarretar a sobrecarga de afeto no aparelho psíquico, assim observamos a formação dos sintomas histéricos.

Com o apoio da teoria do trauma, compreendemos que os sintomas de conversão são originados a partir da necessidade de descarga de excitação de um evento psíquico necessário de ser reprimido, como observado na exploração do caso Katharina. O evento traumático é aquele que ocasiona a repressão. A função do analista, na primeira tópica, seria a de auxiliar o paciente na resolução do complexo de Édipo, estabelecendo o nexos causal entre suas descargas motoras e os afetos

inconscientes associados à repressão sexual originária.

O aparelho psíquico, como observado na teoria do sonho, funciona em modelo arco reflexo, onde as percepções recebem o estímulo, o inconsciente detém o afeto e as memórias e a consciência lida com a descarga motora oriunda da excitação. Não devemos cometer o equívoco de imaginar a descarga motora apenas como movimento físico. A finalidade em descarga motora é tão genérica quanto específica. Poderíamos utilizar o exemplo do chiste como uma descarga motora, nosso leitor irá concordar que a apresentação do chiste é um movimento motor expresso em linguagem. Da mesma forma, os processos alucinatórios são também descargas motoras, expressos em sensações e percepções visuais, auditivas, ou táteis. O que pressupomos aqui como descarga motora é o desaguar no corpo do indivíduo, de forma a afetar seus processos sensoriais.

Por mais que todo o modelo da primeira tópica e o embasamento teórico utilizado nos levem a tentativa de compreensão da localidade anatômica do inconsciente, não é possível realizar tal façanha. A elaboração do conceito de zonas erógenas e os pacientes psicossomáticos, por exemplo, atestam que a mente e o inconsciente não são restritos a uma localidade física, mas são um mito, conceitos abstratos que nos permitem a elaboração de teorias sobre fenômenos do cotidiano. A utilização de conceitos abstratos é necessária pois nos permite realizar atividades mentais combinatórias utilizando pensamentos lógicos ou seja, nos permite utilizar conceitos que não podem ser diretamente apreendidos pelos sentidos corporais, como o conceito de “justiça” ou “raiz quadrada” (Rayner, 1995, p. 47).

De forma satírica nos lembra Winnicott, em seu artigo “A Mente e sua Relação com o Psicossoma” (Winnicott, 1949), que nos parece uma ironia a maior parte dos órgãos perceptivos estarem localizados na cabeça, nos dando a falsa impressão de que o inconsciente e a consciência são exclusivamente neuronais, componentes do sistema nervoso. Aqui a primeira tópica vacila e Freud argumenta, com a teoria funcional, o inconsciente e a consciência como estados.

Devemos sempre lembrar que a noção de mundo interno é apenas didática. O que chamamos assim é um modo de pensamento, não uma localização. Por isso o próprio corpo é objeto externo, por exemplo, pois não está completamente compreendido dentro da lógica do pensamento “mundo interno” (Matte-Blanco, 1988,

p. 239).

O inconsciente nasce da necessidade de uma repressão originária. Não seria ousada a afirmativa de que o processo civilizatório se inicia a partir da concepção do inconsciente. Se retomamos a suposição de que a repressão atua para manter suportável a manutenção de relações que originam conflitos, compreendemos que o processo civilizatório, como enunciador de renúncias, exige que seja reprimido aquilo que luta contra a civilização.

Sendo assim, retomando nossa proposição inicial: “Psicanálise, ainda”, pois o fazer psicanalítico, em detrimento de outras abordagens teóricas e terapêuticas, assume a incapacidade de conhecimento da totalidade do Ser, ponto defendido por Matte-Blanco. O fundamento principal que o desenvolvimento aqui proposto nos revela é que o que está consciente, e aquilo que é pré-consciente, ainda são ancorados no inconsciente. Para o leitor não iniciado no campo da psicanálise, a concepção de inconsciente pode parecer (e de forma alguma se pode argumentar contra essa percepção) abstrata e irracional. No entanto, a demonstração que a teoria freudiana tenta realizar é a de que existe, no caos do inconsciente, um sistema de ordenação. É dessa suposição básica da psicanálise que parte Matte-Blanco. Caso não houvesse algum tipo de lógica que ordenasse o inconsciente, caso fosse de fato somente um arcabouço caótico, todo o trabalho da psicanálise seria impossível, afinal, caos é inapreensível. Fazemos nossas as palavras de Polônio, quando observa as ações quase incompreensíveis de Hamlet, para comentar o inconsciente: “Ainda que seja loucura, há nela certo método”. A existência do inconsciente torna a psicanálise válida, enquanto a validade da psicanálise torna o inconsciente plausível.

A função do analista é a de “ex-plicar” ao paciente sua potência. Em latim, *explicatio* é a ação de desdobrar, desenrolar, interpretar. O processo de desdobramento é a função primordial da análise, onde tentamos desdobrar o “saber” do paciente em direção ao desconhecido, apreendendo ângulos de sua identidade que não são aquelas que ele toma como verdade. Em termos mais conhecidos, é caminhar ao verdadeiro *self*. Quanto mais inconsciente for o afeto, menor é o conflito, pois só existe a unidade indivisível, sem a dualidade necessária ao conflito. No entanto, se algo contraditório é integrado ao Eu, ocorre uma corrupção e se instala o falso *self*. O conflito assimétrizado surge conforme a consciência constrói o objeto. Para alcançar o verdadeiro *self* é necessário que haja conflito com o objeto (Rayner,

1995, p44.)

Por meio do vínculo da transferência, o desdobramento das categorias de identificações do paciente são promulgadas, a fim de auxiliar a construção da identidade. O analista nada mais faz do que servir de multiplicador das funções proposicionais do paciente. Pois “a distinção entre os vários objetos que satisfazem a pulsão ou o afeto é, na verdade, sempre feita em termos da lógica clássica” (Matte-Blanco, 1988, p. 275), ou seja, a distinção é sempre assimétrica, mas a essência da relação é simétrica, a transferência nunca é de fato com o objeto, mas sim com a representação com a qual ele divide a categoria.

Um vínculo determina uma relação dual, entre objeto e indivíduo. Invariavelmente também uma dualidade representa um conceito de distância, sendo assim, o vínculo só se estabelece a partir do momento em que a transferência é minimamente assimétrica. Um processo de simetria absoluta, ou seja, um processo transferencial pautado no estrato mais profundo do inconsciente, que não for submetido a nenhum processo de análise, enquadra o paciente e o analista em um conjunto único, não gerando uma disparidade possibilitadora de relação (vínculo), pois analista e indivíduo são o mesmo. A “relação”, neste caso, é absolutamente narcísica, identificação e a identidade se confundem. Criar um vínculo é proporcionar a possibilidade do indivíduo vivenciar seus conflitos, que neste caso afastam o indivíduo do objeto, desdobrando a unidade singular em uma dualidade eu e outro.

Para realizar este desdobramento, para integrar a identidade do sujeito e permiti-lo realizar identificações, o processo do pensar deve ser desenvolvido, a lógica assimétrica deve ser equilibrada com a lógica simétrica e o Ser deve sentir e pensar (Matte-Blanco, 1988), em paralelo e contomitantemente. Pensar os afetos e assimetrizá-los, torná-los linguagem. Concluímos então que o Saber algo nunca é sobre a “coisa” em si, mas sobre a relação estabelecida com ela. Em última instância, este saber é sempre um subproduto da assimetria da transferência. Entre o indivíduo e o objeto há sempre um processo de memória somado ao desejo do indivíduo. Um lápis só é um lápis e não uma “coisa” pela memória a mim passada daquilo que é um lápis. Em última instância, fantasia é o contrário de memória: aqui que não me lembro, delírio; aquilo que me lembro, esqueço e integro. Em suma, “o conceito psicanalítico de símbolo é aquele de um equivalente simétrico de uma classe na qual o objeto e todos os outros representantes [desta classe] são tratados não só como equivalentes, mas como

idênticos” (Matte-Blanco, 1988, p. 174).

A experiência é uma dinâmica dual. Isto estabelecido, compreendemos que existe sempre uma relação do elemento-indivíduo com o conjunto-função proposicional (categoria do objeto). E nessa história, onde fica o inconsciente? Precisamente no hífen dos termos anteriores, o inconsciente é aquilo que está entre ambos, caracterizando, definindo e delimitando a relação.

O saber supõe uma base sensorial que filtra a experiência, tudo se relaciona por cadeias associativas. Neste processo, se não há tolerância à frustração, a realidade é absolutamente destrutiva, pois há uma incapacidade de adequar e enquadrar o afeto e o desejo nas categorias estabelecidas pelo princípio de realidade, é neste modo em que funcionam os pacientes limite. É por esta razão que o analista deve se propor “enlouquecer” com o paciente. O indivíduo que adoce está preso em um nó, com sua capacidade de pensar comprometida e, muitas vezes, com sintomas psicossomáticos que deixam evidente que seu corpo (percepção) e psiquismo (afeto) convulsionam em desespero por falta de organização do pensar.

O paciente sempre irá nos requisitar algum nível de enlouquecimento. Nos mantermos integrados é precisamente o que nos difere da cena do objeto primário. Uma barreira assimétrica, a priori, impede uma diluição, anterior à organização do indivíduo, só aumentando a solidão do paciente. O desdobramento assimétrico só é possível de dentro da própria simetria. Enfim, nosso trabalho de desdobramento realizado, basta nos contentamos em sermos esquecidos. É “exatamente antes da perda, [que] podemos às vezes perceber o exagero do uso de um objeto transicional como parte da *negação* de que haja ameaça de ele se tornar sem sentido” (Winnicott, 1973/1975, p.32). O fim da análise de fato é colocar o paciente como sujeito, não como objeto, da ação de viver sua própria vida.

A utilização dos conceitos da teoria de Matte-Blanco facilitam a compreensão de outros teóricos da psicanálise, que assim como ele procuravam compreender a diferença e a relação entre os movimentos do afeto e do pensar. Com estas novas ferramentas, nova luz é possível acerca de quadros clínicos contemporâneos, principalmente os casos limite, onde existe uma clivagem entre ser, sentir e pensar, ou seja, onde a bi-lógica não flui de maneira satisfatória.

Se o leitor sentir falta de maior presença da contribuição de alguns autores

(dentre os quais destacaria André Green, W. Bion e Melanie Klein), então poderei concluir que meu objetivo foi alcançado. As excessivas citações possíveis destes autores foram intencionalmente evitadas, pois se suas teorias forem eliciadas na elaboração do leitor mais experiente, o ponto defendido de que a obra de Matte-Blanco encontra correspondência com a deles está atestado. Esta pesquisa, mais do que uma apresentação ou um manual, é um convite ao leitor. Espera-se que seja o ponto de partida de futuros diálogos fortuitos acerca de uma herança psicanalítica não tão aproveitada.

## REFERÊNCIAS

- AULAGNIER, Piera. (2009). Le droit au secret: condition pour pouvoir penser. In: La pensée interdite. 1ªed. Paris: Presses Universitaires de France, 2009.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- ANDRÉ, Jacques. (1999) L'unique objet. In: Les états limites. 1ªed. Paris: Presses Universitaires de France, 1999.
- ASSIS, Machado de. O Alienista. In: Obra Completa. Vol. II, Conto e Teatro. Organizada por Afrânio Coutinho, 4ª edição, ilustrada. Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar, 1979.
- BALINT, Michael. (1968) A falha básica: aspectos terapêuticos da regressão. Tradução de Francisco Franke Settineri. 2ª ed. São Paulo: Zagodoni, 2014.
- BATTILOTTI, Giulia. Symmetry in sequent calculus and Matte-Blanco's Bi-logic. 2014. Tese. Departamento de Matemática, Universidade de Padova, Itália. 2014.
- BREUER, Joseph. & FREUD, Sigmund. (1893-1895) "Estudos sobre a Histeria". In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud [ESB]. Rio de Janeiro: Imago, 1977, vol. 2.
- CARVALHO, Richard. Matte-Blanco and The Multidimensional Realm of the Unconscious. British Journal of Psychotherapy, Oxford, V. 26(3), 2010.
- CINTRA, Elisa Maria de Ulhôa. André Green e o trabalho do negativo. Revista Percurso, São Paulo, V. 49/50, 2013.
- FÉDIDA, Pierre. (1978) L'absence. 1ªed. Paris: Gallimard, 1978.
- FÉDIDA, Pierre. (1996) O sítio do estrangeiro. 1ªed. Tradução de Eliana Borges Pereira Leite, Martha Gambini, Monica Seincman. São Paulo: Editora Escuta, 1996.
- FERENCZI, Sándor. (1920). Matemática. In: Psicanálise IV/ Sándor Ferenczi. 2ªed. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- FERENCZI, Sándor. (1932). Confusão de língua entre os adultos e a criança. In: Psicanálise IV/ Sándor Ferenczi. 2ªed. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- FERENCZI, Sándor. (1933). Influência de Freud sobre a medicina. In: Psicanálise IV/ Sándor Ferenczi. 2ªed. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- FERENCZI, Sándor. (1934). Reflexões sobre o trauma. In: Psicanálise IV/ Sándor Ferenczi. 2ªed. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- FREUD, Sigmund. (1895a). Sobre a concepção das afasias: um estudo crítico. (E. B. Rossi, trad.). Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2013.

FREUD, Sigmund. (1895b) A psicoterapia da histeria. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Vol. II. Rio de Janeiro: Imago, 1995

FREUD, Sigmund.(1897) Extratos dos documentos dirigidos a Fliess - carta 69. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. (1900) A interpretação dos sonhos. Obras Completas, vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

FREUD, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In Freud, S. [Autor], Obras completas, volume 6: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos (1901-1905). São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, S. Totem e tabu: Algumas concordâncias entre a vida psíquica dos homens primitivos e a dos neuróticos (1913) – 1ª ed. – São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

FREUD, Sigmund. (1914). Introdução ao Narcisismo. In: . (org.). Freud, S. Introdução ao Narcisismo, Ensaio de Metapsicologia e Outros Textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 13 - 50.

FREUD, Sigmund. (1915) O Inconsciente. In: . Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 99 - 138

FREUD, Sigmund. (1917). Luto e Melancolia. In: . (org.). Freud, S. Introdução ao Narcisismo, Ensaio de Metapsicologia e Outros Textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 170 - 194.

FREUD, Sigmund. (1921). Psicologia da Massas e Análise do Eu In: . (org.). Freud, S. Psicologia das Massas e Análise do Eu e Outros textos São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 13 - 99.

GREEN, André. O Analista, a simbolização e a ausência do enquadre analítico. In: . (org.). A Loucura Privada: Psicanálise de casos-limite. São Paulo: Escuta, 2017. p. 69 - 102.

HAN, Byung-Chul. Sociedade da Transparência. Tradução de Enio Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.

HERRMANN, Fabio. Os três tempos da análise (o tempo  $\infty$  e seus andamentos). J. psicanal., São Paulo , v. 41, n. 75, p. 49-64, 2008.

IURATO, Giuseppe. The Grounding of Computational Psychoanalysis: A comparative history of culture overview of Matte-Blanco Bilogic. 2014. Tese. Departamento de Física da Universidade de Palermo, Palermo, Itália, 2014.

LACAN, Jacques. Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise (1964). Livro 11, Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

Laing, Ronald. (1960). *The Divided Self: An existential study in sanity and madness*. 1ªed. London: Penguin Books, 1960.

LANDA, Fabio. *Ensaio sobre a criação teórica em Psicanálise - De Ferenczi a Nicolas Abraham e Maria Torok*. São Paulo: UNESP, 1998.

LAPLANCHE, Jean.; PONTALIS, Jean Bertrand *Vocabulário de psicanálise*. 2.ed. Santos: Martins Fontes, 1970.

LEVINE, Howard B.; REED, Gail S.; SCARFONE, D. Introdução: de um universo de presenças a um universo de ausências. In: . (org.). *Estados não representados e a construção de significado: Contribuições clínicas e teóricas*. 1ª Reimpressão. São Paulo: Blucher, 2019. p. 21-39.

LINO SILVA, Maria Emília. Bion: O Zero da Experiência. *Psicologia USP*, São Paulo, V. 10, Nº 1, 1999.

MAKSIM, Tomic. *Quantum Computational Psychoanalysis – Quantum logic approach to Bi-logic*. Arxiv.org, 2020. Disponível em: <https://arxiv.org/abs/2010.04550>. Acesso em: 22/06/2022

MANNONI, Octave. (1973). *Eu sei, mas mesmo assim*. In: *Chaves para o Imaginário*. 2ªed. Tradução de Lígia Maria Pondé Vassallo. Petrópolis: Editora Vozes Ltda., 1973.

MATTE-BLANCO, Ignacio. *The Unconscious as infinite sets*. New York: Routledge, 1975.

MATTE-BLANCO, Ignacio. *Thinking, Feeling and Being*. London: Routledge, 1988.

MEZAN, Renato. *Psicanálise e pós-graduação: Notas, exemplos, reflexões*. In R. Mezan, *Interfaces da psicanálise* (p. 395-435). São Paulo: Companhia das Letras, 2002

MEZAN, Renato. *Pesquisa em Psicanálise: algumas reflexões*. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, V. 39, nº70. Junho de 2006

PONTALIS, Jean-Bertrand. (1977) *Entre o sonho e a dor*. Tradução de Cláudia Berliner. Aparecida: Idéias & Letras, 2005.

RAYNER, Eric. (1955) *Unconscious Logic: An introduction to Matte Blanco's Bi-Logic and its uses*. London: Routledge, 1995.

RAYNER, Eric. *Experiências Infinitas: Uma abordagem da contribuição de Matte-Blanco à Teoria Psicanalítica*. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, Vol. 24, 1991

ROUDINESCO, Elisabeth. *Por que a psicanálise?* Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

SELESNICK, Stephen & OWEN, Gareth. *Quantum-like logics and schizophrenia*. *Journal of Applied Logic*, V.10, 2012, p. 115-126.

SHAKESPEARE, William. Hamlet, príncipe da Dinamarca. In: Shakespeare – tragédias, vol. I. Trad. de F. Carlos de Almeida Cunha Medeiros e Oscar Mendes. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

SZASZ, Thomas. (1961) O Mito da Doença Mental. Rio de Janeiro: Zahar, 1979

TAKEO, Doi. Amae no Közö. Köbundö: Tokyo, 1971.

TALAMO, Parthenope. Metapsicologia y Metamatemática. Buenos Aires: Polemos, 1999

TANIS, Bernardo. O Pensamento Clínico e o Analista Contemporâneo. In: RACHE, Eliana; TANIS, Bernardo (org.) Roussillon na América Latina. São Paulo: Blucher, 2017. p 19 - 47.

TONTI, Marco. The Operationalization of the Unconscious: from Matte-Blancos Bi-logic to Computation. 2014. Tese (Doutorado) – Departamento de História, Sociedade e Estudos Humanos da Universidade de Salento. Lecce, Itália, 2014.

TOSTES, Isadora; WINOGRAD, Monah. Pulsão de Morte e Trabalho do Negativo: Uma Introdução. 1ed. Curitiba: Appris, 2019

WINNICOTT, D.W. (1949). A mente e sua relação com o psicossoma. In: D.W. Winnicott, Da pediatria à psicanálise. Rio de Janeiro: Imago, 2000

Winnicott, D.W. (1975). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In D.W. Winnicott, O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original de 1971)

ZALTZMAN, Nathalie. (1994) A pulsão anarquista. São Paulo: Editora Escuta, 1994.

## APÊNDICE

### a. “Expressão na lógica simbólica das características do sistema lcs. ou a lógica do sistema lcs.”<sup>26</sup>

*Ignacio Matte-Blanco*

#### **Introdução e formulação do problema**

A descoberta das características do sistema lcs. é a mais criativa e fundamental das descobertas de Freud, porque é com base nessas características que suas maiores contribuições para a psicologia, especialmente todas aquelas relacionadas aos sonhos, são fundamentadas. Temos evidências indiretas de que ele as valorizava particularmente. Em seu prefácio para a terceira edição em inglês de "*A Interpretação dos Sonhos*" (1931), ele menciona que

...ela contém, mesmo de acordo com meu julgamento atual, a mais valiosa de todas as descobertas que tive a sorte de fazer. Insight como este cai na sorte de alguém apenas uma vez na vida. (Veja Freud, 1900, p. xxxii)

Por outro lado, sabemos por meio de Jones (1956, p. 34) que havia nos escritos de Freud três coisas das quais ele pensava muito bem; uma era o último capítulo deste livro, outra seu ensaio 'O inconsciente'. Agora, ambos repousam, por assim dizer, sobre os fundamentos fornecidos pelas características do sistema lcs., e em ambos o estudo dessas características ocupa um lugar de destaque. Finalmente, em suas *Novas Conferências Introdutórias* (1933, p. 74), Freud comenta:

Veza após veza, tive a impressão de que fizemos pouco uso teórico deste fato, estabelecido sem sombra de dúvida, da inalterabilidade pelo tempo do recalcado.

---

<sup>26</sup> Trabalho apresentado originalmente em espanhol no “Primeiro Congresso Psicanalítico Latino Americano”, em Buenos Aires, Argentina, realizado em agosto de 1956. Publicado pela primeira vez no *International Journal of Psychoanalysis*, V. 40, Part I (1959).

*Tradução: Renan Racy (2024).*

(1959) Gostaria de expressar minha gratidão a Gerold Stahl, cuja ajuda me permitiu purificar minhas primeiras formulações, eliminando algumas imperfeições lógicas, me permitindo chegar a uma mais rigorosa formulação.

\*Nota do tradutor: A versão apresentada aqui foi extraída da obra "*The Unconscious as Infinite Sets*" (1975), por esse motivo, é uma versão mais extensa do artigo original apresentado em 1959, com adições de comentários que o próprio autor realizou ao longo de sua vida. Todas as notações que iniciarem com datas entre parênteses são notas do autor, a data representa o ano em que foram realizadas. As notas do tradutor serão sempre marcadas com asterisco, as notas numéricas serão sempre do próprio autor.

Isso parece oferecer uma abordagem para as descobertas mais profundas. Infelizmente, nem mesmo eu fiz nenhum progresso aqui.

Essa referência a uma das características é redigida de uma maneira que não deixa dúvidas quanto à sua avaliação de sua importância. É óbvio que o que ele diz sobre esta característica específica poderia ser aplicado a todas elas. No entanto, as pesquisas psicanalíticas recentes estão, em geral, tristemente desinteressadas neste tópico fundamental. Vale ressaltar que a terminologia empregada neste assunto parece ter mudado ao longo dos anos. Em "A Interpretação dos Sonhos" (1900, pp. 588-609, especialmente p. 597), Freud distingue entre o processo primário e o processo secundário; e em 'O inconsciente' (1915, p. 186-7), ele incluiu o primeiro como uma das 'características especiais do sistema lcs.', enquanto anteriormente parecia ter empregado o termo primário para designar todas elas. Essas características, as que sabemos, são as seguintes:

(1) Ausência de contradição mútua entre as representações das várias pulsões: Quando dois impulsos desejosos cujos objetivos devem nos parecer incompatíveis se tornam ativos simultaneamente, os dois impulsos não se diminuem nem se cancelam... (1915, p. 186).

Uma consequência disso é o que ele chamou de ausência de negação.

(2) Deslocamento.

(3) Condensação.

Esses dois constituem os traços distintivos do processo primário.

(4) Ausência de tempo, em resumo, 'nenhuma referência de tempo' (1915, p. 187), o que compreende a falta de ordenação temporal e a falta de alteração com a passagem do tempo. Parece-me altamente provável que o segundo seja uma consequência necessária do primeiro.

(5) Substituição da realidade externa pela realidade psíquica. Em psiquiatria, especialmente em relação à esquizofrenia, essa característica às vezes é chamada de interpretação literal da metáfora. Na verdade, pode-se dizer que essa característica descrita por Freud equivale a tornar a realidade psíquica e a realidade externa idênticas. Essas características podem ser chamadas de leis pelas quais o sistema lcs. é governado. Sua análise logo revela que qualquer processo de pensamento que se conforme a elas difere amplamente, por essa mesma razão, da lógica habitual do pensamento científico, que de maneira bastante vaga e às vezes até inexata é frequentemente referida como lógica aristotélica. Mas não se pode dizer que os

processos no sistema lcs. ocorram sem se conformar a nenhuma lei lógica, pois nesse caso só testemunharíamos o caos; e se houvesse caos, nada poderia ser previsível, e portanto Freud não poderia ter descrito as características mencionadas de forma alguma. Deve, então, haver implícitos nessas características um ou mais princípios lógicos diferentes daqueles pelos quais o pensamento científico é governado. Assim, a conclusão inevitável é que se as leis do sistema lcs. existem e se não se conformam aos princípios da lógica científica, elas devem se conformar a algum sistema lógico que, em algum aspecto pelo menos, é diferente da lógica científica. As leis do sistema lcs. poderiam então ser consequência dos princípios desse sistema lógico; de qualquer forma, elas se conformam a ele.

### **Formulação de dois princípios**

Neste ponto, devo mencionar que pessoalmente abordei esse problema ao estudar o pensamento esquizofrênico, no qual consegui encontrar uma conformidade com certos princípios. Ao examinar o assunto mais de perto, percebi que tais princípios se referiam essencialmente às características do sistema lcs. e que o pensamento esquizofrênico era apenas uma aplicação particular deles.

Para entrar diretamente na questão, o estudo do pensamento esquizofrênico mostra que ele se conforma a dois princípios definidos. O primeiro é representante da normalidade consciente ou, em outras palavras, de um tipo de pensamento idêntico ao pensamento científico; não é algo diferente de ambos. A operação simultânea do primeiro e do segundo princípio pode ser frequentemente vista no mesmo produto mental. Por outro lado, a consideração desses princípios, especialmente do segundo, revela que eles constituem o aspecto ou parte do pensamento esquizofrênico que corresponde ao pensamento do sistema lcs. Por esse motivo, vamos descrevê-los em termos deste último.

I. O *sistema lcs.* trata uma coisa individual (pessoa, objeto, conceito) como se fosse um membro ou elemento de um conjunto ou classe que contém outros membros; ele trata essa classe como uma subclasse de uma classe mais geral, e, assim, a classe mais geral como uma subclasse de uma classe ainda mais geral, e assim por diante.

Parece que a noção de classe pode ser entendida a partir deste princípio, e vou ilustrá-lo com apenas um exemplo. John é um elemento da classe dos homens, Teresa da classe das mulheres. A classe dos homens (machos) é uma subclasse da classe dos animais racionais, e a classe das mulheres é outra subclasse da mesma classe. A

classe dos animais racionais é uma subclasse da classe dos animais, e esta é uma subclasse dos seres vivos.

Podemos chamar isso de *princípio da generalização*. É um princípio muito geral que *frequentemente* é aplicado de acordo com outro princípio que o predica; precisamente porque se refere a uma aplicação do princípio I, vamos chamá-lo de  $I_1$ . Pode ser formulado da seguinte forma:

$I_1$ . *Na escolha de classes e de classes cada vez mais abrangentes, o sistema lcs. mostra uma preferência por aquelas funções proposicionais que, em um aspecto, constituem crescente generalidade e, em outros aspectos, mantêm características particulares da coisa individual a partir da qual começaram.*

Em outras palavras, de todas as possibilidades de generalização que uma coisa individual oferece, ele escolhe algumas e se abstém de escolher outras. Por causa disso, frequentemente permanecem na classe geral, como finalmente formulada, características da individualidade da coisa a partir da qual a generalização começou.

O segundo princípio é formulado assim:

II. *O sistema lcs. trata a relação reversa de qualquer relação como idêntica à relação. Em outras palavras, ele trata relações assimétricas como se fossem simétricas.*

Para citar um exemplo. Se John é irmão de Peter, o reverso é: Peter é irmão de John. A relação que existe entre eles é simétrica, porque o reverso é idêntico à relação direta. Mas se John é pai de Peter, o reverso é: Peter é filho de John. Neste caso, a relação e seu reverso não são idênticos. Esse tipo de relação, que é sempre diferente de seu reverso, é chamado de relação assimétrica. O que o segundo princípio afirma é que o sistema lcs. tende a tratar qualquer relação como se fosse simétrica. No exemplo dado: se John é pai de Peter, então Peter é pai de John. Na lógica aristotélica, isso é absurdo; na lógica do sistema lcs., é normal, como veremos em um momento.

Podemos chamar isso de *princípio da simetria*. Ele representa a mais formidável partida da lógica sobre a qual todo o pensamento científico e filosófico da humanidade tem se baseado. Vemos isso constantemente em operação no pensamento esquizofrênico e no pensamento inconsciente. Disso resultam várias consequências fundamentais que é importante mencionar explicitamente. Estas são:

$II_1$ . Quando o *princípio da simetria* é aplicado não pode haver sucessão. Esta é uma conclusão inevitável porque uma sucessão de momentos é, na verdade, uma ordenação serial, e se relações assimétricas forem barradas, então, de acordo com a lógica simbólica, não pode haver tal ordenação. Isso é facilmente entendido se

considerarmos que, de acordo com o princípio da simetria, a seguinte identidade se mantém:

(evento) y segue após (evento) x = (evento) x segue após (evento) y.

Em outras palavras, não há sucessão. Agora, o tempo pode ser considerado de várias perspectivas, mas na física matemática, ele é tratado como uma sucessão de momentos. Portanto, quando o princípio de simetria é aplicado, não pode haver tempo no sentido físico-matemático.

$II_2$  . *Quando o princípio de simetria é aplicado, a (verdadeira) parte é necessariamente idêntica ao todo.*

Uma página de um dado livro é uma parte verdadeira do livro, um braço é uma parte verdadeira de um dado corpo. Se o princípio de simetria é aplicado, então a relação 'o braço é parte do corpo' é idêntica ao seu inverso 'o corpo é parte do braço'. Da mesma forma que o tempo desaparece, não há lugar para qualquer diferença entre a parte verdadeira e o todo. Em outras palavras, a parte verdadeira é tratada como se fosse uma parte inadequada. Vemos isso em operação constante no pensamento esquizofrênico e, quando pensamos nisso, as implicações são surpreendentes. Em virtude disso, o total (e, portanto, as potencialidades do total) está incluído em qualquer parte, o que resulta em qualquer parte sendo idêntica ao total e, conseqüentemente, idêntica também a qualquer outra parte. Isso se aplica às partes ou constituintes de qualquer conjunto ou classe, agregado, todo, conceito, pessoa, objeto ou situação. Existem três tipos particulares de exemplos do  $II_2$  que, devido à sua importância, merecem menção explícita. O primeiro é:

$II_2 \square$  . *Quando o princípio de simetria é aplicado, todos os membros de um conjunto ou classe são tratados como idênticos entre si e ao conjunto ou classe inteira e, portanto, são intercambiáveis com relação à função proposicional que determina ou define a classe e também com relação a todas as funções proposicionais que os diferenciam, e devido a isso (ou seja, a essas funções), de acordo com a lógica aristotélica, os membros da classe não são idênticos entre si. Na lógica aristotélica, cada membro de uma classe expressa completamente a função proposicional da classe, mas também expressa outras funções proposicionais, e é nessas outras funções proposicionais que os membros de uma classe são diferentes uns dos outros. Mas se o princípio de simetria for aplicado, isso não é mais verdade.*

Na lógica aristotélica, cada membro de uma classe expressa completamente a função proposicional da classe, mas também expressa outras funções proposicionais, e é nessas outras funções proposicionais que os membros de uma classe diferem uns

dos outros. Mas se o princípio da simetria for aplicado, isso não ocorre mais. Para dar um exemplo: Francisco pode ser um elemento da classe dos chilenos, assim como Juan; isso significa que ambos satisfazem a função proposicional que define ou determina a classe. Mas Francisco também é membro de várias outras classes, como, por exemplo, a classe das pessoas altas, das pessoas de olhos azuis, daquelas com um QI de 120, etc. Juan, por outro lado, pode ou não ser um elemento dessas classes e também é um elemento de várias classes às quais Francisco não pertence. A diferença entre eles pode ser descrita precisamente em termos dessas funções proposicionais que eles não têm em comum. Se Juan fosse um elemento de todas as classes às quais Francisco pertence, não haveria absolutamente nenhuma diferença entre ambos, ou seja, Juan seria Francisco. Mas se o princípio da simetria for aplicado, é suficiente que ambos sejam elementos de uma classe para serem idênticos. Na lógica científica, isso é absurdo.

O segundo tipo de exemplo pode ser formulado da seguinte forma:

$II_2 \square$ . *Quando o princípio da simetria é aplicado, certas classes cujas funções proposicionais são do tipo  $p$  e não  $\sim p$  ( $p. \sim p$ ) e que, portanto, são vazias por definição, podem ser tratadas como não vazias.*

Para explicar com um exemplo: se chamarmos  $p$  de estar vivo, então  $\sim p$  é não estar vivo. Uma variedade de não estar vivo é estar morto. Na lógica simbólica, uma classe cuja função proposicional é estar vivo e estar morto (interseção) é, por definição, uma classe vazia, porque, de acordo com o princípio da contradição, não pode haver  $p$  e  $\sim p$ ; em símbolos lógicos:  $\sim (p. \sim p)$ . Mas estar vivo e estar morto são subclasses de uma classe superior cuja função proposicional pode incluir todas as possibilidades relacionadas à vida; então segue-se da aplicação de  $II_2 \square$  que estar vivo é idêntico a estar morto. A partir disso, uma nova classe pode ser formada, a daqueles que estão vivos e mortos. E, na verdade, vemos que esquizofrênicos e o sistema inconsciente ou id ou inconsciente estrutural tratam efetivamente essa classe vazia como se não estivesse vazia. Isso realmente desempenha um papel no pensamento esquizofrênico e inconsciente, e tanto por esse motivo quanto porque é estranhamente diferente da lógica científica, merece ser formulado expressamente. *Será visto que tal procedimento não está em conformidade com o princípio da contradição.*

O terceiro exemplo de  $II_2$  pode ser formulado da seguinte forma:

$II_2 \square$ ,. *Quando o princípio da simetria é aplicado, não pode haver relações de contiguidade entre as partes de um todo.*

Isso é muito importante quando aplicado a objetos materiais. Pegue, por exemplo, as páginas (partes) de um livro: se o livro inteiro está contido em cada página, não pode haver relação de contiguidade entre as páginas. O mesmo pode ser dito de qualquer objeto material, porque nossa concepção de objetos materiais contém a contiguidade como um elemento essencial.

Podemos expressar isso de outra forma (o que leva ao mesmo resultado): em matemática e física, a linha (espaço de uma dimensão) é concebida como formada por uma série de pontos, cada um ao lado do outro e cada um tendo apenas dois vizinhos; cada ponto ocupa uma posição definida em relação aos outros. Em outras palavras, como no caso do tratamento físico-matemático do tempo, isso implica assimetria. Pois, se "a" está à direita de "b", então "b" está à esquerda de "a". Mas, de acordo com o princípio da simetria, sempre que "a" está à direita de "b", então "b" também está à direita de "a" e, além disso, sempre que um ponto dado faz parte de uma linha dada, então a linha faz parte do ponto, ou seja, qualquer ponto é idêntico a qualquer outro e à linha inteira. Em outras palavras, se apenas relações simétricas estão disponíveis, então o conceito físico-matemático de "linha" desaparece. O mesmo pode ser dito para espaços de 2, 3 ou quaisquer dimensões. Para generalizar: se apenas relações simétricas estão disponíveis, não pode haver espaço no sentido físico-matemático da palavra. Portanto, por virtude do princípio da simetria, tanto o espaço quanto o tempo desaparecem!

Uma análise cuidadosa da maneira como esse princípio é formulado revelará que, de acordo com ele, na lógica do sistema lcs., é permitido, mas não obrigatório, tratar como simétricas relações que na lógica científica não são consideradas assim; em outros casos (como no caso do tempo), pode-se afirmar que o sistema lcs. não conhece certas relações assimétricas que na lógica científica são familiares: Não encontrei uma lei que nos permita saber ou prever quando as relações são tratadas como simétricas e quando não o são. No máximo, eu poderia dizer aqui que o sistema lcs. se assemelha a uma criança que está aprendendo a falar e que às vezes segue as leis da gramática e às vezes as ignora.

### **Aplicação desses princípios às características do sistema lcs.**

Pode-se afirmar que as características do sistema lcs. descritas por Freud são a expressão ou do segundo princípio ou da operação de ambos juntos. Vamos considerar essas características uma por uma, começando pela mais óbvia.

1. **Ausência de tempo** - Eu disse que o fato de que os processos do sistema lcs. não são alterados pelo passar do tempo me parece uma consequência do fato de

que eles não estão ordenados no tempo; na ausência de tempo, não pode haver qualquer alteração devido à passagem do tempo. Agora, a ausência do processo temporal é uma consequência inevitável do segundo princípio, porque a existência de uma sucessão de momentos requer uma ordenação em série; e se as relações assimétricas forem proibidas, de acordo com a lógica simbólica, não pode haver tal ordenação. Em outras palavras, a sucessão desaparece. E isso é precisamente a característica descrita por Freud. Essa característica é, então, simplesmente uma consequência do II.

2. **Deslocamento** - Essa característica ou modo de funcionamento do inconsciente é fundamental. Pode-se dizer brevemente que está na base da projeção, sublimação, transferência, retorno do reprimido e divisão de objetos; todos esses mecanismos são de alguma forma exemplos de deslocamento e, em grande parte, diferem entre si apenas com relação às circunstâncias em que o deslocamento ocorre. Isso é um assunto interessante para elaborar, mas será deixado de lado por enquanto.

No deslocamento, vemos a ação simultânea de dois processos diferentes, que tentarei explicar com exemplos. Quando um indivíduo faz um deslocamento, ele trata o objeto primitivo e o objeto para o qual ele faz o deslocamento como elementos de uma classe que possui uma característica específica, que talvez não seja marcante para seu pensamento consciente, mas é para seu inconsciente. Por exemplo, se ele considera seu chefe como um pai perigoso, é porque ele considera que ambos têm a mesma característica, periculosidade. Se expressarmos isso em termos de lógica simbólica, podemos dizer que em seu inconsciente ele trata ambos como elementos de uma classe; também pode acontecer que ele trate um como elemento de outra classe, mas, nesse caso, ambas as classes são sempre subclasses de uma classe mais geral. Por exemplo, uma mãe que alimenta pertence, digamos, à classe de mulheres que alimentam materialmente; um professor que ensina pertence à classe de homens que alimentam mentalmente. Quando, devido a um processo de deslocamento, um indivíduo sente o professor como uma "mãe que alimenta", ele está, antes de tudo, tratando ambas as classes como subclasses de uma classe mais geral, a daqueles que alimentam, seja material ou mentalmente. A mesma coisa pode ser vista em qualquer exemplo de deslocamento.

Este é o primeiro processo visível no deslocamento; é fácil entender que é simplesmente a operação do nosso princípio I. Mas esse princípio sozinho não seria suficiente para entender o deslocamento. Há ainda outro aspecto. Quando está fazendo o deslocamento (por exemplo, da mãe para o professor), o inconsciente não trata ambos

apenas como possuidores de algo em comum, mas na verdade os trata como idênticos. Isso é muito estranho, mas com a ajuda do segundo princípio, torna-se compreensível. Para entender isso, primeiro devemos considerar uma consequência deste princípio. Vamos considerar a relação

y é parte de x

Se a relação inversa desta relação é idêntica a ela, ou seja, se a relação é simétrica, podemos dizer:

x é parte de y = y é parte de x

Por exemplo, 'o braço é parte do corpo' é idêntico a 'o corpo é parte do braço'. Em outras palavras, a parte é idêntica ao todo, do qual segue logicamente que também é idêntica a qualquer outra parte. Consequentemente, uma subclasse pode ser idêntica a qualquer outra subclasse da mesma classe (corolários  $II_2$  e  $II_2 \square$ ). Todas essas afirmações podem parecer absurdas, mas de acordo com o que podemos chamar de *a lógica do pensamento simétrico*, elas são perfeitamente legítimas.

Uma reflexão cuidadosa sobre esses dois processos revela que a aplicação de ambos juntos é suficiente para explicar completamente o deslocamento. Em outras palavras, o deslocamento é o resultado da operação conjunta daquele aspecto da lógica aristotélica que descrevemos como princípio I e de uma consequência lógica do princípio II.

(1971:) Observará que, se o deslocamento for visto sob esta luz (lógica), então seu nome, que parece apropriado quando se refere a catexias ou cargas de energia (uma certa quantidade de energia passa, ou seja, é deslocada, de um processo para outro), não é mais justificado. Pois, *se o deslocamento for considerado sob um ponto de vista lógico, nada é deslocado*. O aspecto original e o aspecto deslocado são ambos tratados como idênticos. Dito de outra forma, só podemos (logicamente) falar de deslocamento se observarmos o funcionamento da 'lógica simétrica' de um ponto de vista 'assimétrico'.

**3. Substituição da realidade externa pela realidade psíquica** - Parece que, em uma formulação rigorosa, esta característica não tem direito à independência, mas, pelo contrário, deve ser considerada como uma variedade, ou melhor, como um exemplo particular de deslocamento. Isso é facilmente compreensível. Vamos considerar como exemplos a identidade estabelecida pelo inconsciente entre canibalismo mental e canibalismo real, entre um desejo agressivo e uma realização

agressiva, entre a emoção descrita como explosão de raiva e uma explosão real, etc. É óbvio que em cada um desses exemplos o processo essencial em ação pode ser descrito da seguinte forma: primeiro, o inconsciente trata ambos como elementos da mesma classe ou como elementos de classes diferentes que são, por sua vez, subclasses de uma classe mais geral; depois, trata os dois como se fossem idênticos. Esses são exatamente os dois processos em jogo no deslocamento, e isso comprova nossa afirmação.

**4. Falta de contradição mútua e condensação** - Embora pareça certo que essas duas características sejam diferentes, não é menos certo que há uma relação especialmente íntima entre elas, porque a segunda não é concebível sem a primeira. As coisas não são tão simples aqui como no caso das outras características.

A falta de contradição entre dois impulsos que parecem incompatíveis para a lógica aristotélica e sua união em uma expressão, o que é realizado na condensação, sugere que ambos são tratados como indo na mesma direção (enquanto na lógica aristotélica eles podem ser opostos, ou, em qualquer caso, diferentes), ou como partes de um todo mais geral, partes que não seriam mutuamente exclusivas. Tudo isso sugere: (a) a formação de classes mais inclusivas; (b) tratando as subclasses de cada uma dessas classes como idênticas entre si; e (c) talvez até tratando como idênticos vários conceitos diferentes que na lógica científica são mutuamente exclusivos; em outras palavras, a operação dos princípios I e II. Na condensação, vemos que um objeto dado pode sugerir mais de um significado ou representar mais de uma pessoa. Se tivermos em mente que, de acordo com o princípio II, cada parte contém as potencialidades do todo e de qualquer outra parte (lembre-se do exemplo do braço), então é perfeitamente compreensível que um elemento possa ter mais de um significado ou representar mais de uma pessoa. Tudo isso pode ser melhor compreendido com a ajuda de uma representação gráfica do princípio II. Como em qualquer representação gráfica, isso reproduz com a ajuda de símbolos espaciais as relações que existem na coisa representada de acordo com uma convenção previamente estabelecida. A representação do princípio II com a ajuda do conceito de um espaço de mais de três dimensões nos permite ver que se um todo for concebido como possuindo mais de três dimensões e as partes forem consideradas tridimensionais, então é possível que várias partes ocupem o mesmo espaço. Se lembrarmos aqui que o inconsciente substitui a realidade psíquica pela realidade externa, então se torna compreensível que dois impulsos simbolizados por dois objetos materiais (ou seja, espaciais) (para usar as palavras já citadas de Freud) 'não diminuem um ao outro ou se anulam'. E é

precisamente isso que acontece na ausência de contradição mútua e na condensação; tudo isso seria incompreensível em uma representação tridimensional.

Posso acrescentar que, por anos, tenho me ocupado com a representação gráfica de fenômenos mentais em termos de espaço multidimensional, e em outra publicação (1954, Capítulo 8) tratei extensivamente desse assunto, mas foi apenas recentemente que consegui chegar à formulação mais geral do princípio de simetria e entendi que essa representação gráfica em termos de espaço multidimensional é apenas uma expressão particular desse princípio. (1973:). Após mais reflexões, voltei a ver o princípio da simetria em termos de espaço (como o vi em 1959), mas desta vez como um contraste resultante da coexistência de espaços (1971:). Em suas Novas Conferências Introdutórias (1933, p. 73), Freud observa que 'as leis lógicas do pensamento não se aplicam ao id, e isso é verdade sobretudo em relação à lei da contradição'. Já vimos que as várias características descritas por ele conformam-se a uma lógica diferente e, portanto, não se conformam às leis lógicas aristotélicas ou científicas do pensamento, mas devemos examinar a lei da contradição separadamente. Após muitos anos de incerteza a esse respeito, cheguei à conclusão de que essa falta de aplicação é a consequência e apenas a consequência do princípio da simetria, conforme desenvolvido no corolário II<sub>2</sub> □. Eu havia deduzido essa consequência do princípio da simetria desde o início (embora nunca o tenha publicado antes), mas, apesar disso, continuei a hesitar, como parece na versão anteriormente publicada do presente artigo. O motivo dessa hesitação me parece claro agora: embora a suspensão do princípio da contradição pareça não apenas legítima, mas um corolário inevitável do princípio da simetria, o fato é que, uma vez postulado, ele abre um mundo 'lógico' completamente novo. Este novo mundo possui novas regras, amplas ramificações e vastas perspectivas. Eu havia suspeitado da vastidão deste mundo e estava (inconscientemente) relutante em admitir que tudo isso poderia surgir do corolário II<sub>2</sub> □. Agora devemos prosseguir e explorá-lo sistematicamente. Aqui, vou me contentar em observar, de passagem, que a consideração da unificação da vida e da morte em uma perspectiva mais ampla (em uma classe ou conjunto mais amplo) pode lançar luz importante sobre certos aspectos obscuros da natureza do homem.

(1971:) **Ausência de negação** - Após tudo o que foi mencionado acima, parece que agora podemos considerar a ausência de negação, que na versão anterior deste artigo eu pensava poder ser um princípio da lógica do sistema Ics., embora não ousasse afirmar isso. Acredito que agora podemos revisar a questão em termos precisos.

Primeiramente, devemos observar que Freud não foi inteiramente claro e explícito sobre esse traço ou característica. Não está claro, por exemplo, se ele achava que era a mesma coisa que a ausência de contradição mútua. Alguém poderia realmente pensar que ele considerava ambos como a mesma coisa pelos seguintes motivos: em seu artigo 'O inconsciente', ele descreve a ausência de negação imediatamente após a ausência de contradição mútua, e o texto sugere que é algo como uma explicação ou ampliação dos conceitos contidos nesta última; então, quando no mesmo artigo ele resume as características (p. 187), ele menciona a isenção de contradição mútua e não a ausência de negação. Parece pertinente citar aqui deste artigo (p. 186):

Esses impulsos instintuais são coordenados entre si, existem lado a lado sem serem influenciados uns pelos outros e estão isentos de contradição mútua. Não há neste sistema negação, dúvida ou graus de certeza...

No entanto, após uma análise mais aprofundada da questão, devemos concluir que ambos não são a mesma coisa. A citação feita agora mostra, a meu ver, que Freud estava se referindo ao mesmo tempo a várias coisas diferentes. As expressões "isentos de contradição mútua" (entre impulsos) e "sem negação" parecem se referir à mesma coisa, mas isso não está completamente claro porque, nesta citação, Freud não faz distinção entre, por um lado, contradição entre impulsos, que se refere a uma questão de ação, e o conceito lógico, por outro. No entanto, quando ele fala de "sem dúvida, sem graus de certeza", ele está obviamente se referindo a um único conceito lógico, que não se aplica aos impulsos; em outras palavras, Freud descreve na realidade duas coisas diferentes, mesmo que ele não seja explícito ao fazer isso: uma característica dos impulsos e um princípio lógico. Por mais interconectados que possam ser, parece difícil considerá-los como a mesma coisa. Talvez o primeiro seja uma consequência ou aplicação do segundo. Esta questão merece um estudo mais aprofundado.

Por outro lado, parece melhor considerar a ausência de negação como significando apenas uma coisa: uma implicação indireta da ausência do princípio lógico da contradição, ao qual ele se refere explicitamente em uma frase das *Novas Conferências Introdutórias* (S.E. 22, p. 73):

As leis lógicas do pensamento não se aplicam no id, e isso é verdade acima de tudo para a lei da contradição.

Como se pode ver, este é outro conceito lógico, diferente do mencionado anteriormente. (A razão pela qual falo de uma implicação indireta pode ser compreendida lendo a Seção 3, subseção 2 (1) deste capítulo.)

Se agora retornarmos ao corolário II<sub>2</sub> □, então podemos dizer que, *de acordo com* o princípio da simetria e *como consequência* do princípio da generalização, p e não-p são idênticos. Isso significa que algo pode ser e não ser ao mesmo tempo. Em outras palavras, a ausência do princípio da contradição é uma consequência da aplicação conjunta dos princípios de generalização e simetria. Quando ambos esses princípios são aplicados (em casos como o mencionado acima), não há espaço para o princípio da contradição. A não existência é tratada como idêntica à existência. Nada é negado porque aquilo que é negado está incluído em um todo mais amplo e (devido ao princípio da simetria) é idêntico ao que é afirmado. Embora isso seja consequência da aplicação de ambos os princípios... princípios, talvez estaríamos justificados em tratá-lo como um novo princípio lógico; a razão é que importantes consequências decorrem dele que se estendem até o domínio da moral (por exemplo, a identificação do bem e do mal). Mas não vamos nos deter em considerar todas essas implicações. Basta dizer que a ausência de negação (que, se deixarmos de lado a questão dos impulsos, permanece um aspecto lógico ou parte da concepção mais complexa e não completamente clara de Freud), mesmo que possa ser considerada como um princípio lógico, é em si mesma uma consequência de nossos dois princípios. Poderíamos, do ponto de vista estritamente lógico, chamá-lo de *um princípio de segunda ordem, embora em si mesmo seja o fundamento de um tipo de ordem lógica que tem amplas consequências*.

Em resumo, podemos concluir que *as características especiais do sistema Ics. descritas por Freud revelam a operação de uma lógica peculiar a esse sistema, cuja marca distintiva fundamental é tratar como relações simétricas aquelas que na lógica científica não são consideradas como tais*.

## Referências

- FREUD, S. (1915). *Lo Inconsciente*. SE 14.  
\_\_\_\_\_. (1931). *La interpretación de los sueños*. SE 4.  
\_\_\_\_\_. (1932). *Nuevas conferencias introductorias al psicoanálisis*.  
JONES, E. (1956). *The inception of Totem and Taboo*. International Journal of Psychoanalysis, V. 37: 34-5.  
MATTE-BLANCO, I. (1954). *Lo psíquico y la naturaleza humana*. Santiago de Chile: Editorial Universitaria.

STAHL, G. (1956). *Introducción a la lógica simbólica*. Santiago de Chile: Editorial Universitaria.  
WHITEHEAD, A. & RUSSEL, B. (1950). *Principia Mathematica*. 2ª Ed. Vol. I. Cambridge, University Press.

**b. “Entre Nuvens e Fundações: Do infinito do psicanalista, à singularidade do Sujeito – Entrevista com Ignacio Gerber”**

Entrevistador: Renan Racy

Ignacio Gerber é psicanalista atuante em São Paulo. Membro efetivo e docente da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), é autor de diversos livros e artigos, sendo o mais recente “Inconsciente, Nuvem Infinita”, publicado pela Editora Blucher em 2023. Engenheiro de formação, com especialização em mecânica dos solos e fundações, músico e membro do CETRANS (Centro de Educação Transdisciplinar).

Ao enviar minha proposta de entrevista e os tópicos a serem abordados por email para o Sr. Gerber, recebi uma resposta que dizia “ótimo deflagrador”. A utilização do termo “deflagrador”, originado do campo da química, me fez lembrar que, antes de mais nada, Ignacio Gerber é um engenheiro.

Quando chego ao prédio de seu consultório, no bairro da Vila Nova Conceição em São Paulo, um local atipicamente arborizado para a metrópole, o uso do nome “Ignacio Gerber” faz com que os trabalhadores do prédio e um vizinho ou outro com quem esbarro no elevador me tratem com respeito e simpatia. Minha primeira impressão é a de que a pessoa que estou prestes a entrevistar possui raízes, vínculos com o local onde está e paixão pelo que faz a ponto de ser reconhecido amplamente por isso.

Em sua sala de espera, as cortinas entreabertas permitem somente a passagem de um meio fio de luz, que torna o ambiente amarelado em tom de fim de tarde, mesmo ainda sendo perto do meio-dia. Uma sensação de conforto e receptividade tomam conta do espaço e minha visão é direcionada para uma cópia de “Tao Te King” de Lao Tse, na mesa de centro, localizada onde se esperaria encontrar um jornal atual ou uma revista dessas cuja utilidade perpassa o entretenimento e nada mais. Dentro de sua

sala, alguns outros artefatos orientais terminam a construção dessa cena e, somada a recepção gentil e a acurácia teórica de nosso diálogo, compreendo que Ignacio Gerber é, inevitavelmente, um psicanalista.

De todas as formas de psicanálise praticáveis, de todas as teorias oriundas da exploração clínica e de todos os psicanalistas possíveis de se tornar, percebe-se claramente que a razão proposta por Gilles Deleuze possui um fundamento inabalável: se chamamos *N* o conjunto maior de todas as possibilidades, o sujeito será *N-1*. É desse modo, e somente desse modo, que é possível a construção de uma identidade autêntica. Se tomarmos o conjunto “psicanalistas”, só haveria um modo de definir a identidade desta pessoa: Ignacio Gerber. Seu livro, nomeado anteriormente, atesta os últimos vinte anos de produções escritas que caminham por uma trajetória original, algumas vezes beirando a rebeldia institucional. Um fragmento desta autenticidade, é isso que pretendo destacar nesta entrevista.

**Renan Racy** - Eu gostaria de, antes de mais nada, falarmos um pouco sobre Matte-Blanco. Porque afinal de contas, quando procuramos sobre Matte-Blanco no Brasil, só aparece o senhor e um ou outro artigo de algum autor que trabalhou pouco neste tema. Como o senhor conheceu Matte-Blanco?

**Ignácio Gerber** - Foi Bion que, indiretamente, me apresentou à Matte-Blanco. Em 1981 foi publicado um livro em homenagem a Bion, com textos de 31 renomados estudiosos de sua obra, entre eles, Betty Joseph, Rosenfeld, Frances Tustin, André Green e, entre outros, Ignacio Matte-Blanco. O livro foi editado por James Grotstein em colaboração com Bion, que faleceu em 1979, e Francesca Bion. O texto de Matte-Blanco é composto de 80 pequenos poemas afetivos dedicados a Bion, entre eles me encantou particularmente o número 68, que traduzi: “Imagino o que Kant teria pensado se ouvisse Bion, que meditou por anos sobre o Numemon não conhecível kantiano, fale agora de maneira que lembra a sabedoria budista e nos faz suspeitar que o não conhecível é não conhecível porque é impensável”. Isto aponta para as duas vertentes clínicas, para mim fundamentais na obra de Bion. Uma é sua busca de acesso à Lógica do Inconsciente partindo da Lógica matemática, não contraditória, de Euclides e Aristóteles em direção à lógica contemporânea que, assim como a lógica inconsciente, admite a contradição e os conjuntos infinitos. A outra é a atitude do psicanalista que propicie acesso ao inconsciente do analisando, através do seu próprio inconsciente, atitude de atenção flutuante, sem memória, sem desejo, sem compreensão racional prévia, rêverie ou,

como gosto de dizer, Zen.

**Renan Racy** - Diria que existe uma resistência à Matte-Blanco no Brasil?

**Ignácio Gerber** - Realmente, no Brasil é limitado o número de interessados em suas ideias. Mas no mundo são constantes as publicações sobre seus escritos. Acredito que isto se explica por uma resistência de psicanalistas diante da lógica matemática como porta de entrada indispensável para uma tentativa de compreensão da lógica contraditória infinita do inconsciente. Bion sofreu resistência semelhante mas, tendo sobrevivido cerca de 20 anos a Matte-Blanco, viveu uma época em que cresceu exponencialmente a divulgação sobre os desenvolvimentos da matemática e da física entre não especialistas. Por outro lado, Bion, ainda que abstruso em sua linguagem, foi muito menos que Matte-Blanco, colocando termos mais compreensíveis. Lembro, por exemplo, de sua colocação que preferia a dicotomia Finito-infinito a Consciente-Inconsciente. Pertenci, desde o início, a uma Associação Internacional de Bi-Lógica, dedicada ao estudo da obra de Matte-Blanco, muito ativo com publicações, jornadas e congressos bianuais, mas não tenho notícias recentes do grupo. Há um movimento crescente de grupos de estudo na Inglaterra, sociedade a qual Matte-Blanco pertenceu, assim como na Itália, onde viveu longo tempo.

Na minha relação com Matte-Blanco eu sinto que após ter me apropriado de suas ideias básicas sobre a lógica inconsciente e o que isto contribui para minha compreensão de minha clínica e de minhas relações humanas no mundo, não sinto qualquer inclinação por uma abordagem acadêmica epistemológica repetitiva. Suas ideias encontraram em mim, penso eu, um bom continente: jamais esquecidas e postas de lado, mas sintetizada dentro da gente. Isso tem muito a ver com Matte-Blanco e Bion, mas me parece mais explícito em Bion. Tem que ler, tem que se interessar, mas pelo prazer que isso dá, essa, para mim, é a questão fundamental, que tenha um sentido de prazer nas coisas. Não como uma coisa grave que “tem que ler”, isso não faria sentido, precisa dessa liberdade. Esses dois autores, aliás como Freud no começo, têm em comum isso de ir contra os padrões já estabelecidos, contra a incompreensão.

**Renan Racy** - Mesmo dentro do campo dos bionianos existe um *gap* tremendo do conhecimento da obra de Matte-Blanco, não é mesmo? Me parece que são poucos os que ouviram falar, nem digo que estudaram, mas que de fato ouviram falar deste autor. O senhor suporia algum motivo para essa diferença de popularidade entre dois autores que dialogam em mesma língua (matemática)?

**Ignácio Gerber** - As abordagens lógicas matemáticas de Bion e Matte-Blanco foram bastante diferentes, mas focadas nos mesmos pressupostos, como diferentes visões sobre uma mesma escultura a partir de vértices diferentes. Matte-Blanco frequentou os cursos dos grandes matemáticos Courant e Robbins quando vivia nos Estados Unidos e adotou como princípio básico os conceitos de simetria e assimetria. A lógica dos sonhos explicita essa troca de papéis, todas as relações entre eles são possíveis. Bion parte de Frege e Cantor, a matemática dos conjuntos infinitos, em que, pensando nos sonhos, um estímulo emocional pode ser representado por infinitas simbolizações, infinitas relações possíveis sem se ater a uma lógica excludente. tento simplificar conceitos complexos que constituem uma lógica complexa, vide Edgar Morin. A abordagem de Bion já traz em conjunto visões matemáticas e psicanalíticas, o que facilita a compreensão. Minha graduação e especialização em mecânica dos solos e engenharia de fundações de grandes estruturas me atraiu para Bion antes ainda de minha formação em psicanálise e me facilitou a compreensão de suas ideias, sempre voltado para a experiência clínica. Como já disse, minha síntese clínica se apoia em dois pilares básicos: A lógica nos permite uma experiência emocional diante do impensável, do Novo. Como enfatizava Bion, relativizar o passado conhecido para poder mergulhar no futuro desconhecido, nos surpreender com o Novo. Sempre uma tentativa de abrir novos caminhos, como já sugeria Freud. Um exemplo da proximidade das lógicas matemáticas e psicanalíticas é o termo Fato Seleccionado, criado por Henri Poincaré. Diante de um problema matemático com um número grande de fatores dispersos, ele propõe ir além dos métodos dedutivos e indutivos, ou seja, tentar uma relação linear entre os fatores para chegar a uma solução que harmonize os fatores, mas partir de uma concepção global que surja de uma intuição informada. Uma revolução na matemática. No caso da psicanálise, ouvimos um analisando falando do filho, do automóvel, do trabalho, dos amores, etc. Bion empresta o termo Fato Seleccionado para ficarmos em atenção flutuante, um termo de Freud, ou Rêverie, para captarmos a experiência emocional vivida na dupla por uma captação intuitiva do conjunto. Confiar no inconsciente é um ato de fé, segundo Bion.

**Renan Racy** - Foi assim que você se aprofundou em Bion?

**Ignácio Gerber** - Bion foi presidente e fez parte da sociedade britânica, que tem uma influência muito grande no Brasil, Argentina e etc. Na SBPSP, que vale também para as outras (da *International Psychoanalytical Association* – IPA), são muito ligados à

escola inglesa. Um dos motivos, pelo menos no Brasil, foi a introdução proporcionada por Frank Philips, que curiosamente também atuava como engenheiro. Ele foi um analisando do Bion, acabaram se tornando amigos e passando férias juntos algumas vezes. Ele era da SBPSP, foi ele quem incentivou a divulgação do Bion aqui. Bion esteve no Brasil algumas vezes, divulgando seu trabalho, eu não cheguei a conhecê-lo pessoalmente, pois comecei a formação no ano de seu falecimento. Um grupo se ligou a ele pois trazia algo muito novo, no sentido de uma atitude psicanalítica, que é aquilo que mais me encanta nele. Sem dúvidas uma referência clínica para mim. Quando eu fiz a formação na SBPSP, a dificuldade que as pessoas tinham com a matemática, para mim, até mesmo por conta de minha formação [acadêmica], não só como engenheiro, mas física e matemática sempre me interessaram muito, e continuam me interessando: física atual, matemática atual, contradição, aleatoriedade. De repente essas ciências chegaram nessa ligação que Bion via, no sentido de tentar compreender o inconsciente, qual a lógica do inconsciente? Veja, é uma questão de lógica, não é? Ele partiu de uma lógica matemática, que era uma lógica estabelecida e Bion pegou os primórdios, esse desenvolvimento da física contraditória, da matemática do infinito, etc. O infinito é uma referência básica, tanto que Bion dizia que ao invés de consciente-inconsciente ele preferia finito-infinito. O consciente é finito, uma coisa atrás da outra, como ele nota. O inconsciente é infinito, são infinitas conexões e relações, etc. Daí o nome do livro: "O Inconsciente: Nuvem infinita", o conceito de *cloud*, como a nuvem *internética*, só que infinito. Pois todos os conhecimentos da espécie humana, as experiências ontológicas de cada um de nós, estão lá, no infinito, esta é a ideia básica. Bion abre isso, mas mesmo com as dificuldades da matemática ele ganhou uma divulgação e se tornou, tanto em São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre mais recentemente, quase uma continuidade, depois de Freud e Klein, na formação. Na Europa e nos EUA, mais especificamente na Califórnia, os textos dele são muito interessantes, com uma crítica muito irônica ao que ele chama de "a belicosa quadrilha psicanalítica". Quando discutimos o *common ground* entre as várias escolas psicanalíticas, não tenho dúvida, é quase óbvio: a noção do inconsciente. Um outro campo que nos determina, muito maior que o consciente, o infinito diante do finito. Daí meu interesse em Matte-Blanco, participei desse grupo de bi-lógica, de congressos que ocorreram no Brasil e em outros lugares, etc. Com o tempo esse grupo foi arrefecendo, mas está havendo um crescimento na divulgação de Bion muito grande de uns anos para cá. Então ele está passando a fazer parte, não vamos chamar assim de um grupo bioniano, mas parte do conhecimento psicanalítico como um desenvolvimento mais atual, mais moderno

digamos assim. Ele [Bion] foi analisando de Melanie Klein e outros nomes importantes da escola inglesa, então ele tem essa tendência, mas eu penso que ele revoluciona quando se fala em continuidade e ruptura, as duas coisas. E o Matte-Blanco tinha conhecimento de Bion, como fica exposto neste livro, mas não que fosse participar tanto dos grupos bionianos, ele formava seu próprio grupo. Ele era chileno, mas sua influência lá era pouca. Teve um congresso dele na Itália, mas ficou uma coisa mais restrita, talvez eu pudesse dizer por ser matemático demais. Ele é mais complexo de entender algumas coisas para quem não gosta realmente, principalmente em seus dois principais livros. Até antecipando o que seria minha posição atual de Matte-Blanco, ele opta por um caminho, uma vertente da simetria e assimetria, de alguma maneira assimetria como consciente e simetria como inconsciente. Simetria, pois as relações são inversas, um exemplo clássico dele: “Se Pedro é filho de João, João é pai de Pedro”, essa é uma relação assimétrica. Para o inconsciente, uma coisa simétrica: “Se Pedro é pai de João, João é pai de Pedro”. O que, matematicamente, em princípio é uma transgressão, no inconsciente, todas as relações possíveis acontecem. Essa é um pouco a ideia explorada em seu primeiro livro “*The Unconscious as Infinite Sets*”. As ideias básicas estipulam que o inconsciente é o território das puras emoções, então não há uma linguagem que possa fazer uma interpolação com a nossa linguagem consciente, é outra linguagem que nos escapa, infinita. Ai que liga com a temática da física e esses outros conceitos, como os conceitos da mecânica quântica. Então eu diria que, para mim, quase em uma simplificação, eu diria que toda essa ideia de simetria, assimetria, etc. pode ser colocada em princípio de contradição e não contradição, quase voltando para Aristóteles, com a lei do terceiro excluído, é impossível nessa lógica, se tiverem dois elementos A e B, diferentes entre si, não é possível existir um terceiro elemento T, que seja igual aos dois ao mesmo tempo. Na matemática moderna isso já se superou, é possível. Pois a contradição é admitida e a maneira mais próxima de interpretar, de pensar o inconsciente na clínica, pois para mim isso tem a ver não só com estudo teórico, mas na clínica, a contradição é admitida. É o que acontece quando nós atendemos, não se procura uma razão lógica, esse é um dos caminhos possíveis, mas a contradição que a matemática atual contraditória do infinito, múltiplos infinitos, em Matte-Blanco conjuntos infinitos, são conjuntos com infinitas correlações. Todas as correlações possíveis aparecem. Então essa é, mais ou menos, a trajetória de como é que cheguei à Bion e isso formou uma identidade psicanalítica para mim, aos poucos fui descobrindo que ao invés de esquecer a engenharia, a física e a matemática para ser psicanalista, quando eu resolvi por esse trajeto, já fazia minha análise, já havia feito

tanta coisa, eu poderia ir incorporando isso, de um jeito que isso faria parte. Quando descobri Bion fazendo essa correlação explicitamente, abriu um caminho para mim. Então meu caminho é basicamente bioniano, como pode ver pelos textos que escrevo, mas Matte-Blanco apareceu. Aos poucos ele ficou como um formador de ideias para mim, eventualmente vou a algum texto dele para olhar, mas é como se eu houvesse, de certa maneira, introjetado uma síntese de suas ideias.

**Renan Racy** - Eu não sei se o senhor concordaria comigo, mas sinto que Matte-Blanco, em seus escritos, não possui uma grande pretensão de explicar ao leitor como sua obra caminha. Mesmo em sua obra maior, "*The Unconscious as Infinite Sets*", as primeiras centenas de páginas são pura matemática, para que o leitor saiba de onde ele está partindo. Mas, novamente, sem uma pretensão didática. Essa elaboração nunca mais é retomada, em absolutamente nenhum desenvolvimento de sua obra, quase como se supondo que o leitor tenha tido total compreensão de todo esse campo, dando a sensação de ter que caminhar sozinho. Bion, pelo contrário, parece realizar um movimento de "vai e vem", quase que carregando o leitor consigo, um verdadeiro professor.

**Ignácio Gerber** - Sim, exatamente.

**Renan Racy** - Agora, um ponto específico que me despertou o interesse é este conceito de "infinito", tão caro. Ambos os autores possuem este conceito, porém me parecem distintos. Quando Matte-Blanco fala em conjuntos, como o senhor disse, me parece uma ideia de conjuntos que se interpolam, mas também se multiplicam, que não necessariamente são concomitantes. Para Bion, me parece um infinito muito mais em direção ao "O", um conceito sempre expansivo. Então minha impressão é a de que o infinito em Matte-Blanco não pressupõe dar conta de eventos que sejam fora do caráter clínico, do caráter da observação humana. Enquanto que o infinito para Bion vai em direção aquilo que Lacan chamava de Real, algo que mesmo que não houvesse a presença de uma testemunha, está pairando ali, na existência. Até por isso que esses dois autores acabam desenvolvendo suas teorias no campo da religião, um campo mais etéreo.

**Ignácio Gerber** - Sim. Curioso você falar isso, da religião. Antes mesmo de você dizer, eu tinha já pensado em alguma coisa. Eu terminei de ler um livro recentemente, de Michio Kaku, um físico, conhecido e atuante, fala sobre o futuro e onde vão dar essas

coisas e tal. É muito contemporâneo. Esse livro dele é uma expressão que já corre por aí, se chama “A Equação de Deus”, o livro é bem recente, mas este termo seria, brevemente, como se houvessem duas correntes: toda a transformação de Einstein, suas teorias, a relatividade, etc. e, de outro lado, a mecânica quântica. Embora tudo da mecânica quântica derive da obra de Einstein, ele não conseguia imaginar que a física fosse se transformar em uma coisa probabilística, uma lógica em que o acaso, de certa maneira, está também envolvido. Ele tinha uma frase que dizia “Deus não joga dados”, o Neils Bohr, outro autor da mecânica quântica, lhe respondeu “deixa de tentar saber o que Deus quer ou não quer”. É uma questão em aberto. A equação de deus seria a busca dos físicos e matemáticos, e de outros pesquisadores das mais variadas áreas de alcançar o que explicasse tudo isso aí, algo que desse sentido. Tá, no princípio era o *big bang*? Mas e antes? Não há ainda uma teoria que explique isso tudo, seria então a equação de deus. Aqui seria o deus de Spinoza, não aquele Deus barbudo que julga e etc., mas imanente, a natureza, o conjunto das coisas e essa lógica que existe, de alguma maneira contraditória que seja, isso é deus. É muito por aí que entra a minha ligação com o zen budismo, uma tentativa de compreensão da natureza e seus infinitos. Então tem um sentido muito próximo à religião que a matemática e a física se aproximam neste sentido, uma tentativa de compreensão das coisas. O infinito, de alguma maneira, se resume como quase uma equação de deus. Eu vejo uma relação quase óbvia, como no título do livro, desse “infinito” como algo que contenha em si como se fosse toda a cultura do mundo. Então, no inconsciente está registrado não só todas as nossas experiências emocionais, e isso é muito Matte-Blanco, quando ele fala nos vários níveis, isso é muito interessante, não é como consciente-inconsciente, dois pólos, são dois pólos virtuais como se de uma régua, dividida em infinitas proporções variadas, e entre um e outro, o infinito. Então, como se relaciona tudo isso? Realmente, tem a ver com a visão de... talvez eu não chamasse de religião, mas de espiritual. Religião se tornou uma institucionalização das coisas e isso não ajuda muito, pelo contrário. Mas, como espiritualidade, essa busca de sentido, que acaba se tornando um sentido ético também, mas o ético, no sentido zen, é um princípio de equilíbrio. O caminho do meio, como se diz, é um equilíbrio entre as coisas e que faça sentido em determinada situação.

**Renan Racy** - Talvez possamos dizer que as religiões e filosofias orientais, por serem menos antropomórficas, possuem uma facilidade de acesso a esses conceitos?

**Ignácio Gerber** - Sim, sem dúvidas. Inclusive por serem uma prática, a prática da

meditação, a prática de lidar com o inconsciente, são coisas que se juntam. Então, essa epígrafe de Matte-Blanco falando de Bion, ela está citada em algum dos textos de meu livro, a interpretação de Matte-Blanco sobre Bion é essa, de que sua teoria parece zen budismo. Claro que os preconceitos psicanalíticos, entre os psicanalistas, existem. Existe uma exigência da psicanálise como ciência, eu acho que é muito mais uma arte, o que eu vejo como uma tendência atual. Ou uma ciência expandida, não é a psicanálise que tem que se adequar aos princípios da ciência clássica, mas a ciência que tem que se expandir para poder conter a psicanálise. Sempre voltando para este sentido de algo que vai contra nossa lógica consciente. A lógica seria uma lógica muito mais expandida. Isso tem consequências práticas na clínica, Matte-Blanco não toca muito nisso, é nesse ponto que Bion coloca: sem memória, sem desejo, sem compreensão racional, atitudes de *rêverie*. Qual a atitude do psicanalista? Se eu pudesse resumir, sem memória, sem desejo, é abrir mão de seus preconceitos, de seus conhecimentos estabelecidos. Uma das coisas preciosas que Bion coloca, se está atendendo alguém e você não está entendendo nada, na maior parte do tempo geralmente não estamos entendendo, você tem que conseguir se colocar nessa posição de que sempre alguma coisa nos escapa, então me vem uma teoria, quase como uma ansiedade, para explicar algo que me escapa, é quase uma defesa.

**Renan Racy** - Esse ponto da liberdade que o senhor trouxe é muito interessante. Entendo que nos anos 80 e 90 a psicanálise, principalmente em São Paulo, navegava em um movimento kleiniano muito forte, um movimento bem conhecido por ter essa pretensão de um fazer psicanalítico entre quatro paredes, onde só é válido o que acontece dentro delas. Diria que isso é quase uma “herança” de um mundo pós ditaduras, é um movimento bem parecido com o que ocorreu com o Chile na era pós Pinochet, um dos grandes motivos para Matte-Blanco desistir da psicanálise chilena. Pensando também na psicanálise hoje, percebe mudanças grandes no campo, de quando o senhor teve seu primeiro contato para cá? Uma psicanálise mais “livre”, digamos?

**Ignácio Gerber** - Eu acho que sim, mas vou desenvolver. Eu sempre tive múltiplos interesses. Todas essas matérias me interessavam, mas eu optei por passar pela física e matemática, a engenharia foi uma espécie de conciliação. Embora ninguém tivesse me obrigado, isso de estudar física ou matemática, para ser professor, ou o que eu faria com isso? Engenharia era respeitável, engenharia, medicina e direito. Como eu era

muito bom nessa parte da matemática, optei pela engenharia e gostava, fui muito feliz na engenharia. Eu me especializei em mecânica dos solos e fundações, fundações de prédios e tal, que é uma das partes mais bonitas pois lida com a natureza, você tem que estar diante do mistério das coisas, seja maré, tempestades, etc., o solo é heterogêneo. Então essa coisa de ligar uma construção humana à terra, à natureza, está muito ligado a isso, então foi isso que me atraiu. Como eu, já no quarto ano, comecei a trabalhar, trabalhei mais de 20 anos nesta área, desenvolvi mais de cinco mil projetos de obras as mais diversas, junto de uma equipe. Chegou um momento, é muito difícil até hoje. Até brinquei, uma vez que me perguntaram: “O que foi aquilo? Você dando aula de psicanálise? O que você mudou?”. Eu parei, e me percebi assustado. Tive milhões de razões, ecológicas, econômicas, mas não fiz nenhum heroísmo, economicamente estava com muitos trabalhos feitos, já fazia minha análise pessoal, pois evidentemente tinha questões comigo. Eu tinha já seis anos de análise. Então, em certo momento, me encantei com isso e fui lá. Quando resolvi, procurar um analista que fosse da SBPSP, eu já conhecia todo mundo falando da sociedade, na época era a única, não a única, já existia o Sedes Sapientiae, mas era como se o próprio pessoal da sociedade dissesse que “os outros não são psicanalistas, nós damos o título de psicanalista”. Havia mesmo gente muito boa e uma formação muito boa, conservadora, mas boa. Então tirei um ano sabático e decidi não voltar para a engenharia, pois seria uma repetição. Não é nenhum heroísmo, nunca fui muito ligado a dinheiro em um sentido de acumulação, eu já tinha uma posição confortável. Fui aceito logo de cara, o que não era muito comum para um engenheiro. Daí me encantei com a psicanálise, não consigo explicar exatamente o que aconteceu, claro que questões em minha vida pessoal, uma série de coisas que me levaram a isso, felizmente deu certo, claro, poderia ter dado errado.

Como se dentro sempre tivesse tido uma inquietude, algo assim, pelo mistério das coisas, não fazer coisas já sabidas. Chegou um momento em que a curiosidade pelas coisas que não tem resposta me atraiu. Mas fui muito bem acolhido pelos colegas da sociedade. Seja através da análise ou desses conhecimentos gerais, não tive muita dificuldade de acompanhar os seminários e etc. Sempre uma curiosidade pelas outras coisas, não posso negar que Matte-Blanco representou para mim uma espécie de uma “rebeldia” em relação ao conservadorismo da sociedade, uma coisa mais ampla, não sei se eu poderia chamar de vaidade, mas alguma coisa assim de expandir de sair fora, de inovação, uma coisa nova.

**Renan Racy** - Acredito que em psicanálise, quando tentamos ficar em um movimento de reprodução em detrimento de produção, isso me parece minar o campo de tal forma que entramos em um modelo industrial de reprodução de técnicas, não de aprendizagem psicanalítica. Concordo com o senhor, me parece haver inúmeros autores, talvez até “infinitos”, dentro da psicanálise que praticamente nunca são comentados. Talvez esse seja um movimento necessário da psicanálise, deixar alguns autores “marinando” para depois recuperá-los, em uma época menos conservadora.

**Ignácio Gerber** - Sim, concordo com você.

**Renan Racy** - Na tese de doutorado da Parthenope Bion Talamo, intitulada “Metapsicologia e Metamatemática”, ela cita Matte-Blanco em determinado capítulo<sup>27</sup>. Com um W. Bion já muito mais velho, ela lhe questiona sobre o que ele pensava da obra de Matte-Blanco, ao que ele teria respondido que para qualquer leitor que tenha a intenção de entender qualquer conceito seu, deveria primeiro ser capaz de entender Matte-Blanco. Acredita que são teorias tão correspondentes assim? Ainda mais se levamos em consideração que ambos se conheceram ao final da vida, a teoria dos dois já bem desenvolvida e amadurecida. Tenho a impressão de que muita inovação sempre leva ao risco de ser excomungado, como ocorreu com Ferenczi também.

**Ignácio Gerber** - Claro, você vê como sempre me interessou essas questões, Ferenczi e o grupo ferencziano sempre me interessaram, essas coisas se ligam. “Revolucionários”, Ferenczi estava na origem, como Klein e etc., mesmo assim causou grandes avanços. A correspondência entre Bion e Matte-Blanco existe, sem dúvida nenhuma, embora nunca tenha havido um intercâmbio de colaboração. Matte-Blanco certamente leu Bion, até por isso foi convidado para escrever em seu memorial. Bion deve ter tido mais contato com Matte-Blanco pela tese de sua filha, não que ele o citasse diretamente. Cada um ficou em sua esfera, para explorar essa relação vale muito a pena este texto de Matte-Blanco no memorial do Bion.

**Renan Racy** - Antes de encerrarmos este fortuito encontro, o senhor poderia me dizer algo, de forma livre, sobre seu livro?

**Ignácio Gerber** - Olha, o livro [Inconsciente Nuvem Infinita] tem textos que escrevi ao longo de mais ou menos vinte anos. Foi muito interessante a proposta de uma

---

<sup>27</sup> Sobre este tema, ver a referência: Psicoanálisis – Revista de la Asociación Psicoanalítica Colombiana, Vol. XXVIII, Nº 2, 2016.

publicação de uma coleção de livros por autores da SBPSP que têm uma obra escrita<sup>28</sup>, acredito que já são uns oito publicados, mais o meu saindo agora. Para mim foi uma experiência rever textos mais antigos, dos mais diversos interesses, e ver que tem uma linha que vai passando por eles todos. Eu gosto muito dos últimos textos, que são três dos mais atuais. Um deles sobre música e psicanálise, a música é outra coisa que sempre me acompanhou, eu toco violoncelo, regi corais, etc.; a outra é psicanálise, *rêverie* e meditação e o outro é “Inconsciente, nuvem infinita”. E, como você até colocou, talvez o conceito que junte tudo isso é o conceito de infinito. Infinito com todas as acepções semânticas: Infinito como uma divindade, quando Bion coloca o “O” como, em sua expressão, um ato de fé. Como um sentido de uma apreensão “transcientífica”, ou melhor “translógico”. O inconsciente como uma “transconsciência”. Então, é aonde o livro chega, uma abertura para o desconhecido. Eu citaria um livro que li há pouco de Stuart Firestein: “Ignorância: Como ela impulsiona a ciência”. Um lindo livro em que quanto mais sabemos, mais se abre o campo da nossa ignorância. Isso diferencia, digamos, os que estão sempre dispostos a aprender, daqueles que se apegam ao que já sabem e não se abrem para sua ignorância. Assim acho que será sempre. Não tem fim. Enquanto estivermos aprendendo, estamos vivendo. Alguém que acha que não tem mais nada para aprender morreu, de alguma maneira. Ou deprimiu terrivelmente.

**Renan Racy** - Muito obrigado pelas palavras, pelas colocações e pelo seu tempo.

---

<sup>28</sup> Coleção “Escrita Psicanalítica”, coordenação de Marina Massi. Editora: Blucher, São Paulo, 2023